

TERESA DE SALDANHA

Uma vivência cristã no feminino

Rita Maria do Nascimento L. Nicolau

Abril 1996

ABREVIATURAS E SIGLAS

A.C.D.C.S. - *Arquivo da Congregação das Dominicanas de Santa Catarina de Sena.*

C.D.M.G.O.P. - *Colecção Documentos do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores.*

C.D.C.S. - *Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena.*

A.G. - *Ad Gentes.*

A. P. M. P. - *Associação Protectora das Meninas Pobres.*

E.N. - *Evangelii Nuntiandi.*

E.T. - *Evangelica Testificatio.*

G.S. - *Gaudium et Spes.*

I.D.I. - *Informaciones Dominicas Internacionales.*

L.G. - *Lumen Gentium.*

M.T.S. - M. R. THIAUCOURT, *Madre Teresa de Saldanha, vida e obra*, C.D.C.S.

O.R. - *L'Osservatore Romano, Edição semanal em português.*

P.C. - *Perfectae Caritatis.*

P.P. - *Populorum Progressio.*

R.C. - *Reflexão Cristã.*

R.M. - *A Missão de Cristo Redentor.*

SCRIS - *Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares.*

S.T.- *Sal Terrae*, revista de Teologia Pastoral.

S.R.S. - *Sollicitudo Rei Socialis.*

U.C.P. - *Universidade Católica Portuguesa.*

V.R.- *Vida Religiosa*, revista qincenal para Institutos Religiosos, Instituto de V. R. de Madrid.

V.S. - *La Vie Spirituelle.*

Prefácio

UMA MULHER QUE ULTRAPASSOU O SEU TEMPO

Teresa de Saldanha foi uma mulher do seu tempo, que ultrapassou o seu tempo. Sem fugir aos desafios do presente, soube abrir as portas do futuro. Tudo, porque teimou em ver com o coração o que os olhos lhe mostravam; porque entregou às exigências da fé, o que lhe moveu os sentidos; porque deu valor divino ao que estava desqualificado dos valores humanos.

Foi uma cristã leiga comprometida, que encontrou, ao saldar os compromissos apostólicos que lhe eram próprios, caminhos novos que a levariam mais além, de modo permanente, com generosidade redobrada e novas possibilidades de bem fazer. Encontrou, ainda, a urgência de responder à moção do Espírito que a viria a multiplicar em todas aquelas que penetraram no seu segredo e se dispuseram a viver a mesma aventura, as Dominicanas de Santa Catarina de Sena de que foi fundadora.

Foi a vida real e as pessoas concretas que lhe foram moldando o coração. Tanto para a delicadeza dos salões, como para a compreensão das misérias; tanto para a senhora com os fidalgos, como para a serva com os necessitados; tanto para tocar o coração dos ricos à generosidade, como para o dos pobres ao amor misericordioso. Teresa de Saldanha soube ser mestra, porque sempre soube aprender com Deus, com as pessoas e com as coisas. Por isso fez escola.

Os tempos eram difíceis e os desafios incômodos. Passar ao lado ou enfrentar as situações era a alternativa dos caminhos possíveis. As preocupações da fidalguia naquele século, não muito distante do nosso, andavam, normalmente, por ruas diferentes das que trilhavam os simples e os pobres. E até o clero se embrenhara nas lutas e querelas, sem tempo para o Evangelho e para as suas exigências. Por tudo isto, é mais eloquente o testemunho de Teresa de Saldanha. No meio das preocupações dos

grandes, entre os quais vivia, conseguiu ouvir o clamor dos pequenos e deitou mãos a uma causa que os iria proteger. Para nunca mais parar.

É urgente ressuscitar na Igreja em Portugal, as testemunhas do amor misericordioso, a gente de coração universal, os que se comprometeram com os pobres por amor, os que souberam optar pelo mais incómodo e difícil, movidos pela sua fé.

A Irmã Rita Maria trouxe, para todos nós, o fruto do seu trabalho de investigação e reflexão sobre uma faceta fundamental da personalidade de Teresa de Saldanha. Estamos-lhe gratos.

Teresa de Saldanha não é apenas património da Congregação. Também nos pertence, como portuguesa e como cristã. Conhecemo-la, viva e actuante, na sua família Religiosa, as Irmãs Dominicanas.

António Marcelino

Bispo de Aveiro

*A todas as Irmãs da Congregação:
à memória das que nos 'passaram o testemunho';
às novas gerações, para que,
com a audácia de Teresa de Saldanha,
semeiem, pelo mundo, pequenas comunidades
a dilatar e a perpetuar
os seus passos de misericórdia .*

Se a pastoral é a actualização da *praxis* de Jesus ao serviço do Reino, podemos afirmar que Teresa de Saldanha desempenhou, na Igreja portuguesa do século , uma notável acção pastoral.

Comprometida, inicialmente, como leiga cristã, consolida, mais tarde, o seu compromisso, ao fundar, em 1866, após a extinção das Ordens Religiosas de 1834, a primeira Congregação Religiosa Feminina: Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena

Divulgamos esta resposta pastoral, pioneira do ressurgimento da Vida Religiosa em Portugal, porque mantém a sua força motivadora e inovadora no hoje da História.

Agradeço o dedicado acompanhamento do Prof. Juan Martín Velasco, do Instituto Superior de Pastoral de Madrid, as sugestões sempre oportunas do Fr. Felicísimo Martínez Díez O.P. bem como o apoio de amigos que seria difícil enumerar.

À Universidade Católica - Faculdade de Teologia - e a todos os que tornaram possível a publicação desta obra, o meu reconhecimento.

Lisboa, Abril de 1996

Rita Maria do Nascimento Lourenço Nicolau

INTRODUÇÃO

“ Os fundadores souberam incarnar no seu tempo
com coragem e santidade a mensagem evangélica .
É necessário, que, fiéis ao sopro do Espírito,
os seus filhos espirituais continuem
este testemunho no tempo
imitando a sua criatividade com uma madura fidelidade
ao carisma das origens,
em constante escuta às exigências do momento presente.”
João Paulo II ¹

A figura dos fundadores tem sido, depois do Concílio, e por convite deste, objecto de estudo, de aprofundamento, como fonte de renovação, de actualização dos diferentes carismas, com que eles enriqueceram a Igreja.

Consciente dessa urgência, no momento em que a Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena está num processo de inculturação acentuado, propusémos-nos fazer um estudo sobre Teresa de Saldanha numa perspectiva diferente das que têm sido feitas. Pretendemos, deste modo, avivar a memória da sua inspiração e carisma fundacional, para escutarmos a sua voz profética e actualizarmos, onde quer que nos encontremos, o grande sonho da sua vida, o grande sonho da sua fundação Dominicana.

Numa primeira parte, apresentamos o contexto histórico-político, social e eclesial do Portugal de oitocentos, para entendermos melhor os desafios que lhe foram lançados e a audácia das suas respostas.

Abordamos seguidamente a pessoa : Teresa de Saldanha, como mulher e como fundadora. Damos algumas pinceladas do seu retrato humano-psicológico e do seu perfil religioso. A *vontade de Deus*, a *audácia* e a *prudência* foram os traços mais salientes da sua experiência de fé. A busca de Deus não desviou esta mulher do

¹ JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes no Congresso dos Institutos de Vida Consagrada*, 27 de Novembro de 1993, O. R., 3 Dez.1993, 7.

caminho das crianças, das raparigas, dos pobres. Soube descobrir nesse rostos famintos, nos pezinhos descalços e nas circunstâncias, o apelo a uma entrega radical, que depois se tornou exigência de uma fundação.

Na terceira parte, a mais longa, porque histórica, faremos a narração da fundação como “crónica de família”² para que, ao recordarmos as maravilhas operadas por Deus na sua vida, se siga, como ela seguiu, a Cristo com mais *parresía* e audácia criativa.

A Congregação é Dominicana, por opção livre e consciente de Teresa. São Domingos andava na sua família como que por tradição. E por isso, sentia uma grande ternura e admiração pela Ordem, devido à sua abertura e alegria, muito de acordo com o seu jeito liberal. Considerava-a muito adequada aos novos tempos e ao espírito da época. Quis uma Ordem antiga, mas adaptada aos tempos e aos usos populares do País.

Em toda esta história de seguimento e de fundação está patente uma clara opção preferencial pelos pobres. Opção que ela concretizou na abertura de escolas para educar as filhas do povo; no socorro e assistência aos necessitados e aos doentes; na inserção que promoveu nos bairros pobres e populosos e na pastoral operária junto das nascentes indústrias.

Na última parte vemos como esse carisma, outorgado pelo Espírito e acolhido e desenvolvido por Teresa de Saldanha, é actual na medida em que as seguidoras da sua obra, estiverem atentas, como ela esteve, aos desafios da História.

Depois de verificarmos a actualidade do seu projecto de vida religiosa, assinalamos alguns dos mais importantes desafios lançados hoje à Congregação. Desafio importante lançado hoje à Congregação é a redescoberta da Identidade da Congregação, tendo em conta os elementos essenciais de que Teresa a dotou: atenção e diálogo com as novas e diversas culturas e consequente pluralismo.

Para se realizar essa identidade requer-se: uma atitude de pobreza e despojamento, indispensáveis ao *aggiornamento* ; uma clara opção pobres, sobretudo

² J.B.METZ, *Las Ordenes Religiosas, Su misión en un futuro próximo como testimonio vivo del seguimiento de Cristo*, Herder, Barcelona 1978, 29.

no que esta opção teve de original em Teresa, o campo da educação; a capacidade de resposta audaz aos actuais apelos da Igreja no campo da nova evangelização e missão e a dilatação de pequenas comunidades de inserção em meios populares. Como nos tem repetido, de muitos modos e em diferentes circunstâncias, João Paulo II : " a criatividade das suas iniciativas pastorais, o seu amor pelos pobres, a mesma generosidade e abnegação que moveram os Fundadores, devem mover-vos a manter vivos os seus carismas."³

Toda esta renovação exige da Congregação uma grande abertura ao Espírito, que sopra onde quer (Jo 3,8) e é capaz de apontar os novos lugares de fronteira onde é urgente a presença simples, humilde, fraterna e evangélica de pequenas comunidades, faróis de Esperança, Paz e Verdade.

Elemento imprescindível da identidade desta família religiosa é a adoração e a contemplação, que não se definem pelo elevado número de práticas devocionais, mas por uma atitude existencial e holística de amor para com Deus, fonte da vida e da acção pastoral e para com a humanidade, sobretudo aquela que necessita mais de compaixão e solidariedade.

Exigência tanto maior, para uma Congregação que a Fundadora quis enraizada na árvore dominicana, que se distingue pelo amor à Verdade, pela inteligência da fé, através do estudo da Palavra, que será diariamente escutada, meditada, contemplada e ensinada.

Sabendo que, como diz Bridoux: “a memória do passado não é simplesmente um apêndice na nossa existência, uma espécie de ficheiro, para conservar a recordação da nossa vida, mas é o que lhe dá incontestável certeza da nossa identidade”⁴ , propusémo-nos, como método de trabalho, ler, escutar o que disse Teresa de Saldanha nos diversos momentos da sua vida e acção de fundação. Lemo-la situada no seu tempo, observando como ela vivia, como se posicionava ante os acontecimentos, como lhes respondia, etc.

³ JOÃO PAULO II, “*La Vida Consagrada*” in: *CONFER* nº 113 - Enero- Marzo , 1991, 30.

⁴ BRIDOUX cit. in: LATOURELLE, *A Jesús el Cristo por los Evangelios*, Sigueme, Salamanca 1982, 114.

Latourelle, na sua obra “*A Jesús el Cristo por los Evangelios*” afirma que na investigação histórica intervêm sempre elementos de subjectividade: a escolha da perspectiva e a opção afectiva. Acrescenta ainda que, o primeiro passo para a objectividade consiste em declarar abertamente a perspectiva que se adoptou.⁵ A nossa perspectiva é estudar Teresa de Saldanha como a mulher fundadora, que realizou um projecto pastoral.

Quanto à opção afectiva, é evidente que existem entre nós laços de família. Há uma simpatia, uma sintonia. Claudel citado na já referida obra de Latourelle diz que

“ para conhecer (connaître) há que nascer com (co-naître) ”⁶ . Foi isso que tentámos fazer. Num primeiro momento: tocar, ler, compreender alguns dos textos que Teresa de Saldanha escreveu com o próprio punho, a maior parte em português, mas muitos deles em francês ou inglês. Depois de um tempo longo de convivência, aproximação afectiva profunda, espanto e admiração, tentámos distanciar-nos, isto é, dar menos lugar à afectividade e mais à objectividade sabendo, contudo, que a objectividade é, antes de tudo, procura da objectividade.

Valorizámos a sua pessoa e acção no tempo e no espaço, para melhor apreciar e julgar. O tempo foi para nós, fonte de distanciamento e aprofundamento, cientes de que, ao “renovar a inteligência do passado, a história renova a possibilidade do futuro”⁷

Depois de seleccionados os textos, que mais estavam de acordo com o nosso objectivo, trabalhámo-los com amor à verdade, que conduz sempre à liberdade.

(Jo 8,32)

⁵ Cf. LATOURELLE, *ibid.*, 118 -119.

⁶ P. CLAUDEL cit. in: LATOURELLE, *ibid.*, 119.

⁷ LATOURELLE, *ibid.*, 121.

CAPÍTULO I

CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL E POLÍTICO DE PORTUGAL NO SÉCULO XIX

1 - Um século de revoluções e de inovações

No século XIX, Portugal vê-se confrontado com grandes e graves problemas. Na primeira década são as Invasões Francesas, que pretendiam aprisionar o rei D. João VI e o governo. O rei foge para o Brasil e o país fica ao saque dos invasores e ao cuidado dos britânicos, que trazem novas influências e ideologias.

As novas ideologias vindas da Europa, vão dividindo o país, que deixa de ser a velha nação portuguesa, consistente e homogénea, para se transformar num mosaico de opiniões e de grupos desavindos.

Assim, surgem, nos anos vinte, as lutas fratricidas entre duas correntes políticas: os miguelistas, defensores da monarquia absoluta; os liberais, defensores da monarquia parlamentar, encabeçados por D. Pedro, irmão do absolutista D. Miguel.

Depois de muitas batalhas, revoluções e contra-revoluções que se prolongam de 1820 a 1834, vencem os liberais.⁸

O país estava desmantelado. As lutas civis entre as duas facções, que se formaram dentro do liberalismo, eram, além disso, agravadas por ameaças de cisma religioso, pela criação galicana de cargos eclesiásticos, sem a participação da Santa Sé.

⁸ Cf. J. AMEAL, *História de Portugal*, L. T. Martins, Porto 1940, 607.

Vivia-se “ um verdadeiro terramoto social, de que Lisboa foi o epicentro”⁹ tal era o ambiente de desordem vivido nesse tempo em que eram frequentes as execuções públicas de dissidentes políticos das revoluções anteriores, ou de criminosos.

A vida política tornava-se cada vez mais dramática e tempestuosa: havia pronunciamentos de chefes militares, que provocavam irreprimíveis agitações plebeias. Sucederam-se várias lutas que deixam o país cheio de sangue e ódios.

Em 1846 a revolta da Maria da Fonte pôe no poder um triunvirato das campanhas do liberalismo: Palmela, Saldanha e o Duque da Terceira. Como não agradam a todos, sucedem-se as contra-revoluções.

Assim decorrem estes anos em que o declínio se acentua. Alexandre Herculano, grande e autorizado escritor da época, diz amargamente: “ Isto dá vontade de morrer. A alguns parece, de facto, que a própria nação entrou nos transe da agonia.”¹⁰ O desencanto político é generalizado.

Por outro lado, assiste-se a uma ascensão da nova burguesia, dada ao comércio e à indústria. As diferenças sociais acentuam-se: os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais miseráveis. A grande maioria do povo vive do trabalho do campo, dos serviços como criados em casa dos nobres, ou como operários numa indústria incipiente.

A vida das crianças, jovens e mulheres era de marginalização e mesmo de miséria, sem acesso à escolaridade: “ Pela cidade era frequente encontrar rebanhos de pequenitos a brincar nas escadas, esfrangalhados, sem meias, sujos e de carinhas pálidas e amarelentas. Lojas térreas, húmidas, impossíveis de Inverno; um cheiro de trapo podre a exalar-se daquilo tudo.”¹¹

Em Portugal, vivia-se, no século XIX, sob o signo do desencanto e da desilusão. O ambiente anti-clerical e anti-congregacionista era generalizado. Foi em 1834 que um decreto de Joaquim António de Aguiar, Ministro da Justiça, extinguiu

⁹ V. SÁ, *Lisboa no liberalismo*, Livros Horizonte, Lisboa 1992, 5.

¹⁰ Cit. in: J. AMEAL, *ibid.*, 96.

¹¹ V. SÁ, *ibid.*, 91.

todas as Ordens Religiosas. Contudo, o povo continuava a ser profundamente religioso, sobretudo nas zonas rurais. Segundo o testemunho do príncipe Felix Lichnowsky, que nos visitou em 1842, a crença popular manifestava-se mesmo exuberantemente, comparada com o que se passava além fronteiras: “ Não tem sofrido coisa alguma a religiosidade do povo, o que é particularmente digno de elogio, se isto se compara com a desmoralização das grandes cidades espanholas”¹² No Portugal do século XIX, encontramos, portanto, decadência geral e desejo de regeneração, mesmo da parte de alguns políticos e pessoas influentes.

Os principais factores da decadência eram, segundo alguns, as invasões estrangeiras com todo o cortejo de novas ideias, sobretudo o liberalismo que originara o relaxamento moral.

Para a regeneração impunha-se um regresso a governos doutrinalmente mais seguros e politicamente desligados de contaminações estrangeiras; mais favorecedores da religião e dos seus agentes.¹³

2 - Uma Igreja em crise

Todo o ambiente vivido em Portugal, no século passado, condiciona a vida e a acção da Igreja, como não podia deixar de ser. As frequentes convulsões políticas, as próprias ideias liberais difundidas por toda a parte, mostravam-se contrárias ao catolicismo e à Igreja. Contudo, tanto a Constituição de 1822 como a Carta Constitucional de 1826, outorgada por D. Pedro IV reconhecia: “ A religião católica, apostólica, romana continuará a ser a religião do Reino” (artigo 6º) .

¹² M. CLEMENTE, *Nas origens do apostolado contemporâneo em Portugal - A "Sociedade Católica" (1843 - 1853)*, U.C.P., Braga 1993, 26.

¹³ Cf. M. CLEMENTE, *A Igreja e o Liberalismo, um desafio e uma primeira resposta*, in: *Communio*, Revista Internacional Católica, Ano IX, nº 6, Lisboa 1992, 62.

No entanto, o mesmo rei deu início a uma perseguição feroz contra a Igreja e contra o clero. Por outro lado, convinha que o clero mediatizasse não só o espírito do Cristianismo como também o do liberalismo. Mas, efectivamente, a Igreja condenara o liberalismo e a maçonaria, embora houvesse muitos membros do clero activos em diversas Lojas. Um notável escritor, Alexandre Herculano escreveu: “ A guerra entre o Evangelho e o progresso era absurda, era a guerra entre luz e luz, não entre luz e trevas.”¹⁴

A visão conciliatória foi dificultada pelas tomadas de posição do papa Pio IX, com a anatematização da modernidade na encíclica *Quanta Cura*, publicada em 8 de Dezembro de 1864 e no *Syllabus* com a dogmatização da infalibilidade papal. Estas eram, aos olhos dos liberais, a expressão do absolutismo da Igreja e da corrupção da própria originalidade do cristianismo, revelador do obscurantismo mental dos clérigos.

O combate à Igreja é necessário para limitar a sua acção e influência na sociedade e permitir o surgimento das novas ideias de justiça social. As relações entre a Igreja e o estado são conflituosas. A Igreja sente-se humilhada pela política regalista dos governos liberais de inspiração maçónica. As reacções aos documentos pontifícios, tanto de adesão como de recusa, têm lugar, sobretudo, na imprensa, onde se desencadeia um vivo e aceso debate.

A hierarquia não poderia publicar qualquer documento emanado da Santa Sé sem prévia licença dos órgãos do governo *Beneplicito Régio*. Esta intromissão do governo nos assuntos da Igreja, levou a hierarquia a atitudes de medo e de cobarde silêncio. Regalismo e ultramontanismo coabitam em Portugal no século XIX.¹⁵

O clero intrometia-se abusivamente nas questões políticas, como refere o historiador Manuel Clemente: “ um religioso que pregava, com animada gesticulação, diante de uma apertada multidão de pios ouvintes e, ao mesmo tempo, ia misturando

¹⁴ A. HERCULANO cit. in: A. MATOS FERREIRA, *Perspectivas sobre o Catolicismo no Portugal Contemporâneo (1820 - 1958)*, U.C.P., Lisboa 1988, 13.

¹⁵ Cf. A. MATOS FERREIRA, *ibid.*, 13 - 15.

toda a sorte de alusões políticas com textos sagrados." ¹⁶ A divisão do clero era grande. A maior parte fora partidário do regime absolutista, vencido pelos liberais. Muitos religiosos, expulsos dos extintos conventos em 1834, viviam em precárias condições. Sem centros idóneos de formação sacerdotal, o estado do clero português era deprimente. Às parcialidades políticas que o dividiam, juntava-se a ignorância doutrinal e até algum deslize moral. Decrescera também o seu número. Entre 1820 e 1824 o número de padres seculares baixara de 24.000 para 10.000. Apesar de se lhes terem juntado alguns dos religiosos exclastrados, não era suficiente nem numérica, nem qualitativamente, continua o mesmo historiador.¹⁷

Devido à insuficiência de clero e à pouca preparação e motivação evangélica, a assistência religiosa ao povo era escassa. Lisboa era, em meados do século, uma das terras em que o ensino da doutrina andava mais esquecido. Se havia alguns sacerdotes diligentes na missão, eram apodados de fanáticos. Por isso, em muitos casos, a religião e a sua prática eram reduzidas a mera formalidade e costumes.

Os próprios templos encontravam-se fechados a maior parte do dia, mesmo nos santificados; os púlpitos limitados a panegíricos. A instrução religiosa era praticamente nula, a educação moral da mocidade totalmente entregue aos mestres seculares das escolas. Tudo isto porque o clero estava mal preparado, desmotivado, manipulado.¹⁸

O historiador da actualidade, Matos Ferreira, opina que o ideário liberal advogava uma profunda transformação da Igreja, e pretendia que esta assumisse uma função moralizadora na sociedade, concretamente, face aos novos valores da revolução: liberdade, igualdade e fraternidade. Não se negava a presença da Igreja, mas exigia-se-lhe outro tipo de actuação na sociedade. Neste sentido, um escritor da época, António Feliciano Castilho, preconiza em 1850, reformas para o clero. Esta é

¹⁶ M. CLEMENTE, *Nas Origens do Apostolado contemporâneo em Portugal*, *ibid.*, 27.

¹⁷ Cf. *Ibid.*, 26.

¹⁸ Cf. F.de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, III, Liv. Civilização, Lisboa 1970, 256-261.

uma questão sempre presente ao longo do século, o que revela que a influência da Igreja na transformação da sociedade era posta em causa.¹⁹

3 - *Vida Religiosa: hostilidade e ressurgimento*

Desde o século XVIII que a Vida Religiosa era objecto de hostilidade, a qual se manifesta não só com a expulsão dos Jesuítas no tempo do Marquês de Pombal, mas também com as proibições régias de admissão de noviços nas ordens monásticas no ano de 1791.

Em 1789, criou-se a *Junta do Exame do estado actual e melhoramento temporal das Ordens Religiosas*, com o fim de promover reformas nas Congregações.

No tempo das lutas liberais, D. Miguel extinguiu essa Junta, em 1829, a pedido das próprias Ordens, que contestavam os seus abusos. Após a vitória liberal, foi ressuscitada, em 1833, para colaborar na abolição dos conventos.

As Ordens Religiosas caminhavam, pois, para a dissolução, embora nelas se não tivesse extinguido o espírito de piedade ou de beneficência. Quando chegou a sentença de morte, encontrou-as moribundas. Já em 1821 se suspenderam as admissões e entradas de noviços do sexo masculino, nas Ordens Religiosas. O estado intervinha constantemente nos assuntos internos dos Institutos Religiosos. Alegando que precisavam de reforma, abusavam e confiscavam os seus bens. Um decreto de 5 de Agosto de 1833 proibia a admissão de novas vocações. Assim, foram sendo suprimidas várias casas religiosas. Portugal assistiu, durante dezenas de anos, ao agonizar lento da vida religiosa; o mosteiro fechava-se ao desaparecer a última professa, e os bens, com o imóvel, eram incorporados na Fazenda Nacional.²⁰ Quanto aos conventos masculinos, apressou-se o liberalismo a extingui-los, prontamente,

¹⁹ Cf. A. MATOS FERREIRA, *Perspectivas sobre o Catolicismo...* ibid., 28.

²⁰ Cf. Fde ALMEIDA, ibid., 270 - 293.

confiscando-lhes os bens para pagamento das indemnizações aos heróis da causa liberal.

Em 28 de Maio de 1834, o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça, Joaquim António de Aguiar, redigia e assinava um decreto em que determina:

“Artº. 1º - Ficam desde já extintos em Portugal, Algarve, Ilhas Adjacentes e domínios portugueses todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer casas de religiosos de todas as Ordens Regulares, seja qual for a sua denominação, instituto ou regra.”²¹

Uma das razões desta extinção foi, segundo o historiador António Martins da Silva, dar um golpe nos pilares dos absolutistas e alargar a base social de apoio ao regime liberal, ao dividir pelos cidadãos os bens expropriados aos conventos, que se tornariam, portanto, defensores do regime que lhes deu acesso à propriedade. Por outro lado, obtinha o estado meios para fazer face à dívida pública, se vendesse esta enorme massa de riqueza nacionalizada.

Foram extintas 448 casas religiosas: 356 conventos masculinos, dos quais saíram 6.289 pessoas entre frades e criados; doze conventos femininos, visto que estes permaneciam abertos até à morte da última religiosa professa.²²

Depois destes duros ataques, surgem, por volta de 1846, os primeiros esforços públicos para o regresso das Ordens Religiosas. Por sintomática coincidência, tudo se iniciou numa reunião na casa dos Dominicanos Irlandeses do Corpo Santo. Ali se reuniram diversas personalidades, que tomaram a iniciativa de solicitar o regresso das Ordens Religiosas, que as liberdades estabelecidas na Carta não contrariavam.²³

As relações diplomáticas foram reatadas entre Portugal e a Santa Sé em 1841 e assim, de acordo ainda com o historiador, António de Matos, a situação da Igreja

²¹ Cf. J. G. GASPAR J., *A diocese de Aveiro - subsídios para a sua história*, Cúria Diocesana de Aveiro, Aveiro, 1964. 148 - 151.

²² Cf. A. MARTINS DA SILVA, *A desamortização*, in *História de Portugal*, V - *O Liberalismo*, direcção de José Mattoso, Círculo de Leitores, Lisboa 1993, 340 - 341.

²³ Cf. J. BORGES DE MACEDO, *O anticlericalismo em Portugal no séc. XIX* in: *COMMUNIO*, Revista Internacional Católica, nº 5 (Set. / Out.), Lisboa 1985, 6.

ganhava corpo. Em 1858 já uma lei determinava que houvesse um seminário em cada diocese do Reino e Ilhas. Esta reorganização dos seminários vai implicar a vinda para Portugal de várias Ordens Religiosas, que vão ser colocadas à frente da reforma desses institutos de formação de clérigos como por exemplo, os Lazaristas. Também os Jesuítas começam uma lenta reorganização a partir de 1848 com o P. Redemaker, bem como os Franciscanos em 1860 e os Beneditinos em 1888.²⁴

A 31 de Outubro de 1848 é assinado, em Lisboa, um projecto de acordo entre Portugal e a Santa Sé, o qual autoriza novas profissões religiosas dentro de “restritos limites e concretamente definidos.”²⁵ Este projecto, embora permanecesse letra morta, revela que em Portugal alguma coisa está a mudar.

Em 1857 entram, com licença do monarca português, D. Pedro V, e a pedido de um grupo de senhoras, dentre as quais figurava a mãe de Teresa de Saldanha, as Irmãs da Caridade Francesas. Vinham tratar dos doentes da cólera *morbis*. Entretanto, além do serviço dos doentes, ocuparam-se também do ensino dos órfãos. Este foi um dos motivos que levou os jornais anticongregacionistas a empreender uma luta que chegou ao Parlamento. É nestes termos que se fala: “ Ora as Irmãs francesas e os Padre Lazaristas, em vez de se ocuparem dos enfermos - como faziam as irmãs portuguesas até 1857 - dedicavam-se ao ensino, com o objectivo de educarem a seu modo uma geração e depois a dominarem.”²⁶

Se por um lado havia estes ataques, por outro, havia quem defendesse o “estabelecimento das Irmãs tão necessário num país onde não existia a educação das mulheres das classes pobres”.²⁷ As opiniões dividiram-se no próprio Parlamento.

Em Março de 1862 o governo apresentava às câmaras uma proposta de lei, pela qual proibia a existência de comunidades, congregações ou corporações religiosas

²⁴ A. MATOS FERREIRA, *ibid.*, 10.

²⁵ Cf. M. TRINDADE, *Portugallo; V. 1834 -*, in: *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, Vol. VII, Pi o II Rzedka, Paoline, Roma 1983, 126 - 131.

²⁶ Maria do Céu CRISTÓVAO, *A Questão das Irmãs da Caridade, Estudo de opinião pública (1858 - 1862, mimeografado: F. de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1972, 80.*

²⁷ Cf. F. de ALMEIDA, *História da Igreja.....*, *ibid.*, 104.

de ambos os sexos, introduzidas ou modificadas depois da publicação dos decretos de 1833 e de 1334.

Ainda a má vontade contra as Irmãs Francesas continuava no Parlamento, quando veio um barco de guerra francês para as recolher²⁸

Esta expulsão, como veremos, foi o estímulo para uma nova fundação portuguesa, no ano de 1866. Além da Congregação Dominicana de Teresa de Saldanha, nasceu uma Franciscana, em 1871. Entretanto, um pouco na clandestinidade, surgiam outras Congregações vindas do estrangeiro. As Doroteias chegaram em 1866; as Irmãs do Coração de Maria, em 1871. Em 1881 regressavam novamente as Irmãs de S. Vicente de Paulo. Nas duas últimas décadas do século XIX chegam a Portugal, mais de uma dezena de Congregações femininas e muitas masculinas. Contudo, a vida dos Institutos religiosos não era fácil. Havia tensões aqui e ali, que punham em sobressalto as Congregações, fazendo perigar os seus membros e a sua missão.²⁹

4 - A situação da mulher no Portugal oitocentista

No início do século XIX, a população de Portugal continental orçava por 2.912.673 de pessoas, das quais 1.498.841 eram mulheres. A maior parte destas ocupavam-se no serviço da casa, nas tarefas agrícolas. Há, porém, algumas que se dedicam a profissões femininas: costureiras, criadas de servir, operárias.

A mulher ocupa o seu lugar na família. É educada para ser boa mãe, esposa submissa e dona do lar. Nesse sentido, interessava que aprendesse, sobretudo, valores morais e sentimentais. O conteúdo intelectual da educação feminina era praticamente

²⁸ Ibid. 101 - 108.

²⁹ Cf. M. TRINDADE, *Portugallo, V. 1834 -*, *ibid.*, 126 - 128.

nulo. Nas classes mais elevadas, a mulher aprendia, normalmente, a ler, escrever e contar, e tinha alguns rudimentos de línguas vivas, em especial francês, doutrina cristã, princípios e regras de civilidade e uma aprendizagem apurada das “prendas próprias do sexo feminino”, em particular, trabalhos de agulha.³⁰

A opinião corrente, já então, é que a mulher deve estar sujeita ao homem, porque depende dele. Os varões devem ser educados nos colégios e as meninas devem ficar em casa sob a orientação da mãe: “em toda e qualquer classe, em todo o estado de fortuna, a mãe é a única educadora e a ninguém pode, em regra, ceder esse direito e essa obrigação.

Nos finais do século, começam a aparecer ideias diferentes quanto à educação da mulher, tendo em conta a influência que ela pode ter na vida social, pela sua acção educativa junto das crianças. Eis o parecer de um liberal católico: “um homem educado pode deixar os filhos por educar, uma mulher não os deixará decerto” e ainda “cada uma das meninas a quem se dá ensino é uma escola que se funda”³¹

³⁰ Cf. M^ª Irene VAQUINHA e R. CASCÃO, *Evolução da sociedade em Portugal: a lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa*, in: *História de Portugal*, dir. J. Mattoso, V vol. Círculo de Leitores, Lisboa 1993, 448 - 452.

³¹ J. SERRÃO, *Da situação da mulher portuguesa no século XIX*, Livros Horizonte, Lisboa 1987, 21-22.

³¹ R. CARVALHO, *História do ensino em Portugal*, F.C. Gulbenkian, Lisboa 1986, 602.

CAPÍTULO II

TERESA DE SALDANHA - A MULHER FUNDADORA

*" O sentido pela vida
é, tipicamente,
próprio da mulher"*

Anna Maria Balducci ³²

É difícil falar de uma pessoa, independentemente da obra que realizou, da vida que viveu, das relações que criou. É na vida concreta que cada um se revela: o que é, qual o sonho que acalentou, as opções que orientaram o seu existir e lhe foram abrindo caminhos. É o que J.B. Metz definiu como “ Teologia biográfica, um relato de história pessoal ante Deus, formulado e condensado conceptualmente.”³³

Falar de Teresa de Saldanha, implica uma referência permanente, à história de salvação que Deus quis realizar através da sua vida, através da sua obra. Por isso, chamamos a este capítulo: Teresa de Saldanha, a Mulher Fundadora.

Embora consciente de que o ser humano é uma unidade, em que não existe dicotomia entre o psíquico, o físico e o religioso, tentaremos enfocar, separadamente, essas dimensões inseparáveis. Falaremos de alguns aspectos da sua personalidade humana e, seguidamente, das principais vertentes da sua experiência religiosa: a vontade de Deus a audácia e a prudência. Na alínea seguinte, veremos como na inspiração e acção de Teresa se encontram os requisitos necessários e fundamentais para que ela possa ser considerada fundadora.

³² A.M. BALDUCCI, *Repensar la cultura hoy*, in: IDI, n. 324, Noviembre 1994,179.

³³ J. B. METZ, *Teologia como biografia* in: *Concilium* , 115, 1976, 209.

1. Esquema biográfico de Teresa de Saldanha

1837 - Teresa de Saldanha nasce em Lisboa - Portugal no dia 4 de Setembro. Seus pais foram: João Maria de Saldanha Oliveira e Sousa e Isabel Maria de Sousa Botelho - Terceiros Condes de Rio Maior. Tem dois irmãos: o António, mais velho catorze meses e o José, mais novo dois anos.

É baptizada no dia a seguir ao nascimento, na capela do Palácio da Anunciada, sua casa paterna. É-lhe dado o nome de Teresa Rosa Fernanda de Saldanha Oliveira e Sousa. Foram padrinhos o avô materno, D. José Luís de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos e a avó paterna D. Leonor Ernestina de Carvalho Daun Lorena.

1840 - Estado de saúde débil e preocupante. A família deixa, temporariamente, o palácio da Anunciada e vai residir para junto dos avós maternos. A pequena Teresa é muito sensível e só consegue adormecer ao som do piano tocado pela sua mãe. Graças à dedicada persistência desta, a criança recupera, lentamente, a saúde. É nesta idade que ela aprende a ler, mostrando um raro talento para tudo, grande amor pelo estudo. Gostava de dar lições aos irmãos, tomando o lugar da mãe com todo o propósito.

1842 - Com cinco anos, Teresa segue, correctamente, as Celebrações litúrgicas com o missal. É entregue à orientação espiritual do Padre Lourenço Richmond, da Igreja dos Inglesinhos, em Lisboa. Este sacerdote “conheceu tão bem a beleza daquela alma que a quis cultivar para o Senhor, e lhe tinha uma afeição acima de todos.”³⁴ Ensina-lhe o catecismo e confessa-a pela primeira vez quando tinha sete anos.

1848 - Teresa recebe o sacramento da Eucaristia, juntamente com o seu irmão António, no altar de Nossa Senhora da Conceição, na Igreja dos Inglesinhos. Este encontro com Jesus marca-a profundamente.

1849 - O seu nome aparece como membro da Associação de N^ª Senhora Consoladora dos Aflitos, fundada por sua mãe com o objectivo de socorrer a pobreza envergonhada de

³⁴ Marquesa de Rio Maior, *Fundação...*, *ibid.*, 21.

algumas famílias, incentivando os mais abastados à partilha de bens e de tempo. A mãe inicia-a, deste modo, na prática da misericórdia.

Além da formação espiritual e sócio-caritativa, a mãe preocupa-se com o seu desenvolvimento intelectual. Ela própria lhe ensina Português, História, Francês, Inglês, Alemão e os princípios de música. Para o restante, é acompanhada por exímios mestres. Aprende e revela grande talento para a música e para a pintura. Tinha um ardor pelos estudos que era a alegria de todos os seus mestres que a davam por exemplo.

1852 - Foi atingida por uma epidemia da época que vitimou a Princesa Amélia, única filha da Imperatriz, Duquesa de Bragança. O médicos acham-na perdida. A mãe com imenso amor só pensou em tratar da filha para arrancá-la das garras da morte. Consegue-o graças à sua inteligência e zelo materno. Dentro de um ano estava completamente restabelecida; tinha dezassete anos e era linda ! Nessa época, Teresa não pensava ainda na sua vocação.

1855 - Primeiro grande apelo ao seguimento radical de Jesus, quando pinta o *Ecce Homo*.

No dia 8 de Dezembro faz uma promessa ao Senhor, que foi um laço, uma aliança interior, que guardou sempre no jardim secreto do seu coração.

No ano seguinte redige um escrito místico, onde fica patente a sua opção fundamental: a exclusividade de Deus , como o grande amor da sua vida e a recusa de toda a mundanidade, para mais livre e incondicionalmente se colocar ao serviço dos pobres, a quem já distribuía bens: “ Vós sabeis a alegria que sinto quando considero que mais de um ano decorreu já, desde que o meu coração, pela primeira vez, ardeu em desejo de Vos possuir, meu amado e doce Jesus, por meu único Senhor e Mestre (...) Nada neste mundo me encanta ou me atrai.”³⁵

1859 - Funda, com algumas amigas, a Associação Protectora das Meninas Pobres, aprovada por um breve de S. Santidade o Papa Pio IX, de 21 de Abril de 1863, com a ideia de

³⁵ MARQUESA DE RIO MAIOR, Fundação..., Ibid., 21.

socorrer as aulas externas e as crianças pobres, “acostumando as ricas a tratar de coisas sérias.” Faz parte da direcção da mesma ao longo de toda a sua vida. Esta Associação ainda hoje existente, deu formação académica a muitas gerações de jovens do sexo feminino que, de outro modo, não tinham acesso à escolarização.

1862 - Dirige, em Lisboa, o Colégio de Santa Marta para Meninas Pobres, auxiliada pelas Irmãs de S. Vicente de Paulo, que nesse mesmo ano são expulsas de Portugal, por entre a agitação da opinião pública, vivendo-se momentos conturbadíssimos, dada a politização da religião. Esta saída compulsiva das religiosas francesas foi um duro golpe para a jovem Teresa. Pensando ingressar nesse Instituto Religioso, viu os seus planos truncados por um lado, por outro, sentiu fortemente o abandono em que ficavam todas as casas de assistência orientadas por essas irmãs. Perante o desolador espectáculo, não se deixa cair no desânimo. Empreende iniciativas para colmatar a falta sentida pela ausência das beneméritas religiosas, abre uma escola da Associação Protectora das Meninas Pobres, no Largo do Rato, em Lisboa.

1864 - Adoece com uma estranha ferida na testa e é submetida a uma intervenção cirúrgica. Durante este longo *deserto* amadurece e interioriza mais a relação pessoal com Deus. Sente fortemente o desejo de se entregar totalmente ao Senhor. Lembra-se constantemente das palavras do Padre Wiseman: “Ele dizia-me que fosse sempre fiel a Nosso Senhor, que vivesse para Ele. Os contínuos conselhos que este santo padre me deu, parece-me os tenho gravados na minha memória e a lembrança está tão viva como se agora mesmo os acabasse de ouvir.”³⁶

É nesta ocasião que revela, pela primeira vez, a sua mãe a decisão de ser religiosa. Decisão essa, cada vez mais difícil, dado o já referido anti-clericalismo e anticongregacionismo que se vivia. Em carta dirigida a sua cunhada, grande confidente e auxílio no audaz projecto da fundação, dá-lhe conta da sua intenção de entrar para as Irmãs da Ordem Terceira de S. Domingos, estabelecida em Stone, na Inglaterra, para a qual estava já aceite. Contudo, devido às imensas dificuldades que se lhe apresentam de ingressar nessa Congregação, sente o desejo de realizar algo novo: uma fundação

³⁶ T. SALDANHA, *Escritos pessoais* in: A.C.D.C.S. cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S.*, C.D.C.S., Lisboa 1987 ², 11.

religiosa vocacionada para o serviço incondicional aos mais pobres e desfavorecidos da sociedade. A vontade de trabalhar para uma fundação em Portugal, é uma tentativa de renovar o estado de coisas, relativamente à acção religiosa no País.

1866 -Depois de muitas incompreensões quer dos mais altos representantes da Igreja, quer dos seus familiares, e, sob o maior sigilo, Teresa de Saldanha vê realizado o seu sonho ao enviar, no dia 7 de Novembro, as duas primeiras vocacionadas da nova Congregação: Harriet Martin, inglesa e Maria José de Barros e Castro, portuguesa. Vão para a Irlanda fazer o Noviciado num Convento de Dominicanas Contemplativas. Teresa tenciona juntar-se às duas primeiras Irmãs na Irlanda, mas é impedida por seu pai. Só muitos anos mais tarde é que ingressará na Congregação que fundou.

1868 -No dia 25 de Fevereiro fazem a Profissão Religiosa as duas primeiras irmãs. Depois de alguns meses de estágio em casas de assistência e hospitais das Irmãs da Caridade, em Irlanda, as duas enviadas, regressam a Lisboa, no dia 13 de Novembro, na qualidade de Irmãs: Maria Madalena e Maria José.

Ao chegarem a Lisboa são acolhidas na primeira casa da Congregação, às Portas da Cruz, em Lisboa. Aí dirigem uma das escolas da Associação Protectora das Meninas Pobres, já existente, e começam uma intensa acção sócio-caritativa no imenso bairro pobre, onde se encontravam.

Estava fundada a primeira Congregação Religiosa Portuguesa, após a extinção de 1834: Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena. Às duas primeiras vocações, outras se vão juntando e a obra vai crescendo.

Datam deste ano as últimas produções pictóricas que se conhecem de Teresa. Estamos perante o momento da renúncia à pintura. Afirma-se o seu carisma de Fundadora.

1871 - Abre o noviciado em Portugal, na casa das Portas da Cruz, Lisboa, sob a orientação de duas monjas do Convento de Drogheda, Irlanda.

1872 - Morre o Conde de Rio Maior, no dia 27 de Agosto. Este acontecimento, embora extremamente doloroso para Teresa, facilitou a sua dedicação à nascente Congregação.

Além da liberdade de actuação, recebeu alguns bens de herança que contribuíram para o desenvolvimento da obra.

1877- Devido ao aumento das vocações, a casa das Portas da Cruz tornou-se exígua para as acolher. Assim, Teresa que recebera, por morte de seu pai, alguns bens de fortuna compra a casa e a quinta em S. Domingos de Benfica, onde fixa a casa-mãe e o noviciado da Congregação. Abre também um colégio para educação de meninas e uma escola para crianças pobres. Antes ainda de ser religiosa, Teresa deixa a casa paterna e fixa a sua residência em S. Domingos de Benfica de onde orienta a Congregação.

Outras Comunidades são abertas, duas casas de assistência: Colégio da Regeneração em Braga e na sede da Associação de Nossa Senhora dos Aflitos, em Lisboa, fundada pela sua mãe, abriu o Asilo para invisuais.

1878 - Consegue, da parte do governo, licença para ocupar alguns dos antigos Conventos de Dominicanas Contemplativas em extinção, abrindo aí escolas gratuitas para crianças pobres: Cristo Rei Salvador, Lisboa; Santa Joana, Lisboa; Santa Joana, em Aveiro; Sacramento em Lisboa.

1887 - Ano de grandes acontecimentos na vida de Teresa. Vê, finalmente, realizado o grande sonho da sua vida: a entrada na Congregação que fundara. No dia 18 de Abril inicia o Noviciado com a tomada de hábito. É dispensada pelo Papa Leão XIII dos sete meses que lhe faltavam para o ano canónico e emite os seus votos religiosos no dia 2 de Outubro.

É eleita primeira Superiora Geral da Congregação a 9 de Novembro, apesar de não ter os anos de profissão requeridos para exercer tal cargo, com licença do Papa Leão XIII, por um Breve de 21 de Dezembro de 1887. A tomada de posse foi no dia 15 de Janeiro de 1888, na capela da Casa de S. José, em S. Domingos de Benfica.

1889 - Decreto de louvor e aprovação da Congregação a 6 de Setembro por S.S. o Papa Leão XIII.

1890 - Morte da sua mãe a 24 de Abril. É nestes termos que a ela se refere a oração fúnebre:

“ Uma vida florescente de virtudes não podia fechá-la senão uma morte preciosa aos olhos de Deus e dos homens. E tal foi a da ilustre senhora: como o fruto maduro se desprende da árvore sem violência, assim foi a sua partida.” Rica de caridade, como nos demonstram as suas próprias palavras: ‘Nas visitas que fazemos aos pobres, a nossa alma purifica-se, sentimo-nos mais perto de Deus, e desapegamo-nos com mais facilidade, do mundo e das suas vaidades. A esmola, que suavisa a sorte do pobre que recebe, purifica o coração do rico que dá.. Do contacto que temos com os pobres provêm dois bens: abaixarmo-nos e elevá-los a eles.’ Assim termina o elogio fúnebre: “ Descansa em paz alma nobilíssima! Já que tanto amaste os albergues, onde entre lágrimas se aninha a dor sobre os infelizes que tanto te amaram em vida e hoje te choram na mais saudosa orfandade; continua a socorrer do céu aqueles a quem na terra abrias amorosa o coração.”

1892 - No dia 2 de Outubro, festa do SS.mo Rosário, Teresa faz a Profissão Perpétua nas mãos de Sua Em.cia o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José III, na capela da Casa-Mãe, em S. Domingos de Benfica. A Congregação continua a prosperar e a crescer, respondendo aos muitos pedidos que lhe são endereçados, abre novas obras de ensino e assistência em Santarém e no Porto.

1899 - Aprovação das Constituições a 18 de Dezembro, por S.S. o Papa Leão XIII. O Despacho da Congregação dos Bispos e Regulares é de 9 de Janeiro de 1900.

Abertura de uma Escola gratuita no Algarve e do Sanatório para crianças tuberculosas, sob o patrocínio da rainha de Portugal, Dona Amélia de Orleães, no Outão, Setúbal.

1900 - No dia 9 de Janeiro chega a bula de aprovação das Constituições.

1901 - Começa a perseguição religiosa. Algumas casas da Congregação sentem os efeitos do anticongregacionismo.

1910 - A 5 de Outubro deu-se a revolução da Implantação da República e, conseqüente, expulsão das Irmãs das suas comunidades e obras. Teresa de Saldanha é obrigada a alugar uma pequena casa em Lisboa, para onde vai residir com duas Irmãs. As

estrangeiras partem para os seus países. Daí, vão em missão para a Bélgica, Brasil, Espanha e Estados Unidos, onde implantam novas comunidades.

As que ficam em Portugal, acolhidas pela família ou pelos amigos, tentam continuar a sua missão. Discretamente presentes em algumas das obras anteriormente assumidas, ou arriscando novas fundações, não deixam perecer a Congregação.

Teresa, durante os seis anos de *cativeiro*, dirige a Congregação agora disseminada e encaminhada em novas terras de missão.

1916 - Teresa de Saldanha morre, serenamente, no dia 8 de Janeiro. A ela se refere João Franco Monteiro num artigo do jornal 'A Nação' de 12 de Janeiro de 1916: " Já lhe ouvimos chamar Santa Teresa de Saldanha e, com efeito, quando a vimos a derradeira vez, aí por Setembro, trouxemos dessa visita, de imperecíveis recordações, a convicção de que o seu modo, a sua brandura, a sua delicadeza, a sua afabilidade, seriam os característicos modelares das bem-aventuradas...guardamos no coração a memória sempre viva do seu acolhimento, da sua amizade (...) Beijamos-lhe a mão com respeito devoto, alegres e comovidos, como quem se encontra na presença de uma santa, que nos falasse, que nos abençoasse, que nos encaminhasse para o bem...Guardemos para sempre, essa recordação generosa, que a súbita notícia da sua morte ainda veio engrandecer no nosso espírito. Prestamos hoje a mais justa homenagem à virtude. Singelo tributo de quem nada pode dar, mas diligencia cumprir um dever de patriota, de cristão e de português." ³⁷

³⁷ J.F.MONTEIRO, *Homenagem à virtude* in: *A Nação*, 12 de Janeiro de 1916, in: A.C.D.C.S.

2. Perfil psicológico de Teresa de Saldanha

Para olharmos, por dentro, uma pessoa do passado, com a qual não convivemos, temos de recorrer aos seus escritos: cartas, conferências, relatórios, diários, etc. “ Escrever é, pois, mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio ” conclui Michel Foucault.³⁸ Ao percorrermos, atentamente, essas espontâneas considerações pessoais, escritos de circunstância, vemos como é que a pessoa lia a vida, como reagia aos acontecimentos ordinários e extraordinários; como via, como julgava, como actuava, perante as diversas situações.

O método indutivo, também aqui, serve para esboçar e delinear os traços do perfil de Teresa. A sua personalidade é facilitada pela natureza dos documentos de que dispõe: as cartas, as notas pessoais são mais reveladoras de uma personalidade, do seu ideal e do seu espírito, que as obras propriamente doutrinárias.

Temos de Teresa, mais de cinco mil cartas manuscritas: cartas de amizade - o diálogo espontâneo das ocorrências diárias, cartas de partilha interior e espiritual e ainda cartas de trabalho. Todas elas são, de um modo geral, escritas com simplicidade e sem a escolha das palavras ou de um eloquente estilo literário.

O autor, antes citado, afirma que a “ carta constitui também e ao mesmo tempo uma objectivação da alma”³⁹. E continua: “ A narrativa de si é a narrativa da relação a si. E assim, a carta é também uma maneira de se apresentar ao correspondente no decorrer da vida quotidiana. Relatar o seu dia, atestando, não a relevância de uma actividade, mas a qualidade de um modo de ser - faz parte da prática epistolar. Quando a missiva se faz narrativa de um dia vulgar, de um dia que seja seu, é o exame de consciência. Trata-se, portanto de avaliar as faltas comuns, e de

³⁸ M. FOUCAULT, *O que é um autor ?*, Passagens, Vega 1992, 150.

³⁹ *Ibid.*, 151.

reactivar as regras de comportamento, para se colocar a si mesmo sob o olhar do outro.”⁴⁰

Teresa é uma pessoa que escreve muito, todas as ocorrências do dia a dia, as despesas, os encontros, os sentimentos perante os acontecimentos, etc. Pode pois, ser catalogada entre as pessoas cultas, e reflectidas. Para Séneca e Epicteto é preciso ler, mas escrever também. A escrita aparece regularmente associada à meditação, a esse exercício de pensamento sobre si mesmo que reactiva o que ela sabe e faz presente: um princípio, uma regra ou um exemplo, reflecte sobre eles, assimila-os para enfrentar o real.⁴¹

São de Teresa estas palavras, escritas em carta de 12 de Agosto de 1866: “Levanto-me muito cedo e passo o dia nas minhas devoções, a ler, a escrever, a coser e a tocar piano.”⁴² Este extracto de carta revela-nos uma mulher organizada, trabalhadora, culta, piedosa. Manifesta riqueza de talentos humanos: falava e escrevia correctamente vários idiomas e dedicava-se à pintura e ao piano. Coisa invulgar para uma mulher do século XIX.

As suas cartas revelam-nos o modo de interpretar a sua época, os diversos acontecimentos, quer de carácter político-social, quer religioso. Os escritos são como a “respiração da sua existência, ligada a um estado de coisas, ao agir que a move, ao banal a gerir”.⁴³ Efectivamente, Teresa tanto se refere às pequenas preocupações caseiras: “ as batatas queimaram-se devido à geada, o rio encheu por causa das chuvas”,⁴⁴ como às grandes questões políticas do tempo:

“ Que ralação e apoquentação tenho tido estes dias ! O que se passou no Salvador! Que tratantes de autoridades! Forte perseguição ! Estou furiosa, indignada, nem sei como exprimir o que sinto. Continua um cabo à entrada,

⁴⁰ Ibid., 155.

⁴¹ Ibid., 133.

⁴² T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

⁴³ J. A. MOURÃO, *Teresa de Saldanha, cedências: o amor, a circunstância o aforismo*, C.D.C.S., Lisboa 1988, 5.

⁴⁴ T. SALDANHA *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

hoje não apalpou, mas já tive ocasião de lhe dizer que parece que estamos em país selvagem. Enfim, isto é uma pouca vergonha, que não tem nome ! Em que histórias nos meteu o Patriarca.”⁴⁵

É um desabafo que revela conhecimento dos factos e liberdade para os criticar e denunciar.

Teresa era uma mulher com preocupações sociais e atenta ao que se passava no mundo, lia os jornais: “ Acabo de ler o Diário de Notícias e vejo que a lei passou e ficamos em poder do Salvador. Por cá vai uma grande alegria e estou certa, no bairro entre os pobres, vai um grande regozijo.”⁴⁶ E noutra ocasião escreve à mãe: “ agradeço ao António e ao José, sempre é bom ler o Diário de Notícias; se não tivesse lido a notícia, talvez tivéssemos perdido o Convento.”⁴⁷

Característica importante do seu modo de ser é a atenção à vida, a tudo o que se passa ao seu redor, a tudo o que pode entristecer e dar alegria aos pobres: “ Estou horrorizada com a desgraça de raparigas que vêm no jornal.”⁴⁸ Tudo o que faz sofrer as pessoas, se reflecte na ternura e sensibilidade do seu feminino coração: “ Ontem vi todas as cegas. Há muitas e muito velhas, fazem muito dó... a do cancro faz-me muito dó. “⁴⁹ A doença e o sofrimento inspiravam-lhe especial compaixão, faziam-na sofrer com quem sofria:

“ Estou aqui aparentemente descansada, mas o espírito não está, pois são tantos os cuidados e apoquentações com as doenças e desgostos... Não há sossego! As notícias das doentes deixam-me bem inquieta.”

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid.

⁵¹ Ibid.

Mas, se há perturbação, amargura, que ela sente profundamente, também há a recomendação à coragem: “ neste mundo é necessário ter coragem para lutar com os desgostos da vida, se não caímos todos.”⁵⁰ A carta, as lições escritas, o conselho que se dá aos outros, a aconselhá-lo, exortá-lo, admoestá-lo, consolá-lo, é, segundo Séneca, uma maneira do próprio autor se treinar.⁵¹

Teresa, embora seja sensível, e de se deixar perturbar com o sofrimento, com as dificuldades, é uma mulher de combate, como ela se auto-descreve:

“ Estou boa, bem conhece o meu génio e feitio que Nosso Senhor me deu. Há quantos anos luto com dificuldades, mas a firmeza do meu carácter não me desanima. Sinto-me bem, com tanta força para lutar que vou indo no meu caminho.”⁵²

Reconhece contudo, que a cruz é demasiado pesada e que a força lhe vem de Deus. “Primeiro apresenta-se-me uma cruz bem grande *dear Mary*, se não fosse o amor de Deus, que nos sustém, a natureza preferia descansar e parar *lie down and rest*.⁵³ E noutra ocasião escreve com humor: “ Todos me felicitam pela cruz que me puseram. São tantas as coisas e tão diferentes géneros, que bem necessito ter força e que Nosso Senhor me ajude para caminhar serena no meio deste pequeno mundo.”⁵⁴ Às vezes, as dificuldades eram de tal ordem, que Teresa preferia rir para não se embrenhar demasiado nos problemas que não podia resolver de imediato. Revela também aqui vivo sentido de humor: “ Quando me vejo com certas dúvidas dá-me vontade de rir! E depois tudo passa.”⁵⁵

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Cf. M. FOUCAULT, *O que é um autor ?...*, *ibid.*, 147.

⁵² T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

⁵³ *Ibid.*, cf. M.R. THIAUCOURT, M.T.S...., *ibid.*, 35.

⁵⁴ *Ibid.* in: A.C.D.C.S.

⁵⁵ *Ibid.* (C. de 29.07.1890).

Poderemos concluir que Teresa de Saldanha era uma mulher adulta, equilibrada, madura. Maturidade, que é definida num artigo de Bruno Giordani como a capacidade de trabalho e de amor.⁵⁶ No mesmo artigo, o autor apresenta alguns sinais de maturidade: capacidade de domínio, atitude oblativa, que se expressam no modo de relacionar-se consigo mesma e de se relacionar com os outros, conseguindo o equilíbrio entre a razão, a emotividade e a sexualidade. Tudo isto se expressa numa capacidade de viver não para si, mas para os outros, de enfrentar com serenidade e humor as dificuldades da vida e de uma exigente relação de comunhão com Deus, própria do ser feminino, pois este “tem um natural impulso à interiorização.”⁵⁷

Se nos valem dos escritos de Teresa para a olharmos por dentro, para descrevermos os traços da sua personalidade, poderemos completar o seu perfil psíquico-físico apresentando o eloquente testemunho de alguém que contactou pessoalmente com essa figura de mulher e que nos descreve, num estilo peculiar e vivo a recordação que ela lhe deixou. É este o retrato que pinta D. João de Lima Vidal : “Lembro-me de a ter visto muito bem duas vezes, a Madre Fundadora das Dominicanas, essa tão nobre e tão suave figura de santa, que dominava, mesmo sem querer e sem dar por isso, toda a pequenina luminosa cena.

A primeira foi em Benfica. Teresa de Saldanha estava então na plenitude da sua maravilhosa energia. Só se lhe começava a notar, ainda brandamente, aquela curva do pescoço que mais tarde, para os fins da vida, quase lhe colava o queixo ao peito. Não era muito alta. Uma doçura inefável apagava nela os traços mais acentuados ou duros da altivez do seu sangue.

Dava ideia de Santa Isabel da Hungria, inclinada para os seus pobrezinhos, a dizer-lhes palavras muito ternas e a lavar-lhes os pés feridos.

⁵⁶ Cf. B. GIORDANI, *La mujer en edad adulta. Aspectos psicológicos*, in: *V. R.*, boletín, nº 7, Mayo, Madrid 1944, 204.

⁵⁷ Cf. B. GIORDANI, *ibid.*, 208.

Os olhos eram pequenos e míopes, mas cheios de brilho, de uma vida acesa; desses olhos que, embora pequenos e míopes, se enterram por assim dizer, com prodigiosa penetração, pelas almas dentro, até ao fundo. Um largo sorriso lhe rasgava a boca. Não se poderia dizer, certamente, uma beleza correcta em todas as suas linhas; mas o conjunto das feições era sumamente atraente, e dela transpirava não sei que ar senhoril de bondade, que ao mesmo tempo impunha respeito e movia à confiança e, ainda mais, ao amor.

Da outra vez que a vi, foi na sua cadeirinha de inválida, na casa de Gomes Freire, em Lisboa. Tinham passado por cima daquela veneranda figura a revolução e os anos. Mas nem a revolução nem os anos conseguiram abater ou mesmo alterar a esplêndida serenidade da sua alma, a calma do seu sorriso, a doçura fidalga, ou, para melhor dizer, a unção cristã das suas maneiras. Se a encontrei de traços envelhecidos, quase presa ao seu encosto de palha, não foi preciso muito tempo para me aperceber com assombro do pleno meio-dia daquele espírito, da frescura cristalina do seu coração, e, sobretudo, já não digo só da magnanimidade da sua alma no meio de adversidades e injustiças atrozes, mas da verdadeira auréola de santidade que irradiava da augusta fronte . Se os santos não são assim, como serão eles então ?”⁵⁸

3 - Perfil Religioso

É difícil, se não impossível, fazer a dicotomia entre o psíquico e o religioso. Contudo, é importante salientar alguns traços dominantes na caminhada religiosa de Teresa de Saldanha. Consideramos proeminentes na sua vivência cristã: a procura da vontade de Deus, a audácia e a prudência.

3.1 . A vontade de Deus

⁵⁸ J. E. LIIMA VIDAL, *Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas*, Sem. das Missões, Cucujães 1938, 7-11.

A vontade de Deus é definida por Dolores Aleixandre como o terreno de jogo a que somos chamados, como espaço de liberdade, a trabalhar com sabedoria e criatividade, para abrir caminhos que façam o mundo visível, um lugar de paz, justiça e misericórdia.⁵⁹

Essa busca é tarefa exigente, mas suave e leve (cf. Mt 11,30), porque se vai preparando no viver de cada dia e na conversão contínua. J. Rambla apresenta as fases para essa busca. Fases, não cronológicas, mas vitais: Deixar-se abrir para que Deus seja a medida do nosso coração.

- Situar-se ante Alguém

A busca da vontade de Deus pressupõe e é o resultado de um encontro com Alguém, cuja Palavra nos é muito querida, uma Pessoa que nos merece toda a confiança. Por isso, aceitar a sua vontade não é sacrifício, mas dom, não é escravidão, mas graça, que enriquece e nos liberta.

A busca da vontade de Deus situa-se, pois, num plano de Amizade: “Já não vos chamo servos, mas amigos... sereis meus amigos se fizerdes o que vos mando.” (Jo 15, 14-15)

Exige capacidade de ir mais além das resistências e dos medos. Avançar confiadamente até que a Sua vontade nos alcance, pois que Ele tudo conduz a bom termo.

- Averiguar o que agrada a Deus

A vontade de Deus não é uma “coisa” que apareça imediatamente. É uma busca incessante, que exige sensibilidade crente para se deixar guiar em sintonia com

⁵⁹ D. ALEIXANDRE, *La voluntad de Dios: a un paso del juego y de riesgo* in: S. T., Octubre de 1933, 663-674.

o gosto de Deus, movendo-se pelo desejo de responder ao Seu amor. Exige uma grande capacidade de viver numa atitude de oração.

Estes passos aparecem, efectivamente, delineados na vida e nos escrito de Teresa. Tinha uma intensa experiência de Deus, a Quem se dirigia muitas vezes, a Quem se consagrou como o único Absoluto da sua vida. Antes de se entregar às obras de Deus, entregou-se totalmente a Deus, numa intensa vida de oração. Levava todas as ocupações e preocupações da sua vida e da sua obra à oração. Fala com Jesus, como se fala com o Amigo, com simplicidade e confiança. Por isso, reconhece a presença de Deus na sua vida, na sua acção apostólica:

“ Ele olha-me sorrindo para me dar força e eu havia de perder a coragem ? Agora que estou mais sossegada e tenho mais tempo livre para reflectir em toda esta grande obra, não posso senão admirar os passos silenciosos, providenciais e constantes do nosso amado Senhor para executar a sua própria obra!”⁶⁰

Vê a mão de Deus a conduzir todos os acontecimentos, mesmo os que parecem adversos: “Parece-me que uma força irresistível e invisível nos impele a agir e, feliz serei eu, se estiver sempre pronta a seguir estes suaves impulsos... o nosso doce Senhor há-de-me sussurrar: “ Prepara-te, Teresa, minha filha, quero-te muito em breve.”⁶¹

Aos dezoito anos escreveu uma oração, em inglês, para não ser facilmente violada, em que expressa essa sede de Deus e a busca da sua vontade:

“ Eu desejo, sobre todas as coisas, fazer a Vossa Divina Vontade e reconheço humildemente que estou pronta, absolutamente pronta, para obedecer aos Vossos Mandamentos e cumprir o que desejardes de mim. Só tenho um desejo, que é o de Vos pertencer inteiramente, ó meu Jesus. Oh ! eu sinto a toda a hora que me estais

⁶⁰ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

⁶¹ *Ibid.*

chamando cada vez mais para Vós. Nada neste mundo me encanta ou me atrai; o meu deleite é pensar em Vós, falar de Vós, abrir-Vos o meu coração.”⁶²

A sua postura é de interiorização e aprofundamento, numa relação amorosa com Deus. Quer escutar a Sua voz, quer que Ele lhe vá mostrando o que deve fazer.

O querer de Deus exige e pressupõe a liberdade humana e a capacidade de, criativamente, ir descobrindo qual a opção que melhor corresponde ao que agrada a Deus. Hans Urs von Balthasar confirma que: “o cumprimento da vontade de Deus não é nem o seguimento de uma lei geral anónima, igual para todos, nem, por outra parte, a cópia servil de um modelo individual - como a criança que pinta um desenho em branco e negro - mas sim a realização livre de um desígnio amoroso de Deus, que conta com a liberdade, mais ainda, que dá a própria liberdade.”⁶³ Teresa escreve:

“ Eu dirigia a Nosso Senhor fervorosas orações para que, por intercessão da SS.ma Virgem, Ele me concedesse aquela graça especial de conhecer a Sua vontade quanto à minha vocação (...) continuamente pedia que me esclarecesse.”⁶⁴

Após muito tempo de busca, de escuta, de orações e devoções, conclui: “ Senti que Ele me dizia que me amava (...) creio que Ele deseja que eu trabalhe neste País (...) Eu tremo com a ideia e agora as lágrimas vêm-me aos olhos, porque o que posso eu fazer, pobre e miserável pecadora? Ele quer que comece a trabalhar, mas quando e como ainda o desconheço. Espero que as circunstâncias mostrem a vontade de Deus! Mas creio que terei muito que sofrer.”⁶⁵

Neste extracto, como nos escritos anteriores, está delineado o seu itinerário da busca da vontade de Deus. É uma busca com um estilo muito próprio: pessoal,

⁶² T. SALDANHA, *Orações*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M. T.S.*..., *ibid.*, 27.

⁶³ H.U. von BALTHASAR, *Teresa de Lisieux, Historia de una Mision*, Herder, Barcelona 1989, 17.

⁶⁴ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M. T.S.*...*ibid.*,45.

⁶⁵ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

existencial, afectivo, sensível, sempre ligado às circunstâncias o que a leva a conjugar duas atitudes aparentemente contraditórias: capacidade de arriscar e confiança profunda. A busca da vontade de Deus converte-se assim numa verdadeira experiência espiritual como a longa marcha de Abraão ou o êxodo de Moisés,⁶⁶ como exprime Teresa:

“Deixo tudo nas mãos de Deus e só tenho um desejo, isto é, fazer a sua santa vontade (...) Deveríamos, por temer alguns obstáculos que teríamos de encontrar, abandonar um projecto que parecia ser a vontade de Deus ? ”⁶⁷

Mais tarde, no período conturbado que se seguiu à implantação da República, confirma a mesma fidelidade: “ Esmagada por desgostos, mas à conta de Deus, aguardando os acontecimentos (...) mas a vontade de Deus se faça sempre e Ele melhor do que nós, sabe o que nos convém. Portanto digamos sempre: *Fiat*. Por seu amor, tudo se sofre, e é este amor que cicatriza as feridas do meu coração.”⁶⁸

Ao longo dos seus escritos está semeada a expressão fazer a vontade de Deus, ou a forma breve de Maria na Anunciação: *Fiat* (cf. Lc 1,38). É este o seu segredo, a mola secreta de toda a sua vida, de todas as suas acções em prol da humanização de um povo, que vivia desumanizado. Esta escolha trouxe-lhe dissabores, sofrimento, devido às circunstâncias histórico-sociais e político-religiosas do País. São porém, essas circunstâncias que lhe vão abrindo campos de concretização à obra que Deus quer. Teresa enfrenta esta atenção ao tempo e aos conflitos interiores e exteriores numa referência pessoal a Jesus Cristo. Essa relação viva e actualizada com o Senhor, garantem-lhe a carga evangélica da sua obra.

Da vivência da vontade de Deus brota a paz, a alegria, a felicidade: “Felizes os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 11,28) porque esses “são minha mãe e meus irmãos” (Lc 8,21), diz Jesus. Teresa era uma mulher que lia, que

⁶⁶ J. M. RAMBLA, *Escoger la vida...*, *ibid.*, 692.

⁶⁷ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

⁶⁸ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 712.

meditava assiduamente a Palavra de Deus, a qual se tornou fonte da sua oração e a inspiradora de toda a sua acção.

A obediência à vontade de Deus concretiza-se em forma de missão ou compromisso em favor dos demais: a libertação dos oprimidos, o ensino, a assistência caritativa são, portanto, a consequência de uma escuta radical da Palavra de Deus.⁶⁹

Poderemos, pois, concluir que Teresa escutou e concretizou essa Palavra na obra que realizou de libertação e promoção humana, sobretudo das crianças e das mulheres.

Ligou a sua fé à acção, tal como a maior parte das religiosas do século passado, no dizer de Yvonne Turin: “ As mulheres religiosas do século passado, de origem geográfica e social muito diferente, de formação religiosa igualmente variada, estas mulheres, os seus escritos são disso testemunho, têm uma maneira comum de viver a fé e de a conceberem: tudo se liga para elas ao querer Divino. É Ele que relativiza toda a acção. A fé é para este meio feminino, a fonte de toda a actividade, o princípio de todo o empreendimento e algumas vezes de aventura.”⁷⁰

2. Audácia e prudência

Paulo, nas suas cartas, usa algumas vezes a expressão, audácia, ousadia, que é tradução grega de *παρρησια* (parresia). “ Quando eu abrir os meus lábios me seja dada a palavra para anunciar com ousadia o mistério do evangelho.” (Ef 6,19) Esta expressão indica, pois, uma audácia criativa que leva a agir com coragem, determinação, tenacidade e resistência às asperezas e sofrimentos da vida.

Olhando, objectivamente, a vida e a acção de Teresa de Saldanha, podemos verificar como ela estava possuída desse dom. Os tempos em que viveu não eram

⁶⁹ Cf. X. PIKAZA, *Tratado de la Vida Religiosa*, Claretianas, Madrid 1990, 239.

⁷⁰ Y. TURIN, *Femmes et religieuses au XIX^{ème} siècle, le féminisme “ en religion ”*, Nouvelle Cité, Paris 1989, 258.

fáceis nem convidativos a iniciativas religiosas. Havia problemas enormes a dividir os cristãos, como a chamada Questão Social, a encíclica *Quanta Cura* e o *Syllabus*, onde Pio IX rejeitara o diálogo com a modernidade, como vimos anteriormente.

Ao empreender a obra da fundação de uma Congregação tem consciência de que está a cometer, humanamente falando, a maior das imprudências. Di-lo ao Mestre Geral da Ordem Dominicana: “ a prudência humana encontra, sem dúvida, uma loucura, pensar na realização do nosso projecto.”⁷¹

Mas a virtude da prudência não tem nada a ver com medos e imobilismo perante os obstáculos ou o receio do que pode acontecer. A prudência evangélica de que fala Jesus (cf. Mt 10,16) refere-se a uma sabedoria prática, que provém da experiência e que se lança com discernimento e confiança em empresas arrojadas. Tem muito que ver com a caminhada pessoal da fé.

A confiança, diz S. Tomás, vem de *fides*, fé. Ter confiança é fiar-se na palavra de Alguém que promete a sua assistência. A *fiducia*, confiança, está ligada à magnanimidade, da qual é parte integrante. A confiança requer um espírito forte, audaz, que procura levar a cabo uma acção, mesmo com os riscos inerentes. As pessoas que confiam vão para a frente, corajosamente, inquebrantáveis, apesar dos obstáculos que aparecem no caminho. Só essas pessoas perseveram com tenacidade.⁷² É isso que nos revela Teresa, em gestos e palavras: “ Cá vou remando com todos os ventos. Tenho tanta gente a governar que parece impossível como Nosso Senhor me manda tanta luz.”⁷³ A luz para seguir nos momentos obscuros não lhe vem de si, mas d’Aquele em quem pôs a sua confiança, Deus, que, apesar dos ventos contrários, a guia e a conduz. Afirmo noutra altura:

⁷¹ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*,119.

⁷² Cf. P. PHILIPPE, *Contemplation au XIII siècle* in *Dictionnaire de Spiritualité*, II Tome, 2 P. Beuachesne, Paris 1953,1406-1408.

⁷³ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*,*ibid.*,119.

“ Não me importo o que tenho sofrido, tudo é por amor de Nosso Senhor e para o bem de tantas almas. Desejo fazer o bem na minha vida e não encarregar os outros de o fazer.”⁷⁴

Os acontecimentos são vividos à luz da fé e neles percebe os passos de Deus que:

“ sabe escrever direito por linhas tortas.”⁷⁵ E, por isso, na própria experiência de finitude, limitação, descobre a luz: “ Os desígnios de Deus são impenetráveis. Esta doença que Ele me mandou, pode ser a causa da minha futura felicidade.”⁷⁶

Não deixa de sofrer ao ver os entraves que constantemente interrompem os seus planos:

“ Há quase treze anos que luto. Eu era muita moça, tendo que ir a toda a parte, muito rodeada, pedida em casamento, não querendo nada disto. Por outro lado, tendo de declarar à mamã os meus desejos. Não imagina o que eu tenho passado.”⁷⁷

A fé, aliada à leitura das circunstâncias, vai-lhe mostrando o caminho: “ Deus é grande e misericordioso e, apesar do grande sacrifício que me espera, um dia há-de consolar-nos e recompensar-nos.”⁷⁸ Por isso avança certa de que Deus - o único Absoluto - tudo pode: “Tudo ofereço a Deus e por Ele tudo o que sofremos é pouco.”⁷⁹

Humanamente falando, era mais fácil, mais sossegado, parar, viver no *status quo* da realização quotidiana do bem, sem se meter em aventuras tão contrárias ao espírito da época, tão contrárias ao querer dos próprios familiares e amigos:

⁷⁴ Ibid., in: A.C.D.C.S.

⁷⁵ Ibid., in: A.C.D.C.S.

⁷⁶ Ibid., in: A.C.D.C.S.

⁷⁷ Ibid., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 235.

⁷⁸ Ibid., in: A.C.D.C.S.

⁷⁹ Ibid., in: A.C.D.C.S.

“ Quantas vezes temos de ir contra os desejos das nossas mães. Talvez não gostem de nos ver sair tanto, de trabalhar tanto, mas quando chegamos a uma certa idade, nós é que temos de responder pelas nossas obras e Deus está em primeiro lugar.”⁸⁰

A mola secreta, que a leva a empreender com tanta audácia e ousadia uma fundação religiosa, em tempos tão hostis, é o amor de Deus, que a seduz e a guia: “ Se não fosse o amor de Deus que nos sustenta, a natureza preferia descansar e parar.”⁸¹

Na ocasião da República, quando se viu despojada de tudo e as Irmãs da Congregação dispersas, sem saber por onde, manifesta o mesmo acolhimento à vontade de Deus:

“ Lá está, não vou para o céu com a casa atrás de mim (...) o que me faz pena é ver as minhas filhas todas espalhadas e sem lhes poder valer (...) Só o amor pode ter coragem e firmeza para lutar com tantas dificuldades.”⁸²

Mostrou-se sempre disponível à missão carismática que Deus lhe confiara. No início, como no fim, procurou encarar os acontecimentos adversos com a mesma audácia e serenidade.

4 - A Fundadora

" A história das diversas fundações
é a história das respostas do Espírito Santo
às necessidades da Igreja."

⁸⁰ Ibid. in: A.C.D.C.S.

⁸¹ Ibid. in: A.C.D.C.S.

⁸² Ibid. in: A.C.D.C.S.

A obra de Fabio Ciardi *Os Fundadores, homens do Espírito* ⁸⁴ fundamenta a origem e a motivação mais profunda de qualquer família religiosa, numa intervenção de Deus na vida dos fundadores.

Os caminhos para se chegar ao conhecimento da vontade de Deus são diversos, mas, é sempre o Espírito Santo que se apropria da pessoa e lhe mostra o que quer fazer na Igreja por seu intermédio. Deus serve-se de determinadas circunstâncias ligadas à vida do fundador, de um conjunto de acontecimentos históricos e ambientais de ordem social e religiosa, de estímulos externos de diversa índole. É um tipo de inspiração mediata, ou indirecta, mas é verdadeira *inspiração*, isto é, verdadeira intervenção do Espírito na vida dos Fundadores.

4.1 - As circunstâncias como “lugar teológico”

Na vida dos Fundadores incidem o ambiente histórico, social, político e religioso com as suas múltiplas instâncias. Deus age através dessas circunstâncias, preparando-os para uma grande missão salvífica. Não lhes é fácil ver imediatamente qual o caminho. Em Teresa reconhecemos, pois, essa mesma experiência: “Sentia-me consternada, achava-me rodeada de trevas! Eu mesma não percebia bem o que havia em mim.”⁸⁵ Está pronta, contudo, a seguir só a inspiração de Deus, como revela: “Tudo caminha bem, louvado seja Deus. Depende tudo de uma série de circunstâncias,

⁸³ S. RECCHI, *Libertad del carisma de fundación y su necesaria estructuración jurídica*, in: V.R., 1 Enero 1993, 50.

⁸⁴ Cf. F. CIARDI, *Los Fundadores, Hombres del Espiritu - Para una Teología del carisma de Fundador*, Paulinas, Madrid 1983, 49-77.

⁸⁵ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....ibid.*, 44.

seguirei só a inspiração de Deus. Pede muito por mim, pois eu necessito de ter ânimo e força ! Mas medo não tenho.”⁸⁶

Assim, as circunstâncias revelam-se como instrumentos através dos quais o Senhor mostra aos fundadores o projecto, que se vai tornar realidade, por seu intermédio.

Também aqui podemos situar Teresa de Saldanha:

- Há uma imensa tarefa a realizar num País e numa Igreja que não têm estruturas para o ensino às crianças pobres e assistência aos doentes;
- Era difícil, se não impossível, a vinda de Congregações Religiosas estrangeiras;
- Em Portugal não faltavam vocações, mas iam todas para o estrangeiro.

Foi, portanto, a percepção de uma situação histórica concreta, a real necessidade de uma Igreja, que levou Teresa a procurar uma resposta também concreta e adequada ao tempo e às circunstâncias. De uma coisa está certa: é da Igreja portuguesa que têm de sair vocações para o serviço dos mais pobres. Escreve a uma amiga:

“ Desejo fazer o bem, mas apesar de em toda a parte se poder contribuir para a salvação de algumas almas, custar-me-ia deixar o meu País, onde há tanto que fazer. Parece que Nosso Senhor me chama a trabalhar em Portugal.”⁸⁷

Teresa descobre, no tempo e no espaço onde lhe é dado viver, as circunstâncias como o lugar teológico, a oportunidade de actuar e salvar. Em vez de se resignar ou ficar de ombros caídos de indiferença, perante o que se passa à sua volta, olha com ternura e descobre a história como o tempo do amor, como o tempo de Deus.

⁸⁶ Ibid. *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 133.

⁸⁷ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid.,47.

4.2 - O tempo como “Kairos”

O termo grego “kairos” designa, segundo o teólogo dominicano Tillard, o momento decisivo onde repentinamente a liberdade é posta em causa. Sente-se o apelo carismático, a percepção no Espírito Santo, da vontade de Deus, que se torna o motor da sua existência, imprimindo-lhe as suas exigências.⁸⁸

Na vida de Teresa, conjuga-se a procura do Absoluto de Deus e a permanente atenção às circunstâncias:

“Estava pronta a deixar o meu País e seguir no estrangeiro a ardente vocação da minha alma (...) ao ver o imenso bem que há a fazer na minha terra, o espaço vastíssimo oferecido aos trabalhos de caridade, o bom Deus inspirou-me um vivíssimo desejo de trabalhar em Portugal.”⁸⁹

Teresa olha o mundo que a rodeia e aí vê os passos de Deus e escuta a Sua voz: “Deus inspirou-me.”

Ao ver a miséria do seu povo e ao escutar a voz interior do seu Deus, procura empregar todos os meios possíveis para a introdução, em Portugal, de uma comunidade regular de Irmãs Dominicanas, como anota:

“Em Lisboa nada existia nesse tempo de comunidades religiosas dedicadas à vida activa: nem Hospitaleiras, nem Doroteias; as Irmãs da Caridade Francesas tinham sido expulsas; portanto a falta tão grande de uma Congregação que se dedicasse ao serviço dos pobres e educação das

⁸⁸ Cf. J.M.R. TILLARD, *La vida religiosa, vida carismática*, Claretianas, Madrid 1977,48.

⁸⁹ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*,177.

crianças, fez-me desejar imenso poder trabalhar para realizar o meu sonho.”⁹⁰

Esta mulher sente, pois, uma presença particular de Deus na sua vida, que a move a uma nova fundação considerando-se simples instrumento nas mãos de Deus, que se serve de pessoas bem humildes para as suas obras.

Há uma dupla consciência:

- Encontra-se ante uma obra que é de Deus “ A obra é de Deus, Ele quer que actue-mos.”⁹¹
- Ela é um instrumento “ Sou simplesmente um instrumento fraco de que Deus se serve para os seus fins.”⁹²

O autor antes citado, F. Ciardi, considera que a inspiração de fundar uma família religiosa não é algo súbito. Está conectada com o resto da vida da pessoa. Exige uma fase preparatória e uma caminhada, isto é: uma preparação comum a toda a caminhada cristã, que segue todos os passos da vida espiritual; uma preparação específica em função do carisma que se outorga à Igreja por meio dos fundadores.

Nesta caminhada prévia há notas importantes:

- A plena disponibilidade à vontade de Deus.
- A percepção das necessidades da Igreja.
- A preparação no exercício da caridade.

Teresa de Saldanha fez esse percurso. Desde cedo, foi atraída pela dimensão espiritual. Muitos são os testemunhos da sua vivência cristã, da sua preocupação constante por acertar a sua vida àquilo que Deus quer.

⁹⁰ T. SALDANHA, *Notas pessoais* in : A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*,42.

⁹¹ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S.,cf.*ibid.*, 99.

⁹² *Ibid.*,103.

A busca e a realização da vontade de Deus foi a nota fundamental da sua espiritualidade:

“ Depois de muitas devoções feitas com o fim de saber qual era a **vontade de Deus**, foi em Outubro de 1865 que se principiou a realizar uma empresa tão difícil, a da fundação em Portugal de uma Congregação de Irmãs Terceiras de S. Domingos .”⁹³

De facto, Teresa estava habituada a obras de caridade com estas religiosas francesas que vê, compulsivamente, afastadas dos seus pobres. Com elas ensaiou, de modo organizado e comunitário, o exercício da misericórdia e da solidariedade. É claro que esta lisboeta também se iniciara nestas lides caritativas com a sua mãe, que com doze anos a inscreve na Associação de Nossa Senhora dos Aflitos, cujo fim estatutário era o auxílio aos pobres nos seus domicílios.

“ Pode o olhar ficar indiferente aos crucificados da História, que ninguém vê nem chora ? ” Esta interrogação é do Relatório da Associação Protectora das Meninas Pobres, do ano 1905/6, escrito por Teresa, que acrescenta: “ Mais ainda: quando mesmo tivéssemos fê ardentíssima, ainda assim se o amor de Deus, o desejo de suavizar os males do próximo, não animassem as nossas obras estas ficariam mortas.”

⁹⁴ Nestas palavras estão contidos os sentimentos humanos mais profundos: a sensibilidade, a capacidade de compaixão, a solidariedade e também um alto nível cristão, uma fé que não se limita a práticas de piedade, mas se exprime num amor concreto, comprometido socialmente com os mais pobres dos pobres. Na sua vida há todo um trabalho interior realizado pelo Espírito, que a faz falar ao jeito de S. Paulo: Se não tiver caridade nada sou. (1 Cor 13,3)

⁹³ Ibid. *Notas pessoais* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S.*, *ibid.*, 79.

⁹⁴ T. SALDANHA, *Relatório da A.P. M. P., 1905/6* in: A.C.D.C.S.

4.3. A força do Espírito

O fundador é preparado gradualmente pela acção do Espírito que, muitas vezes, se faz sentir numa *segunda conversão*. Em Teresa, esses momentos significativos foram:

* A pintura do *Ecce Homo* - “ parece que foi pintando os olhos e o rosto deste Senhor que o olhar divino de Jesus, coroado de espinhos, atraiu o coração da nossa grande Fundadora para se dar e consagrar toda ao Senhor sem reservas !”⁹⁵

* Uma longa doença: “ Em Janeiro de 1864, tive uma longa e dolorosa doença que por seis meses me conservou fechada no quarto. Foi durante estes longos meses que, entregue aos meus pensamentos, comecei a meditar seriamente sobre semelhante empresa.”⁹⁶

* A saída das Irmãs da Caridade Francesas - Esta foi, com certeza, a gota que fez transbordar o copo, que agudizou uma necessidade, como nos conta Teresa : “As Irmãs da Caridade poucos anos aqui ficaram. Em Maio de 1862 retiraram-se de Lisboa e todos os estabelecimentos de caridade que lhes estavam entregues ficaram abandonados. Isto fez-me muita impressão!”⁹⁷ A este respeito, testemunha sua cunhada: “A Teresa tinha a seu cargo o Colégio de Santa Marta para meninas pobres.

⁹⁵ M.R.THIAUCOURT, *M.T.S.*, 15.

⁹⁶ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S.,cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S.*., *ibid.*,41.

⁹⁷ *Ibid.*, 25.

Dirigiam-no as Irmãs da Caridade. Foram-se embora. Fechou-se o colégio. A Teresa chorava de noite e de dia, e de que maneira!”⁹⁸

A história de toda a fundação é a história de uma combinação de carisma e circunstâncias históricas: circunstâncias especiais da história humana, sempre formada de trigo e joio, incitam pessoas que se deixaram tocar pela força da Palavra e do Espírito a inaugurar novas formas de vivência desse evangelho, que é sempre boa nova para os pobres.

Pessoas penetradas do carisma evangélico discernem em profundidade os sinais dos tempos e a partir da sua experiência evangélica, abrem à humanidade novos caminhos de esperança e de salvação. Convertem-se assim, em fermento evangélico e luz das gentes, de tal modo que, outros encontrem neles um modelo de seguimento de Jesus.

É nesta combinação de circunstâncias históricas e de carisma evangélico, que se situam as origens das distintas fundações e também da fundação empreendida por Teresa de Saldanha.

⁹⁸ MARQUESA DE RIO MAIOR, *Fundação das Terceiras de S. Domingos em Portugal*, C.D.S.C.S., Lisboa 1987², 27.

CAPÍTULO III

O PROJECTO PASTORAL DE TERESA DE SALDANHA

“ Consagração e missão
implicam-se reciprocamente.
O testemunho da própria vida consagrada
é o mais importante apostolado.”

Mensagem final do Sinodo sobre a Vida Consagrada. ⁹⁹

1. Um projecto pastoral

Casiano Floristán, um grande pastoralista da actualidade, define o projecto pastoral como a “conjugação harmoniosa das acções eclesiais, pastorais, que têm por finalidade a actualização da *práxis* de Jesus realizadas pela Igreja, ao serviço do Reino de Deus, para que se constitua o Povo de Deus em estado de Comunidade.” ¹⁰⁰

Assim entendida, a acção pastoral aborda todo o campo da realidade da Igreja em processo de auto-edificação, com as tarefas que isso implica.

Jesus, no início da sua vida apostólica, não formulou um programa de *práxis* concreta. Ao entrar na sinagoga de Nazaré, revela a sua missão a partir da leitura do Profeta Isaías:

O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque Ele me ungiu
para evangelizar os pobres
enviou-me para proclamar a remissão aos presos
e aos cegos a recuperação da vista,

⁹⁹ C. AMIGO VALLEJO, *El Sinodo de los obispos y la Vida Consagrada*, Claretianas, Madrid 1994, 255.

¹⁰⁰ C. FLORISTAN, *Conceptos fundamentales de Pastoral*, Sigueme, Salamanca 1983, 26.

para restituir a liberdade aos oprimidos
e proclamar um ano de graça do Senhor. (Lc 4,18 -19)

Segundo o mesmo autor as acções pastorais são entendidas em torno a quatro âmbitos:

1. 1. A missão profética - *martyria*

Corresponde, num sentido amplo, ao anúncio e verificação do Evangelho. O seu objectivo é despertar a fé, o sentido de Deus e revelar o horizonte cristão do projecto humano. Inclui a evangelização, a catequese e a interpretação teológica.

1. 2. A pastoral comunitária - *koinonia*

A missão da fraternidade vivida (*koinonia*) é o serviço da caridade *ad intra*. O seu objectivo é fazer crescer a comunidade inteira.

1.3. A pastoral litúrgica - *leitourgia*

É a acção da práxis pascal de Jesus o Cristo, que compreende toda a Sua acção libertadora.

1.4. O compromisso libertador - *diakonia*

É o serviço da caridade *ad extra*. Revela o mistério da edificação do Reino fora das fronteiras da Igreja, através de uma sociedade mais humana, a saber, mais justa e livre.

Esta acção pastoral compreende a luta contra a opressão, dominação ou dependência, em vista à criação de uma nova sociedade. ¹⁰¹

¹⁰¹ Cf. C. FLORISTAN C., *Teología Práctica, Teoría y praxis de la acción pastoral*, Sígueme, Salamanca 1991, 223 -226.

2. Novo e arrojado

Poderemos falar de “projecto pastoral” de uma mulher leiga, de Lisboa, no século passado? Não será forçar demasiado o conceito?

Atenta aos apelos de uma sociedade e de uma Igreja em crise, Teresa acolhe a inspiração e o carisma para erigir uma dessas “ instituições criadas pelo Espírito, sinais carismáticos,”¹⁰² funda, sob a inspiração de Deus, uma Congregação, que é, no dizer do teólogo J.B. Metz : “ uma terapia de choque do Espírito Santo para a Igreja, visto que a maioria delas surgiram não em épocas de florescimento, mas de profunda desorientação e insegurança na Igreja.”¹⁰³ Exerce a missão profética ao recriar, em Portugal, um estilo de seguimento de Jesus: a vida religiosa que é, em si mesma, evangelizadora em ordem à comunhão, sendo, portanto, uma afirmação profética do valor supremo da comunhão com Deus e entre os homens e um exímio testemunho de que o mundo não pode ser transfigurado sem o espírito das bem-aventuranças.¹⁰⁴ São muitos os documentos que se referem à dimensão profética da vida religiosa. Ela é exercida pelo seu próprio ser, pela missão de denúncia das situações injustas e pelas opções radicais, como é a opção preferencial pelos pobres. Parece-nos que Teresa fez claramente essa opção: *Temos de salvar os filhos do nosso povo*,¹⁰⁵ era o seu grito!

Este ecoou noutros corações que dedicaram a sua vida, o seu saber ao serviço incondicional da libertação dos oprimidos. Congregadas pela causa de Jesus, ensaiaram uma vida de comunhão, onde todas viviam com um só coração e uma só alma, (cf. Act 4,32) e na alegria e simplicidade de coração espalhavam a boa semente da misericórdia e da ternura, dilatando a fraternidade, em pequenas comunidades,

¹⁰² Ibid., 21.

¹⁰³ J.B. METZ, *Las Ordenes Religiosas...*, ibid., 12.

¹⁰⁴ Cf. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina, Conclusões da II C.G.E.L.*, Puebla 1979, 744.

¹⁰⁵ T. SALDANHA, *Relatórios da A.P.M.P.*, 1859 -1916, in: A.C.D.C.S.

atentas às urgências locais. Pequenas sementes, fermento de maior fraternidade entre um povo dividido, sendo o sacramento escatológico do Reino.

O Vaticano II também nos lembrou que a “Comunidade religiosa tem como tarefa irrenunciável e como missão, ser e aparecer uma célula de intensa comunhão fraterna que seja sinal e estímulo para todos”,¹⁰⁶ como exorta o Evangelho: “Nisto reconhecerão que sois meus amigos, se vos amardes uns aos outros.” (Jo 13,35)

¹⁰⁶ Cf. L.G. 44; P.C. 15.

3. Ao serviço da promoção

" Todos os serviços de caridade
são úteis e necessários,
mas a educação é a via mais segura e eficaz
para lutar contra a pobreza, a injustiça
a morte e a guerra."

Anna Maria Balducci ¹⁰⁷

Estas comunidades são chamadas a testemunhar a gratuidade de Deus num compromisso evangélico de serviço e promoção, *diakonia*, ou compromisso libertador. Da sensibilidade, do amor compassivo, humilde e audaz brota a intuição pastoral: gastar as suas vidas ao serviço da alegria e da ternura dos mais pobres, segundo um projecto fundacional enraizado na Ordem Dominicana.

Deus e os pobres foi a experiência fundamental de Teresa de Saldanha. Nesta síntese está contida toda a sua vida, todo o seu projecto .

O Deus desta mulher, tal como o de Domingos, é o que nos revela Jesus Cristo. Um Deus atento à vida das pessoas, que quer a misericórdia e não os sacrifícios, se alegra, não com as acções culturais ou devocionais, mas com a prática da solidariedade fraterna; que nos convida a um compromisso incondicional: “ Vai tu e faz o mesmo.” (cf. Lc 10,25-37)

Por isso, Teresa olhando à sua volta, descobrindo aí urgências pastorais, renuncia a um certo conceito de existência, para empreender acções libertadoras: a alfabetização da mulher, da rapariga, dos operários, das crianças, enfim de todos os que se encontravam à margem da vida social, cultural. Escutou, como diz D. Helder da Câmara: “ o clamor silencioso dos sem vez e sem voz. E o clamor dos sem vez e sem voz é o clamor de Deus.” ¹⁰⁸

¹⁰⁷ A. M. BALDUCCI, *Repensar la cultura hoy*, IDI, n. 24, Nov.1994,180.

¹⁰⁸ H. CÂMARA, *O deserto é fértil*, C. do L. Brasileiro, R. Janeiro 1976, 31.

Nos nossos dias têm saído inúmeros documentos da Igreja, apontando a opção preferencial pelos pobres como o primeiro e o mais urgente caminho de evangelização: “ Entre evangelização e promoção humana - desenvolvimento, libertação existem, de facto, laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem a evangelizar não é um ser abstracto, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e económicos; laços de ordem teológica, porque não se pode nunca dissociar o plano da criação do plano da redenção; um e outro a abrangerem as situações bem concretas da injustiça que há-de ser combatida e da justiça que há-de ser restaurada.”¹⁰⁹

O projecto pastoral de Teresa de Saldanha está claramente identificado com esta acção libertadora: “Temos de salvar as filhas do nosso povo”, ressalta constantemente nos Relatórios da Associação Protectora das Meninas Pobres. Essa é a sua *obsessão evangélica*. Está ciente de que não é possível a evangelização se não for acompanhada pelo compromisso de libertação integral da pessoa humana.

Esta preocupação é expressa em muitas e diferentes situações. A sua maior biógrafa, Madre Maria Rosa Thiaucourt, que a conheceu e com a qual conviveu, afirma repetidamente no seu livro, uma inquietação que ouviu, também repetidas vezes, da sua boca: “Não era o meu fim, fundando a Congregação, cuidar dos pobres, dos doentes e crianças da rua?”¹¹⁰

A confissão desta mulher fundadora é bem a consciência de uma opção preferencial, ou até exclusiva. Ela sabia que os pobres são os primeiros herdeiros do Reino. Se Cristo quis nascer entre eles, se os declara em primeiro lugar bem-aventurados

(cf. Lc 6,21) é porque eles são os que têm garantido o seu lugar no Reino. Eles são verdadeiros “vigários de Cristo”, visto que, no entardecer da vida, o exame final será sobre o que a eles fizemos ou deixarmos de fazer. (cf. Mt 25,41)

¹⁰⁹ E. N., n. 31.

¹¹⁰ M.R. THIAUCOURT, *M. T.S...*, *ibid...*, 325.

A sua opção pastoral deriva, portanto, do seu amor a Deus, que em Cristo se revelou, não com a sabedoria humana, mas na pobreza. (cf. 1 Cor 1, 17-31)

No seu projecto fundacional, revela o mesmo pensamento: a prioridade é o cuidado dos pobres. Mas, devido às circunstâncias, falta de meios, trabalhou também com os não pobres, procurando habituá-los a preocuparem-se em cuidar dos pobres e a lutarem contra as injustiças sociais. Era uma tentativa de conversão da sociedade.

Teresa, como Domingos, parte de um olhar atento da realidade, as circunstâncias, descobrindo nelas os principais desafios. Apontados os desafios julgam-nos à luz do querer divino, expresso na sua Palavra, que é escutada, estudada, meditada. Descoberta a vontade de Deus, concretizam, com criatividade e audácia, acções tendentes a libertar as zonas obscurecidas, para fazerem surgir espaços de vida nova, vivida pela alegria e a fraternidade.

As vocações de Domingos e de Teresa nascem de um mesmo olhar contemplativo sobre o mundo. Em tempos e espaços muito diversificados, realizam na Igreja projectos pastorais concretos. É o que poderemos verificar ao analisar o quadro que se segue, onde aparece claro o paralelismo entre S. Domingos de Gusmão e Teresa de Saldanha.

Paralelo entre Domingos de Gusmão e Teresa de Saldanha

	Domingos de Gusmão	Teresa de Saldanha
Uma divisa	<i>De Deo vel cum Deo</i>	<i>Deus super omnia</i>
Um desafio	Um mundo onde grassava o erro e a heresia, miséria espiritual.	Uma sociedade onde grassava a ignorância e o abandono, miséria espiritual e material.
Uma paixão	A salvação de toda a humanidade.	A salvação dos filhos do povo, as crianças e jovens pobres.
Uma urgência	A pregação e o estudo da Palavra da Verdade.	A inserção nos meios populares, abrindo escolas gratuitas para crianças e jovens.
Uma exigência	A vida em pobreza, como os hereges e o anúncio da Verdade como a Igreja.	A misericórdia sempre e onde for necessário, na simplicidade e humildade.
Uma resposta	A Ordem dos Pregadores, dedicados ao anúncio da Palavra que liberta, com uma exigência contemplativa.	A Congregação Dominicana dedicada ao serviço dos mais pobres, com uma exigência contemplativa.

Em Domingos, como em Teresa, a experiência de Deus passa através do contacto com a humanidade doente, porque mergulhada na ignorância e em toda a sorte de pobreza. O olhar compadecido perante a miséria desperta, em ambos, a misericórdia. É dessa misericórdia que as dominicanas/os têm de se ocupar, vivendo como Jesus, no coração das massas, atentos aos gritos da humanidade.

Domingos abre comunidades, não em lugares isolados, mas nos espaços urbanos, onde se forja a nova cultura nascente. Demonstra uma orientação apostólica e uma espiritualidade de encarnação.¹¹¹ Ao colocá-las nos centros urbanos intelectuais, manifesta seu carácter profético. O pregador deve conhecer, não só a mensagem que anuncia, mas também os destinatários dessa mensagem.¹¹²

Teresa também insere as comunidades nos locais onde se encontravam as maiores urgências do povo: nos bairros das cidades, nas aldeias, nos antigos conventos de Dominicanas, dentro das cidades, abertos ao serviço da misericórdia, no campo do ensino, da saúde, da promoção e da evangelização. O seu projecto pastoral é feito de atenção, escuta, inserção. A sua espiritualidade - oração contemplativa - não é de modo nenhum uma *fuga mundi*, saída do mundo ou o *contemptus mundi*, o desprezo do mundo, mas uma contemplação integral e integrada, isto é, o Deus contemplado na oração, é o Deus encontrado no pobre, no doente.¹¹³

Ao alicerçar a Congregação na Ordem Dominicana, Teresa de Saldanha quis que esta tivesse as notas com que Domingos a projectou: a oração / contemplação; o estudo; a vida fraterna; a pobreza evangélica; o apostolado

É, portanto, uma Congregação de vida apostólica, mas com a dimensão contemplativa bem acentuada. Tal como Domingos e Catarina de Sena, a Congregação é chamada a realizar a síntese entre contemplação e acção, numa atenção permanente ao caminhar dos homens e à presença de Deus nesse caminhar.

¹¹¹ Cf. F. MARTINEZ, *Domingo de Guzman, Evangelio viviente*, I, CIDAL, Bogotá 1987, 81.

¹¹² *Ibid.*, 117.

¹¹³ Cf. J. MARTIN VELASCO, *Increencia y Evangelización, Del diálogo al testimonio*, S.T., Santander 1988, 123.

4 - Uma história de seguimento

"Quando a história de uma Ordem se entende como biografia colectiva, como crónica de família de uma comunidade de seguimento, esta história chega a adquirir categoria teológica."
J.B. Metz ¹¹⁴

Teresa bebeu com o leite materno a “sede de Deus”, o seu amor pelos pobres, o gosto de fazer bem aos outros. Sua mãe era uma nobre senhora que passava aliviando misérias, por si mesma ou pelas Associações de beneficência que fundou e dirigia. Da oração fúnebre extraímos esta passagem: “A este sublime apostolado da caridade para com os desprotegidos filhos da pobreza dedicou toda a sua inteligência e dedicação. A caridade era o seu pensamento dominante. É isto o que Lisboa pôde presenciar muitas vezes, vendo com admiração uma senhora da primeira nobreza descer da carruagem e subir por escadas sombrias até ao Asilo enegrecido e lóbrego da miséria e enxugar lágrimas de pais e filhos e a pôr o pão do sustento na mão engelhada e fria do esfomeado; enfim, a serenar fronteiras que a desgraça enrugava.”¹¹⁵

O exemplo da mãe, a sua bondade, generosidade e caridade foi calando fundo no coração da filha. Além da preocupação pela vivência evangélica da misericórdia, sua mãe procurou formá-la numa espiritualidade profunda. Para a orientar, desde tenra idade, escolheu um santo e bondoso padre da Igreja dos Inglesinhos em Lisboa: Lourenço Richmond. Estas duas pessoas foram fundamentais na sua vida de seguimento de Jesus.

¹¹⁴ J.B. METZ, *Las Órdenes...* ibid., 109.

¹¹⁵ A. CORDEIRO, *Oração Fúnebre proferida nas exéquias da Ex. Sr^a Condessa de Rio Maior*, I.N., Lisboa 1890, 5.

Teresa foi interiorizando este caminho, certa de que a busca de Deus na oração leva necessariamente ao serviço aos irmãos, sobretudo aos mais pobres. Há, pois, um projecto de fé que se concretiza, num projecto de acção apostólica que desabrocha numa vocação de seguimento radical de Jesus Cristo e numa fundação pioneira.

“O saber cristológico configura-se e transmite-se, antes de mais, não em conceitos, mas em história de seguimento. Tem um carácter narrativo prático.”¹¹⁶ Aproximamo-nos do seu projecto fundacional, através do encontro histórico com a sua pessoa e a obra que gerou: a Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

Consideramos três chaves interpretativas para evocar o nascimento da Congregação:

1º - O momento histórico no qual viveu, o século XIX.

2º - A finalidade que imprime à Congregação: o serviço da misericórdia, educação, alfabetização, promoção humana e evangelização.

3º - Os elementos dominicanos que a integram: oração, contemplação, estudo, apostolado, vida fraterna, simplicidade, pobreza.

Esse projecto fundacional nasce do encontro da mulher fascinada pelo absoluto de Deus, com a miséria material e cultural do seu tempo.

Fazemos a “história” da fundação com o mesmo sentido em que a define Metz:

“ como biografia colectiva, como crónica de família de uma comunidade de seguimento.”¹¹⁷

4.1. “ Eu vi a miséria do meu povo ” (Ex 3,7)

¹¹⁶ J.B.METZ, *Las Ordenes...*, ibid., 49.

¹¹⁷ Ibid., 29.

O momento histórico do povo português do século XIX é marcado por transformações, que vinculam as profundas desigualdades sociais. Teresa nasce e vive neste contexto. Sensível ao sofrimento humano e sempre atenta à voz interior do seu Senhor, que tal como a Moisés lhe sussurra: *Eu vi a miséria do Meu povo... (Ex 3,7)* sente a urgência de intervir.

Revoluções sucessivas impedem o desenvolvimento das estruturas sociais, políticas e religiosas. Igreja e Estado vivem em tensão constante. As muitas lutas liberais levaram o País ao esgotamento. A adesão de alguns eclesiásticos ao Partido Absolutista, criou-lhes, no Regime Liberal, uma situação incómoda. Tudo isto se reflecte na vida do povo, que se vê enganado por uns, explorado por outros, sem que ninguém se ocupe ou se preocupe das suas necessidades básicas. A miséria alastra. Antes era a Igreja que se ocupava da assistência aos pobres através das Ordens Religiosas, das Corporações e também das Misericórdias, esse “género de religião inventada pelos seculares para exercício da virtude.”¹¹⁸

O separatismo do Estado Liberal e a Lei da Extinção das Ordens Religiosas em 1834, que incorporou os seus bens à Fazenda Nacional, criou novos problemas. A maior parte desses bens foram parar às mãos de particulares, deixando, por isso, de serem utilizados para os fins assistenciais a que muitos tinham sido destinados pelos doadores. O Estado reivindica as actividades de carácter assistencial. Envolvido, porém, em contendas políticas, deixa de lado tanto o ensino, que era agora laical, como a assistência social.

Os pobres e doentes estavam, na maior parte dos casos, abandonados à sua própria sorte, ou à ajuda de algumas senhoras da sociedade. A juntar-se à deplorável situação das pessoas do campo, surge o proletariado, causado pela liberalização da economia. O Estado não intervém e os pobres são cada vez mais numerosos e miseráveis. O trabalho desenvolve-se em condições verdadeiramente desumanas. Os horários chegam a ocupar dezassete horas ininterruptas, sete dias por semana. As crianças, muitas delas, com menos de dez anos, cumprem horários semelhantes. Não

¹¹⁸ Cf. A. RAMOS, in: AA.V., *A Igreja e a opção pelos pobres...*, *ibid.*, 81.

existe qualquer tipo de Segurança Social perante a doença e o infortúnio. Os salários são de miséria. A sub-alimentação é moeda corrente. A habitação é doentia, quer pelas condições precárias de construção, quer pelo excessivo aglomerado de pessoas em pequeno espaço habitável. Não é raro encontrarem-se três e quatro famílias dispendo de uma divisão insalubre.¹¹⁹ Surgem numerosas doenças como a tuberculose e o raquitismo, tanto na cidade, como no campo. Esta geração não tem acesso a qualquer tipo de educação, formação ou alfabetização.

As classes dirigentes não se ocupavam do proletariado indefeso, nem do campesinato pobre. O único remédio que lhes ofereciam era o convite à resignação e à paciência. No estrangeiro já havia, sobretudo em França, correntes de pensamento e de acção tendentes a terminar com esta exploração. Recordamos os nomes de Lacordaire, tão conhecido e apreciado por Teresa; Ozanam, fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo. Traçam um programa de intervenção social, que defenda as crianças no trabalho, garanta segurança na doença e na velhice e permita associações aos operários.

Ozanam, porém, defendia: “Antes de fazermos o bem público, podemos tentar fazer o bem individual e privado; antes de regenerarmos a França, podemos auxiliar alguns dos seus pobres.”¹²⁰

Teresa, mulher viajada, mantinha muitas relações no estrangeiro e conhecia algumas iniciativas. Preocupava-a a situação do seu povo esmagado, definhado por trabalhos e doenças, crianças privadas dos seus direitos mais elementares, raparigas obrigadas a árduos trabalhos sem possibilidade de tomarem consciência dos seus direitos, mergulhadas na mais dura ignorância.

Esta situação agravou-se, em Lisboa, pela saída das únicas Irmãs que se dedicavam à assistência e ao ensino dos pobres. A primeira solução para colmatar a ausência das religiosas expulsas, foi criação de Associações de Caridade. Com as suas rendas cobriam as despesas dos Asilos e Orfanatos. Teresa vê a miséria do seu povo.

¹¹⁹ Cf. *Ibid.*, 85.

¹²⁰ Cit. in: AA.V., *A Igreja e a opção pelos pobres...*, *ibid.*, 87.

O seu ver dinâmico toca-lhe o coração compassivo. Abre com as suas colaboradoras a sua primeira obra assistencial no ano de 1863.¹²¹

4.2. O Seguimento de Jesus

"Quando pensa fazer-se religiosa
é sempre o serviço dos pobres
que a seduz."

D. António Ribeiro¹²²

Teresa de Saldanha foi criada no seio de uma família abastada onde nada lhe faltava:

“ Desejo que saiba quão milagrosamente Nosso Senhor estando eu, pela posição em que Deus me colocou, rodeada de tudo quanto se pode chamar grande, colocou no meu coração ambições maiores! Desejando desde criança ser só de Deus.”¹²³

Apesar disso, considera que a felicidade não vem daí: Deus pôs no seu coração ambições maiores. Aos dezoito anos sentiu um desejo de se consagrar totalmente a

¹²¹ Cf. T. SALDANHA, *Notas pessoais* in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 25.

¹²² A. RIBEIRO, *Os Três amores de Teresa de Saldanha*, in: AA.V. *Evocação, 150 anos do seu nascimento*, C.D.C.S., Lisboa 1988, 6.

¹²³ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

Deus. Foi nessa idade “que comecei a frequentar o mundo” isto é, a ir a bailes, festas, banquetes. Fazia-o para dar gosto aos seus pais. Mas reconhece que “no mundo é muito difícil ser fiel a Jesus”. É possível seguir a Jesus como cristã, mas é “duro para a natureza resistir diariamente à voz, mesmo falsa, da lisonja.”¹²⁴

A consciência de superficialidade da vida social vai-se vincando mais, na medida em que contacta com a margem da sociedade, que é, afinal, a maioria do povo, aqueles que não se podem dar a esses luxos aristocráticos.

Compreende que o seguimento de Jesus exige um corte radical no estilo de vida, para os que são chamados. Por isso, assusta-se com a ideia da vocação religiosa:

“Estava já desenvolvido o desejo ardente de ser religiosa e que ao princípio tanto me custou a confessar a mim mesma que era verdadeiro, pois assustava-me a ideia de o ter.”¹²⁵

Apesar dos sustos iniciais, Teresa descobre que esse é um caminho de felicidade:

“O meu maior desejo, nesta obra é fazer a vontade de Deus. Que tremendo seria abraçar a vida religiosa sem ter verdadeira vocação. Como pode uma pessoa que faça isso, esperar encontrar felicidade no silêncio de um convento? E onde encontrará ela prazer para suportar o sacrifício de deixar parentes e amigos? Como poderá ela gozar da felicidade de ter uma vida de sacrifício?”¹²⁶

Tem um conceito actual e correcto da vida religiosa. Exige corte, renúncia, mas é sempre um caminho de libertação, de felicidade e realização pessoal.

Este seguimento tem sempre *um* duplo componente: místico e outro situacional, prático-político. Na sua radicalidade não crescem em sentido oposto, mas

¹²⁴ Ibid.

¹²⁵ Ibid., *Notas pessoais* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, M.T.S..., *ibid.*, 25.

¹²⁶ Ibid., *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

em sentido igual e proporcional. É sempre místico e político.¹²⁷ Teresa, na sua resposta a Deus, segue este esquema. Deseja consagrar-se para realizar o grande e inseparável amor da sua vida: Deus e os pobres. Não há dicotomia, é um mesmo amor: “ Quando pensa fazer-se religiosa, é sempre o serviço dos pobres que a seduz.”¹²⁸ O chamamento que sentia não se realizava nem numa prática puramente humanista, nem numa pura interioridade. Ao querer seguir Jesus não procura uma perfeição ética, mas quer percorrer o caminho de Jesus ao Pai.¹²⁹ Sabe que esse caminho exige sacrifícios. Jesus bem os aponta no evangelho. (cf. Lc 9,23; 14,26)

Durante algum tempo, quis ser uma religiosa das Irmãs da Caridade, o que se compreende, porque com elas trabalhava e observava, o seu estilo estilo comprometedor de socorro aos pobres e de promoção humana.¹³⁰ A sua vocação, porém, vai-se esclarecendo através das diversas circunstâncias sociais, históricas, familiares e pessoais. A saída das Irmãs Francesas acelerou a nova fundação. O anticongregacionismo continuava no País, e vê, com desgosto, muitas das suas melhores amigas e colaboradoras partirem para o estrangeiro, para realizar a sua vocação. Também ela, durante algum tempo, pensa nessa hipótese:

“A Ordem que escolhi é a das Irmãs Terceiras de S. Domingos, estabelecida em Stone, na Inglaterra. É um grande estabelecimento onde há hospital, classe de crianças, pobres a visitar. Já estou aceite.”¹³¹

¹²⁷ Cf. J.B.METZ, *Las Ordenes...*, *ibid.*, 52-53.

¹²⁸ A. RIBEIRO, *Os três amores de T. de Saldanha*, in: AA.V. *Evocação...*, *ibid.*, 16.

¹²⁹ J.B. METZ, *ibid.*, 55.

¹³⁰ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 36.

¹³¹ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 36.

4.3. *A Inspiração original*

Teresa está pronta a partir. Tem um plano e uma esperança: voltar para Portugal e colaborar no ressurgimento da Ordem Dominicana, no País. Conhece o desejo do Mestre Geral da Ordem de então que em 1863 tinha ido a Lisboa:

“ O Geral da Ordem deseja muito estabelecer a Ordem em Portugal. Veio o Verão passado a Lisboa e, se isso acontecesse, sei que me mandavam para Portugal.”¹³²

A cronista da Congregação também se refere ao facto:

“ Em 1863 o Père Jandel esteve em Lisboa.” Vinha, por assim dizer, deitar uma última absolvição aos restos da Ordem Dominicana Portuguesa, reduzida aos Conventos de Santa Joana, do Sacramento e do Salvador, em Lisboa, e de Santa Catarina, em Évora.”¹³³ Efectivamente, a Ordem Dominicana muito próspera em Portugal, antes da extinção com vinte conventos, via-se agora moribunda, pois os poucos conventos femininos de contemplativas que existiam estavam em agonia. À morte da última religiosa fechariam e o edifício, com todos os bens, entraria nos cofres do Estado. Os conventos masculinos já estavam todos ocupados por serviços governamentais. Daí a expressão: deitar a última absolvição à Ordem Dominicana.

Teresa conhece a situação dessas religiosas e das suas casas. Pensa que pode conjugar o seu desejo de fazer algum bem ao seu povo, com a vocação de seguir Jesus e a *salvação* desses conventos, evitando que esses espaços, doados e construídos para fins de caridade, sejam espoliados, profanados. Quer reabilitá-los ao serviço da caridade.

¹³² Ibid.

¹³³ M.R. THIAUOCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 116.

Se até essa altura, nos conventos, se tinha praticado uma caridade, modelo assistencial, distribuindo bens, agora eles serão postos ao serviço de uma caridade modelo libertador, dedicando esses espaços à educação, alfabetização, promoção humana e social das pessoas mais desfavorecidas, que de outro modo, não tinham acesso aos bens da cultura e do desenvolvimento.

Atesta Lima Vidal: “Parecia-lhe e tinha razão, que, sem essa obra, o Convento estaria sempre em perigo. Só estas questões de ensino, de educação, de assistência, pesavam na balança para as decisões. E, se Teresa tinha conseguido meter-se tanto pelas ruínas dos conventos para as reparar e salvar, a sua grande arma tinham sido sempre os ranchos de crianças que andavam continuamente à roda dela, e pareciam pregadas, como cachos de, às dobras do seu largo manto.”¹³⁴

A sua preocupação é colaborar na restauração da vida dominicana em Portugal. Reconhece que se pode servir a Deus em qualquer lugar, mas custa-lhe voltar as costas ao seu povo:

“ Se, por um lado, o lugar aonde eu possa ser chamada a trabalhar me é indiferente, porque Deus está em toda a parte, por outro lado, conhecendo o triste estado do meu pobre País, senti sempre um grande desejo de trabalhar aqui, onde tanto bem se pode fazer. Mas como poderá realizar-se este meu desejo? ”¹³⁵

4.4. Começar de novo

Na sua cabeça de jovem fervilham projectos de serviço evangélico, numa congregação religiosa. Frequenta a Igreja do Corpo Santo, em Lisboa, onde se

¹³⁴ J.E. LIIMA VIDAL, *Teresa de Saldanha...*, o.c., 279.

¹³⁵ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, M.T.S..., *ibid.*,116.

aconselha com o P. Wiseman, dos Dominicanos Irlandeses. Este religioso conhece bem o deplorável estado do País e anima-a a obter as licenças necessárias para estabelecer uma Congregação Religiosa. Pensa que da sua inspiração poderá surgir o princípio da regeneração religiosa de Portugal.¹³⁶ Ele próprio promete fazer diligências por colher informações na Irlanda sobre algum convento que a receba, com a promessa de a fazer voltar. Teresa conta numa das suas notas: “O santo Padre Wiseman escutava silenciosamente quando eu lhe falava nos meus desejos e ele tinha vontade ardente de os ver postos em prática. Mas, como estava doente, limitava-se a animar-me a ter paciência, a que esperasse e a que nunca desistisse da resolução de trabalhar em Portugal, empregada no serviço de Deus.”¹³⁷

Teresa escutava as exortações deste bom padre, bem como o clamor do seu povo. A juntar-se a estes apelos, está a voz interior do Seu Senhor lhe sussurra: *Vai, envia-te...* Ouve o grito, sente a urgência, mas não vê imediatamente o caminho. Contudo, avança dá passos... Não se limita a ver e a lamentar o que vê. Reza, aconselha-se, lança-se numa audaciosa aventura: restaurar a vida dominicana:

“Conhecendo o triste e desolado estado do meu País, senti sempre um grande desejo de trabalhar aqui. Poder fazer algum bem ao meu povo e o segredo íntimo de realizar, com mais facilidade, um dia os ardentes desejos do meu coração, de me consagrar a Nosso Senhor, fizeram com que eu, depois de muitas orações e devoções, empreendesse a Obra da fundação das Terceiras Dominicanas, confiando em tudo e por tudo no auxílio da graça de Nosso Senhor.”¹³⁸

Tratava-se, como está claro, de um projecto arrojado, naquele tempo. Todos os ventos eram contrários ao lançamento dessa grande empresa. De todos os lados ela ouvia martelar, como que a fazê-la desistir, a palavra: prudência, prudência ! A própria

¹³⁶ Cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 38.

¹³⁷ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 44.

¹³⁸ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, *ibid.*, 41.

situação da Igreja Portuguesa era desanimadora, porque “falar de Congregações, era falar de ligações com o estrangeiro e com o Papa, coisa suspeita a muita gente nessa altura.”¹³⁹ Portugal tinha saído de uma guerra civil e as novas políticas liberais eram, normalmente, anticlericais e anticongregacionais. Existiam vestígios, quer de regalismo, quer de ultramontanismo, defensor do absolutismo papal. Estava ainda muito viva, na memória de todos a questão das Irmãs da Caridade, expulsas, precisamente, por serem estrangeiras e dependerem de um superior fora do país.

José Estevão, um reputado parlamentarista, contesta: “As Irmãs da Caridade estrangeiras, não as queremos. Pois se não há Instituto de Irmãs da Caridade senão francesas, porque tiravam a nacionalidade da do seu chefe. Se reprovoo que se recebessem Irmãs da Caridade para uma Congregação já criada, mais reprovoo, porque o julgo um grande absurdo, que se crie uma nova Congregação, desde os fundamentos.”¹⁴⁰ Este discurso pronunciado no Parlamento Nacional em Maio de 1862, é revelador de uma mentalidade mais ou menos corrente, entre políticos.

Apesar de ser conhecedora desse pensamento e da opinião de muitos altos eclesiásticos que lhe recomendavam prudência, Teresa sente que não pode deixar seguir, indiferente, o desenrolar dos acontecimentos. Numa Igreja em crise, com um clero mal preparado, com as crianças e jovens desprovidos da educação e da catequese, intui que é preciso começar algo novo, porque o antigo estava mal conotado pelas suas ligações aos poderes absolutistas. “Nessa época, ano de 1866, as Ordens Religiosas tanto de homens como de mulheres estavam extintas em Portugal, não se podia aproveitar coisa alguma, era necessário começar de novo.”¹⁴¹ E noutra ocasião escreve: “parece-me que Nosso Senhor quer que tudo acabe do passado, para se renovar completamente nas boas obras e no silêncio.”¹⁴²

¹³⁹ M. CLEMENTE in : Prefácio à obra de M. R. THIAUCOURT, *M.T.S.*, ibid., XII.

¹⁴⁰ J. ESTEVÃO, *Discursos Parlamentares*, Câmara M. de Aveiro, Aveiro 1983, 227.

¹⁴¹ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S.*..., ibid., 26.

¹⁴² Ibid., 97.

Está, pois, mais voltada para a busca de novas soluções, do que para a imitação de modelos conhecidos, ultrapassados. As antigas Ordens estavam vinculadas a um determinado tipo de espiritualidade, de exercício da caridade, de modelo político. Intui que é necessário voltar-se a para a promoção humana.

Para tempos novos, respostas novas. Efectivamente, a sociedade portuguesa do século passado via-se batida por fortes ventos de mudança, de novidade. Não só no campo da política, como das ideias sociais, filosóficas e religiosas.

As mudanças sociais apresentavam-se a Teresa como uma provocação, um desafio. Atenta e conhecedora dessa realidade, procura *ler* o que hoje chamamos *sinais dos tempos*, respondendo de uma maneira adequada, com maior exigência evangélica, às mudanças que se operavam. Queria uma presença de Igreja mais atenta às reais preocupações da sociedade, mais voltada para os pobres, vivendo numa atitude mais humilde, nas boas obras e no silêncio ¹⁴³ diz ela, mais radical, mais dialogante com os valores emergentes da nova sociedade.

4.5. Uma Congregação Dominicana

“A religião do nosso Pai S. Domingos
é muito larga, alegre e perfumada”

Stª Catarina de Sena ¹⁴⁴

Domingos de Gusmão, homem de oração e semblante sempre sereno, salvo quando afectado pela compaixão, tinha um ardente desejo de salvar todos os homens. Grande intelectual, vende os livros, abalado pela miséria dos pobres a quem acolhia na sua caridade e misericórdia.

¹⁴³ Ibid.

¹⁴⁴ C. de SENA, *O Diálogo*, Paulinas, S. Paulo 1984, 369 .

Reconhecemos em Teresa muitos traços deste grande santo a quem tinha particular devoção: “Todo o ano de 1864 e 1865, fiz, sem cessar, devoções, orações para pedir a Nosso Senhor me ilustrasse e me desse a conhecer a sua Divina Vontade.”

¹⁴⁵ Vontade que se vai esculpindo numa realidade nova: a fundação de uma Congregação de Irmãs Terceiras de S. Domingos:

“Depois de muitas devoções, com o fim de saber qual era a vontade de Deus, foi em Outubro de 1865 que se começou a realizar uma empresa tão difícil como eu me propunha fazer, ajudada com a graça de Deus, a da fundação de uma Congregação de Irmãs Terceiras de S. Domingos que se ocupassem: da educação da mocidade, de tratar dos doentes pobres, visitá-los nos seus domicílios que substituísse entre nós as Irmãs da Caridade.” ¹⁴⁶

Teresa, ao acolher a inspiração para fundar, sente como que uma simpatia pela Ordem de S. Domingos, que ela conhecia e amava e com a qual, de certo modo, se identificava, pela sua característica alegria, abertura, liberdade, democracia, amor à verdade e ao estudo, vivência da fraternidade e compromisso apostólico. Enfim, uma Ordem no dizer do Padre Lacordaire “fundada à imagem da Igreja universal a fim de que se possa adaptar aos tempos e aos lugares.” ¹⁴⁷

Vai, pois, começar algo novo a partir dessa Ordem secular, que com enorme força e novidade surgia por vários países da Europa, a Ordem Terceira vocacionada, sobretudo para o serviço da misericórdia. Relativamente às Ordens Terceiras, a lei, quer em Portugal, quer noutros países era omissa. Aqui não tinham sido abolidas, dependiam da jurisdição eclesiástica da diocese onde estivessem os colégios. Delas não vinham grandes riscos, como depender de superiores no estrangeiro e fazer votos solenes.

¹⁴⁵ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 75.

¹⁴⁶ *Ibid.*, 79.

¹⁴⁷ Cit in: M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 55.

Este vazio legal, e a urgência de pessoas que, livre e oblativamente, se entregassem ao serviço dos mais pobres, impulsionaram Teresa de Saldanha a lançar-se num empreendimento tão difícil, quanto evangélico.

Ela própria nos conta o motivo da sua opção dominicana:

“ Pensava na Ordem de S. Domingos pela grande devoção que eu tenho para com este Santo, hereditária em mim, pela devoção que sempre houve na minha família paterna para com S. Domingos. Na capela de meus pais existia uma imagem muito milagrosa do nosso santo Patriarca. S. Vicente Ferrer é, além disso, o santo Padroeiro da minha família. Frei Luís de Sousa fala no meu antepassado avô, Diogo de Saldanha, que passou os últimos dias da sua vida no Convento da Ordem Dominicana, no ano de 1592. Escolheu o Convento de Santarém e professou, porque aquela família tinha particular devoção à Ordem de S. Domingos, que andava nela como por herança. Portanto, não se deve estranhar a minha devoção para com S. Domingos.”¹⁴⁸

E noutra ocasião confessa: O pensamento das Irmãs de S. Domingos estava no meu espírito.”¹⁴⁹

Mais uma vez, as circunstâncias conduziram a inspiração desta mulher. À grande devoção a S. Domingos juntou-se a proximidade que manteve com os únicos Padres Dominicanos existentes no País, os Irlandeses do Corpo Santo, em Lisboa. São esses admiráveis Padres que orientam, animam e impulsionam a sua vocação e inspiração fundacional.

Primeiro, o Padre Wiseman, que, solícitamente, acalentou o projecto e constantemente a aconselhava a ter paciência, a esperar, porque devia trabalhar em

¹⁴⁸ T. SALDANHA, *Notas pessoais* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*,42.

¹⁴⁹ *Ibid.*, 49.

Portugal. As dificuldades não faltavam e logo no início deste grande sonho morre este bom guia.

Esta dificuldade inicial, não a abalou. Escolhe um novo guia e conselheiro, o Dominicano, Padre Patrício Russel, que muito colaborou no nascimento da Congregação. Confessa que o escolheu por ser Dominicano:

“ A minha alma adquiria uma certa luz. Animava-me muito a compreender a grande Obra da fundação das Irmãs Dominicanas. Dizia-me que fizesse tudo quanto eu quisesse e entendesse para realizar os meus desejos.”¹⁵⁰

Os projectos fervilhavam na sua cabeça. Algumas das suas amigas partilhavam-nos. Assim, decorreu, no dia 1 de Outubro de 1866, na capela do colégio da Associação das Meninas Pobres, uma reunião para se deliberarem importantes negócios relativos à introdução, em Portugal, de um Instituto de Irmãs Terceiras da Ordem de S. Domingos. Esta foi orientada pelo P. Russel, com a presença de duas senhoras: Madalena Martin e Maria Augusta Campos. O Padre Russel O.P. começou o seu discurso dizendo: “ que se achava ali presente alguém, a quem Deus Nosso Senhor tinha inspirado, havia algum tempo, uma grande obra: a introdução em Portugal de uma Congregação regular de Terceiras de S. Domingos que se dedicassem exclusivamente ao tratamento dos pobres enfermos e à prática de todas as obras de misericórdia. Disse depois que tinha examinado bem esta vocação que lhe parecia inspirada por Deus.”¹⁵¹

Neste extracto de acta, encontramos o essencial do carisma fundacional desta mulher portuguesa, a primeira a empreender, aqui, uma obra destas. Tal como Domingos, viu a urgência de uma Igreja diferente, ao serviço do Reino. Sentiu-se livre para recriar no seu “aqui e agora” o sempre novo da Verdade, da Justiça e da Ternura.

¹⁵⁰ Ibid., 45.

¹⁵¹ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 53.

4. 6. Vida religiosa “ no feminino ”

“Se o lava pés é um dos cumes do Evangelho, elas sentem-se, naturalmente, nos primeiros lugares, porque são elas que, moral e fisicamente lavam o maior número”

Yvonne Turin ¹⁵²

Em Portugal, como no resto da Europa, poderemos dizer com Claude Langlois: “ o catolicismo escreve-se cada vez mais no feminino.” As mulheres intuem novas formas de exercer o apostolado. É o sintoma mais evidente de uma feminização do catolicismo, diz Alvarez.¹⁵³

Enquanto os homens se encontravam, de um modo geral, mais virados para o mundo da política, no sentido das reivindicações do poder, da autoridade e do domínio, as mulheres, que eram educadas para serem, sobretudo, mães, esposas, donas de casa, voltam-se para fora do seu pequeno casulo e intervêm nos problemas sociais. Nas obras de beneficência descobrem e desenvolvem novas maneiras de exercer a sua maternidade, pondo todo o potencial do seu afecto ao serviço da ternura e da alegria dos mais carenciados. Ricas de intuição e sensibilidade, tocadas pela força do evangelho, dão uma tonalidade nova, diferente, mais suave, mais doce à vivência do catolicismo.

Além disso, a mulher revela que é tão capaz como o homem de assumir a liderança de grupos humanos. As fundadoras, as superiores de obras, mostram capacidades de governo, de autoridade, de organização e deram um bom passo para a emancipação da mulher.

¹⁵² Y. TURIN, *Femmes et Religieuses au XIX^{ème} siècle, Le féminisme "en religion"*, Nouvelle Cité, Paris 1989, 234.
"Si le lavement des pieds est un des sommets de l'Évangile, elles se sentent tout naturellement aux premières loges, car sont elles qui, moralement et physiquement, en lavent le plus grand nombre".

¹⁵² C. LANGLOIS, *Le Catholicisme au féminin, Les Congrégations françaises à supérieure générale au XIX^{ème} siècle*, Cerf, Paris, 1984, 13.

¹⁵³ ALVAREZ GOMEZ, *História de la Vida Religiosa*, III Vol., Claretianas, Madrid 1990, 536.

Nas novas Congregações, as mulheres assumem responsabilidades, até então, atribuídas somente aos homens. Exercem profissões como nunca o tinham feito: professoras, enfermeiras, ecónomas. Em nome da fé e do evangelho, a força feminina revelou-se como um potencial imparável.

Vem a propósito citarmos, mais uma vez, a opinião de Claude Langlois relativamente ao papel das Congregações na emancipação das mulheres, no século XIX: “Teremos de concluir que a emancipação das mulheres no século XIX passa pelas Congregações?” Pergunta ele. E responde: “ Não se pode, pelo menos, abordar seriamente o problema, ignorando o papel por elas desempenhado. É incontestável, que as Congregações permitiram às mulheres aceder a postos de responsabilidade, proporcionaram-lhes actividades profissionais, prepararam a opinião pública para as ver intervir num certo número de actividades. E provaram que tinham capacidade para isso”.¹⁵⁴

Partilhamos esta mesma opinião. As mulheres religiosas, no século XIX, atingiram um bom grau de emancipação em relação aos homens, sobretudo eclesiásticos. Estes, antes, não lhes permitiam um apostolado directo, obrigando-as a viver em clausura, sob a dependência de um varão.

As Congregações do século XIX foram, pois, o grande marco na emancipação da mulher. Com autoridade e determinação, revelaram capacidades até então escondidas. Fundaram, organizaram, dirigiram Congregações, que se destacaram pelos grandes serviços à humanidade. Nestes seus labores, contactaram muitas estruturas sociais, enfrentaram muitos e arrojados desafios, que venceram com fortaleza e coragem. Não apenas as fundadoras, mas, em geral, todas as mulheres religiosas de vida apostólica se distinguiram pela sua actividade profissional no campo da saúde, do ensino e da promoção integral da pessoa humana. Animadas de uma fé amadurecida na oração e no sacrifício, serviram incansavelmente, demonstrando competência e determinação, sem estarem dependentes das ordens, quantas vezes arbitrárias, de um homem.

¹⁵⁴ C. LANGLOIS, *Le Catholicisme...*, *ibid.*, 644.

O Sínodo sobre a Vida Consagrada de 1994 reconhece-o ao afirmar que a vida consagrada foi, de facto, um espaço muito apto para a promoção religiosa e humana tanto da mulher consagrada como daquelas a quem chegou o seu apostolado. A história da Igreja é muito eloquente neste ponto sobre o papel tão importante que desempenharam as mulheres consagradas.¹⁵⁵

Enquanto muitos eclesiásticos se detinham pusilânimes, as religiosas avançaram em muitas frentes, fizeram o que ninguém fazia, tanto no campo da saúde, do ensino, da promoção humana em geral, como da evangelização directa. Dá-se uma “feminização do catolicismo.”¹⁵⁶

Teresa de Saldanha pode considerar-se também uma das mulheres que contribuiu para essa feminização. Tanto ela como as suas colaboradoras ensaiaram novas maneiras de serem mulheres, de serem cristãs, numa sociedade habituada, como estava, a viver sob o domínio de homens, quer nas estruturas sociais, quer religiosas. Os homens governavam, os homens ensinavam, os homens dominavam.

Nesta altura, porém, muitos dos clérigos portugueses encontravam-se definhados, aniquilados, mal preparados, desanimados pelas querelas político-sociais. Pouco haveria a esperar deles, do seu encorajamento, das suas iniciativas.

O próprio Espírito suscitou novas formas de viver o evangelho, manifestando que a hora não é de dogmatismo e de prepotência, mas do serviço humilde e fraterno, mais ao jeito de fermento que se mistura na massa e lhe vai dando um sabor diferente, um gosto mais agradável. Um jeito feminino de ser e testemunhar, com afecto, o evangelho da ternura e da misericórdia.

Ao fundar uma Ordem Terceira, Teresa tem um objectivo pastoral, que se expressa num compromisso social. A sua obra irá dar instrução e formação às crianças e à juventude, ajudar lares aflitos e entregues à miséria, ao desamparo, escutar confidências desesperadas, animar, consolar, velar à cabeceira dos moribundos: “ A ideia fundamental da sua Obra continuava a ser o socorro aos pezinhos descalços, aos

¹⁵⁵ Cf. C.AMIGO VALLEJO, *El Sínodo...*, *ibid.*, Claretianas, Madrid 1994, 95.

¹⁵⁶ Cf. Y. TURIN, *Femmes et religieuses ...*, *ibid.*, 146-157.

pequenos maltrapilhos das ruas e das mansardas, a miudagem sórdida, ignorante, vagabunda, faminta,”¹⁵⁷ visto que “nenhuma das misérias espirituais ou temporais da humanidade resgatada escapa à solicitude, agora universal, da caridade Dominicana.”

158

A Ordem Dominicana nasceu no século XIII de um grande sonho de Domingos de Gusmão: a salvação da humanidade. Homem sensível e cheio de ternura, “trazia toda a miséria humana no santuário da sua compaixão”.¹⁵⁹ Tocado pelo mundo da heresia, nasce-lhe a grande paixão: o serviço do evangelho, particularmente pela pregação da Palavra, o estudo e a difusão da Verdade. A misericórdia de Domingos concretizou-se na sua vida e na fundação de uma Ordem, entregue à pregação da Palavra que liberta.

As Congregações Dominicanas femininas vivem e expressam essa mesma misericórdia, em gestos e fundações de solidariedade e compaixão para com os pobres, os famintos, os ignorantes. A mesma verdade, vivida e testemunhada em acções de libertação da opressão que esmaga, da miséria que desumaniza.

Tal como Domingos, Teresa vive numa sociedade em mutação, carregada de desafios, de problemas, de carências e injustiças. É muito sensível às dificuldades que a rodeiam. Por isso, embora o seu gosto pessoal fosse o sossego num convento contemplativo:

“Desejando, suspirando ardentemente por Ele. E, em tais ocasiões eu estaria inclinada a fugir e esconder-me do mundo. E, todavia, não é para esta vida de contemplação que Jesus me chama. Ele quer que eu fique a trabalhar entre as criaturas.”¹⁶⁰

¹⁵⁷ J.E. LIIMA VIDAL, *Teresa de Saldanha...*, ibid., 181-182.

¹⁵⁸ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, ibid., 57.

¹⁵⁹ Cf. J. SAXONIA, *Libellus*, nº 103 in: *Fontes Dominicanas* 1, Secr. Provincial, Dominicanos, Fátima 1987, 7.

¹⁶⁰ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

Sente que a prioridade agora é servir a Deus nas criaturas: “ A vida contemplativa, no início do século XIX não era a prioridade, agora, era um dever viver para o próximo directamente, exclusivamente: a vida activa, a vida do exterior, eis o que era preciso nesta nova conjuntura. Por isso, as novas Congregações femininas procuram responder à necessidade, geralmente sentida, das obras da caridade e da educação cristã da classe pobre.”¹⁶¹

A actual conjuntura exige obras práticas de promoção humana. A fé não pode ser vivida à margem dos problemas reais da sociedade, dessas camadas desfavorecidas que, pelas grandes cidades, se movem à procura de quem as socorra, de quem as ajude.

Teria consciência de poder remediar todos os males da sociedade ? Teria consciência da urgente necessidade de mudar as estruturas injustas de uma sociedade, baseada ainda, em classes estruturalmente distintas ? Teve preocupação de alertar para os grandes problemas sociais ?

Não nos é fácil responder, com total fundamentação, a estas questões. Quem pode penetrar na consciência de outrem, sobretudo se quase um século nos separa da sua existência terrena ?

Há, pelo menos, um dado que conhecemos: nas exposições e relatórios da Associação Protectora das Meninas Pobres, alertou, muitas vezes, essas senhoras benfeitoras para a urgente necessidade de “salvar os filhos do nosso povo”.¹⁶² Alguma consciência tinha dessa escravidão, da perversão de uma sociedade que mantinha presa na ignorância uma grande camada da população, sobretudo do estrato feminino.

O facto de ter iniciado, dirigido e impulsionado uma rede de escolas, pequenas chamas de esperança, lançadas pelo País, para contagiarem e irradiarem luz, conhecimentos e compromisso, que levariam a uma mudança estrutural, é disso testemunho.

¹⁶¹ C. LANGLOIS, *Le Catholicisme...*, *ibid.*, 27.

¹⁶² T. SALDANHA, *Relatórios A.P.M.P* in: A.C.D.C.S.

4. 7 . Livre, mas em comunhão

Teresa refere que a sua inclinação é pelas Irmãs de S. Domingos¹⁶³ não como as antigas contemplativas que conheceu, em Lisboa, nos moribundos conventos. É um estilo novo, porque o seu mundo é diferente e reclama novas presenças. Para tal, colhe muitas informações,¹⁶⁴ procurando esclarecimentos sobre os seus usos, nada poupando para ter uma obra religiosa perfeita e toda dominicana.¹⁶⁵

Era uma mulher culta, lida, viajada. Conhecia pela revista da Ordem *L'Année Dominicaine* a existência de outras Congregações Dominicanas nascentes pela Europa, sobretudo França e Inglaterra.¹⁶⁶

Também a sua cunhada e íntima colaboradora na fundação, D. Isabel da Anunciação, lhe colhe informações durante viagens que efectua a França: “Até então, pouco sabia da Ordem, pouca simpatia mesmo tinha por ela, a não ser por o Padre Jorge Wiseman lhe pertencer e a quem tantos favores devia na minha vida íntima. Foi Madame de Forbion que me deu a ler a vida do P. Besson, que então acabava de aparecer, que me fez admirar Lacordaire, venerar o P. Jandel, que me indicou conventos a visitar em Paris. Enfim, a Divina Providência fez-me encontrar uma pessoa que me podia ajudar em tudo o que eu desejava saber, para Teresa.”¹⁶⁷ A mesma jovem senhora conta que comprou muitas obras de Dominicanos, que ajudaram a cunhada a penetrar mais no espírito de S. Domingos e à sua mãe, a entender melhor os projectos da nova fundação e a pouco e pouco a tornar-se toda dos

¹⁶³ Cf. *Ibid.*

¹⁶⁴ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 76.

¹⁶⁵ *Ibid.*, 59.

¹⁶⁶ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

¹⁶⁷ MARQUESA DE RIO MAIOR, *Fundação...*, *ibid.*, 48.

seus planos às vezes tão ousado e temerários segundo o mundo.¹⁶⁸ Teve a mesma senhora oportunidade de visitar muitos dos Conventos Dominicanos em Paris assim como de outras Congregações vocacionadas para o serviço aos mais pobres: *Dames Auxiliaires du Purgatoire*, que ficaram encantadas ao conhecer os desejos de Teresa e a convidaram a entrar na Congregação, prometendo-lhe que iriam fundar, depois, uma obra em Portugal. D. Isabel partilha o seu pensamento: “Pensei que a Teresa dali nos poderia voltar e via aquela Ordem, que faz toda a qualidade de boas obras, oferecendo tudo pelas almas do Purgatório, teria grande aceitação em Portugal, onde tanta devoção há às almas.”¹⁶⁹

Não sendo esse o seu carisma, Teresa colhe informações, por escrito, das recentes Congregações Dominicanas, sobretudo de França e Inglaterra. Contacta, em França, com as Irmãs Dominicanas de Cette e Nancy. Esta última foi fundada por Mère St. Rosa, em Maio de 1853, sob o impulso do Padre Lacordaire, que desejava uma Congregação Dominicana feminina dedicada ao ensino.¹⁷⁰

Com as religiosas de Cette travou relações durante a sua viagem a França. Para as recolher, devido à ameaça de expulsão, Teresa pede o antigo Convento de St^a Joana em Lisboa. Empenhou-se bastante por esse assunto: “Tive muitas cruces e apoquentações. Estive todo o dia ocupada com negócios importantes da Ordem”.¹⁷¹ As referidas Religiosas acabaram por não ir para Lisboa.

Esclarecimentos importantes recebe de uma recente Congregação, fundada em Stone, na Inglaterra, para onde pensava ir, inicialmente. Aí se encontrava uma sua amiga com quem travou abundante correspondência recolhendo assim, muitas informações, como o confirma este extracto de carta da amiga, Isabel Howard: “Não podemos duvidar que Deus tem desígnios especiais sobre a Ordem Terceira. É extraordinário como ela está rebentando em todas as partes do mundo, e como os seus

¹⁶⁸ Cf. *Ibid.*, 49.

¹⁶⁹ *Ibid.*, 55.

¹⁷⁰ Cf. R. ZELLER, *Les Congregations Dominicaines du Tiers Ordre Régulier*, Letourzey et Année, Paris 1924, 67.

¹⁷¹ T. SALDANHA, *Notas pessoais* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 424.

membros se estão combinando para mutuamente se ajudarem e fortalecerem uns aos outros. A guerra pôs-nos em contacto com muitas congregações francesas. Além disso, contactamos com Irmãs na América, Alemanha e Holanda.”¹⁷²

Conhecemos correspondência com outros conventos dominicanos, nomeadamente Prouille, as primeiras monjas, fundadas directamente por S. Domingos, no sul de França.¹⁷³ Teresa não se poupa a esforços para que a nova fundação seja autenticamente dominicana, pois era esse exactamente o modo de vida a que aspirava.

¹⁷⁴

Contudo, a grande fonte de onde a Congregação bebeu o dominicanismo foi o Convento de Sena, em Drogheda, na Irlanda, que lhe abriu as portas, acolhendo e formando as primeiras vocações da fundação portuguesa. Com este Convento houve uma intensa troca de correspondência antes, durante e depois da estada aí, de vários grupos em formação. Após os primeiros grupos, duas religiosas desse Convento vêm, por sugestão do Mestre Geral da Ordem, P. Jandel, durante uns tempos, a Lisboa, ajudar na formação.¹⁷⁵

Os contactos com as Congregações femininas, quer dominicanas, quer de outra espiritualidade, foram muito úteis para uma esclarecida opção: enxertar a nova família religiosa no grande tronco da árvore dominicana.

Teresa conhece e admira a obra da restauração da Ordem Dominicana em França, pelo Padre Lacordaire:

“ Tenho lido e gosto muito do Lacordaire. Mas que impressão! Parece-me que se está passando o mesmo que naquele tempo se passava em França. (...) as leis tão opostas e depois o que Lacordaire sentia: desejos e receios, isto que tão bem percebo. E o seu amor irresistível pela solidão. Cuidava ser essa a sua vocação e não era. Como eu percebo isto tudo. Mas tenho

¹⁷² M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 73.

¹⁷³ *Ibid.*, 76.

¹⁷⁴ Cf. T. SALDANHA T. *Notas pessoais* in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 79.

¹⁷⁵ Cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 265 - 269.

quase vergonha de dizer isto, receando que possa fazer supor me atrevo a pôr-me na altura de Lacordaire, tão cheio de talento, e tão superior ! Mas como admiro a nossa santa Ordem . Quem é liberal não pode deixar de ser dominicano !”¹⁷⁶

É fácil descobrir neste extracto de carta a sua paixão pela Ordem Dominicana, pela sua restauração em Portugal. Revela-se boa conhecedora deste grande homem, que tanto trabalhou para dar vida à Ordem em França e da autêntica liberalidade dominicana. A Família Saldanha estava, efectivamente, vinculada ao Partido Liberal.

Há, portanto, uma clara, consciente e convincente opção dominicana como expressa, noutra circunstância:

“ Se em lugar de ser para a Ordem Dominicana tivesse sido para outra Ordem, o nosso Instituto teria sido outro. Devemos, por isso, dar graças ao nosso Pai S. Domingos de nos ter querido para suas filhas.”¹⁷⁷

4.8. Adaptada ao tempo e às circunstâncias

Teresa reconhece e conclui que Deus a chamava a trabalhar em Portugal, numa fundação portuguesa, “popular, conforme o espírito do país e dos seus costumes ”¹⁷⁸ independente de qualquer convento estrangeiro.

¹⁷⁶ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

¹⁷⁷ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 63.

¹⁷⁸ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

A obstinação numa fundação nacional, independente de qualquer Superior estrangeiro, entende-se dentro do contexto sócio-político vivido no Portugal do século XIX, testemunhado nos discursos parlamentares de José Estevão: “ Sou inimigo das Irmãs da Caridade, porque as considero um ataque ao princípio da família. A caridade atribuída a uma certa instituição, com o piedoso fim de educar as crianças e tratar dos enfermos nos diferentes países da terra, é uma malícia ostentosa.”¹⁷⁹ Os políticos consideravam uma afronta ao patriotismo nacional quer as ligações ao estrangeiro, quer a vinda de pessoas de fora para educar as crianças e tratar dos pobres. Cada país deve educar os seus filhos.

Os contactos políticos que mantinha e a acção social que desenvolvia junto dos filhos do povo, fizeram de Teresa uma mulher situada na realidade e atenta ao seu pulsar. Para evitar animosidades e convicta de que só teria bom acolhimento entre o povo, almeja por uma Congregação portuguesa, popular, saída do e para o serviço do mesmo povo, isto é, que entendesse claramente a sua língua, costumes, e maneira de ser. Uma instituição muito de acordo com o seu espírito e o da época: aberta, liberal, democrática, alegre, simples e fraterna, capaz de se adaptar aos tempos e às reais necessidades e anseios do povo.

Prova disso é o requerimento de aprovação das Constituições em português, a 24 de Janeiro de 1887, ao Cardeal D. José III :

“ Temos procurado, nas presentes Constituições, adaptar a dita regra da Ordem Terceira às necessidades do tempo presente, às circunstâncias do nosso país e à natureza das obras de que nos havemos de ocupar, conforme a praxe seguida em outros países.”¹⁸⁰

Desejava, portanto, uma Congregação que fosse capaz de dialogar com as pessoas, de perscrutar os seus anseios, as suas necessidades e de responder, não com a

¹⁷⁹ J. ESTEVÃO, *Discursos...*, *ibid.*, 261.

¹⁸⁰ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 508.

superioridade e a força da argumentação, mas com a qualidade evangélica de um serviço, à causa da pessoa humana.

Só assim, entendia Teresa, poderia ser fermento de transformação, de conversão de uma sociedade, que continuava conturbada e agitada por muitos e diferentes ventos. A criança, o jovem, a mulher, seriam o terreno fértil onde era urgente semear. A partir dessa base se daria uma *regeneração* da sociedade.

Porque sabe o que quer, reage fortemente à posição do Núncio Apostólico, Monsenhor Ferrieri, que lhe propõe colocar o Instituto sob a bandeira britânica:

“ Isso está em completo desacordo com os nossos planos. Nós esperamos que o Instituto seja português, confiando deste modo conseguir a simpatia das pessoas. Colocar o Instituto sob a protecção da bandeira britânica, seria criar animosidades nos sentimentos nacionais como acontecera com as Irmãs da Caridade. Logo, isso é impossível.”¹⁸¹

Paradoxalmente, a Congregação que Teresa queria bem portuguesa, começa por uma candidata inglesa e são muitas as estrangeiras que depois entram na Congregação. A formação religiosa que recebeu é estrangeira, não só quando o Noviciado é feito na Irlanda, mas também quando vêm de lá Irmãs ajudar na formação, em Lisboa.

4. 9. “*Se a obra é de Deus há-de ter o cunho da Cruz*”¹⁸²

É com esta frase sintética que Teresa expressa as imensas dificuldades que teve de enfrentar para levar a cabo a obra empreendida. E, de facto, “cruzes” não faltaram a esta mulher de fé.

¹⁸¹ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S.

¹⁸² M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 158.

Fábio Ciardi afirma que os trabalhos que rodeiam a fundação, convertem-se em instrumentos de purificação, mas não podem destruir a obra se verdadeiramente vem de Deus.¹⁸³ Consciente disso, Teresa perguntava: “Qual é a obra de Deus que não sofre perseguições ?”¹⁸⁴

De facto, a concretização do seu projecto, em tempos tão difíceis, acarretaram-lhe imensas dificuldades:

“Quantos obstáculos a vencer da parte das autoridades e, depois, o espírito maligno da época actual, perseguindo por toda a parte a Igreja Católica. Barreiras insuperáveis se puseram diante de mim para me roubar toda a esperança.”¹⁸⁵

O próprio Núncio, Monsenhor Ferrieri, questionava: “Projectos ! Quantos aqui me têm vindo, mas sem nenhum ir avante! E, quando persistem, olhem o que deu de si a história de Teresa Penamacor e, agora, a de Emília Chalbert !¹⁸⁶ Ele tinha sido chamado a intervir no caso dessa senhora e do seu regresso a casa, depois de esta ter ingressado num convento no estrangeiro. Por isso, esta resposta que era também o símbolo do desânimo que se vivia em Portugal, quanto a projectos religiosos. De desalento e apatia vivia a Igreja portuguesa, como demonstra o seguinte comentário da revista *Eco de Roma*, em 1870 : “ Em religião só vemos o silêncio, a mudez, a inacção de quem deveria falar, bradar e obrar.”¹⁸⁷

Os muitos problemas políticos e sociais, os enfrentamentos das autoridades civis com prelados e clérigos, tudo isso tinha causado desalento e deixado a hierarquia temerosa, indefinida. Os bispos fechados nos seus palácios não conheciam os

¹⁸³ F. CIARDI, *Los Fundadores...*, *ibid.*, 209.

¹⁸⁴ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 140.

¹⁸⁵ *Ibid.*, 117.

¹⁸⁶ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 159 -160.

¹⁸⁷ Cit. in: A.M. VIEIRA, *Teresa de Saldanha, singularidade de um projecto*, R.C. nº 66/67, (Out./Dez.) Lisboa 1989, 12.

problemas do povo, nem estavam ainda, na sua maioria, despertados para a “Questão Social.” Por isso, e por temerem as represálias governamentais não intervinham, não apoiavam, abertamente, quem tivesse alguma iniciativa. Assim se explica a posição do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Bento Rodrigues que, na descrição de D. Isabel, era todo espanto, perante o pedido de uma fundação: “ Sua Eminência disse que estimava muito, mas admirava que houvesse alguém que tivesse ânimo para começar alguma coisa, quando tudo o que era do género estava para acabar em Portugal. Era todo desanimação.”¹⁸⁸

Para além das dificuldades da parte das autoridades, das perseguições e falta de estímulos, Teresa precisava, para dar início a tão grande obra, de meios humanos e materiais. Ela própria não podia ser a primeira a partir, por razões familiares. O seu pai opunha-se terminantemente, os seus irmãos também. Se ela saísse, sem o consentimento destes, levantaria outra questão política, tratada publicamente nos jornais e exaltaria ainda mais os ânimos contra a religião e contra a Igreja. Por isso, explica:

“ Não é o medo que me retém: medo talvez, mas de cometer uma imprudência, que poderia estragar tudo.”¹⁸⁹

Mas então, como começar uma nova família religiosa, sem ter membros para a mesma ?

Não faltavam, contudo, nesse tempo, jovens que se quisessem dedicar totalmente a Deus e aos pobres. A maior parte, porém, preferia a segurança e a estabilidade das Congregações existentes no estrangeiro. Era difícil arriscar numa Obra que só existia em projecto. Estava ainda vivo o caso da Maria Amália, filha do Duque de Loulé, grande amiga de Teresa e que, como ela, sentia vocação religiosa,

¹⁸⁸ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 90.

¹⁸⁹ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S.

mas que preferiu partir para ingressar num Convento em Paris.¹⁹⁰ É por isso que D. Isabel, a grande colaboradora na fundação desabafa: “ Parecia que todas as portuguesas estavam surdas à voz do Senhor, que o projecto era impossível.”¹⁹¹

Cabe aqui uma referência especial a D. Maria Isabel da Anunciação, cunhada de Teresa de Saldanha. Esta mulher, leiga comprometida, foi, de facto, a maior animadora, auxiliar incansável, na realização deste grande projecto da fundação da Congregação. Ela própria se lhe refere com estas palavras :“ sabe o amor que tenho à sua obra, que podemos chamar a filha das nossas lágrimas e dos nossos trabalhos.”¹⁹²

Neste apoio há também originalidade. Claude Langlois afirma que há quase sempre familiares, padres sobretudo, a apoiar e a impulsionar as novas fundações no século XIX.¹⁹³ O original, neste caso, é ter sido uma jovem mulher, casada, portanto leiga, que se empenha e desenvolve, com muito sacrificio, esforços para obter informações. Nas viagens que faz ao estrangeiro dedica-se sempre a essas tarefas; é ela que vai expor o caso ao Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa. A procura de vocações, faz parte das suas preocupações, como refere: “ Ferviam projectos nas nossas cabeças ardentes. A ideia principal era achar pessoas de merecimento acima do vulgo, nossas amigas, e essas com a Teresa, fundar uma Congregação de vida activa. Achávamos por certas aquelas que menos o eram .”¹⁹⁴ E, uma a uma viam todas as suas amigas partir.

Depois de muito sofrimento, muitas orações, devoções e invocações, aparece a primeira vocacionada, uma inglesa, Harriet Martin. Era boa, cheia de desejos de se consagrar a Deus e disposta a embarcar nesta grande aventura. Contudo, havia certas reservas, como anota D. Isabel: “ para uma instituição por essência e necessidade portuguesa, havíamos de começar só por uma inglesa? ”¹⁹⁵ Este facto elucida a *pedagogia* de Deus. Para as suas obras escolhe sempre os pequenos, os humildes.

¹⁹⁰ MARQUESA DE RIO MAIOR, *Fundação...*, ibid., 67.

¹⁹¹ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, ibid., 101.

¹⁹² MARQUESA DE RIO MAIOR, ibid., 18.

¹⁹³ C.LANGLOIS, *Le Catholicisme...*, ibid., 296.

¹⁹⁴ MARQUESA DE RIO MAIOR, *A fundação...* ibid., 82.

¹⁹⁵ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, 90.

Uma estrangeira é a primeira a ingressar na Congregação que Teresa queria, por essência e necessidade portuguesa. Dois terços das primeiras Irmãs são estrangeiras: três irlandesas, uma inglesa e apenas duas portuguesas! Não poderemos ler neste sinal um convite à universalidade da Congregação?

É assim, que perante esta evidência, Teresa e a cunhada chegam à conclusão de que “Deus queria que esta grande obra começasse por humildes, seus predilectos sempre, e não por um ajuntamento de netas de reis.”¹⁹⁶ Contudo, o Padre Russel lamentava que não houvesse mais senhoras portuguesas de classe elevada, pois achava que os bons exemplos devem vir de cima.¹⁹⁷

À última hora, surge uma senhora portuguesa: Maria José de Barros e Castro que está disposta a partir. Estas duas mulheres uma inglesa e outra portuguesa aceitam o desafio da dupla embarcação: num projecto de fundação de Congregação e num vapor “Galileu” que, durante vários dias, as conduzirá à Irlanda, onde irão iniciar o seu tempo de formação, num Convento de Dominicanas Contemplativas, em Drogheda. No dia 7 de Novembro de 1866, Teresa e a cunhada vêm-nas partir com um misto de fé e de loucura: “O mundo há-de nos chamar doidas, mas o nosso Divino Esposo há-de olhar por nós e com ternura, sorrir de nos ver, por Sua causa, desprezadas pelos homens.”¹⁹⁸

Mais tarde, a sua obra é reconhecida por todos como atestam estas palavras do Bispo Conde de Coimbra, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, em 1877: “ Quando acabei de ler a carta com que V. Excia tanto e tanto me penhorou, não pude deixar de dizer para mim mesmo: bendito seja Deus, porque, nestes tempos tão difíceis, aparecem ainda estes exemplos tão proveitosos e consoladores para a religião e para a fé. Devem muito a V. Ex.cia os ministros da religião.”¹⁹⁹

¹⁹⁶ MARQUESA DE RIO MAIOR, *A fundação...*, *ibid.*, 84.

¹⁹⁷ *Ibid.*, 85.

¹⁹⁸ M.R. THIAUCOURT, *ibid.*, 107.

¹⁹⁹ Cit. in: A.M. VIEIRA, *Teresa de Saldanha, singularidade...*, *ibid.*, 11.

A semente da vida Dominicana estava lançada em Portugal. Teresa vê constantemente o braço de Deus a conduzir uma obra que é Sua: “ Devemos dar a Deus muitas graças. E sou indigna de ter parte numa empresa tão grande.”²⁰⁰

O seu projecto e grande desejo é partir, em breve, para iniciar o noviciado. Mas o impedimento do pai por um lado, e a necessidade de preparar as estruturas materiais, por outro, fazem-na protelar o seu sonho: “ Eu, pelo que me diz o P. Russel, devo demorar-me, para arranjar tudo, em primeiro lugar, meios.”²⁰¹

Várias foram as vezes em que sentiu a tentação de fugir. Mas, na fé, oferece a Deus o sacrifício de ser a Fundadora, sem ser a primeira a “enxertar-se” oficialmente e juridicamente na Congregação Dominicana que funda:

“ Que gosto teria se fosse a primeira postulante que, por amor de Deus e da salvação do meu País, me dedicasse a esta tão santa Obra. ”²⁰²

Porque é uma mulher de Deus, aceita com amor, ser o grão de trigo que cai na terra e morre, para dar muito fruto. (Jo 12,24) Assim, vai crescendo, na humildade, a semente que lançara à terra. Contenta, porque:

²⁰⁰ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 99.

²⁰¹ *Ibid.*, 100.

²⁰² T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 100.

“Deus aceita os desejos e sacrifícios que faço. Não quero, contudo, pensar em mim. Paciência ! Se a obra for de Deus, há-de desenvolver-se e um dia chegará para mim o feliz momento.”²⁰³

4.10. *Carisma e audácia de mulher*

*Mulheres religiosas, religiosas e mulheres,
'piedosas mulheres' observam, inquietam-se
e improvisam respostas que provam
a atenção que dão ao mundo que as rodeia...
É por causa da sua fé que elas
olham tão intensamente o mundo circunvizinho.”*

Yvonne Turin ²⁰⁴

Teresa de Saldanha, ao fundar a Congregação, já tinha um certo envolvimento em obras de carácter social. Como Presidente da Associação Protectora das Meninas Pobres, exerceu tarefas de responsabilidade, que lhe deram uma grande emancipação em relação às mulheres do seu tempo. A sua cultura, o seu temperamento forte e audaz eram também fonte de autoridade.

Afasta-se assim, da norma geral das fundadoras, que apenas subsistem ao lado e na dependência de um varão, a quem, normalmente, se atribui o título de fundador. A sua originalidade é ser ela própria receptora da inspiração, a autora e realizadora do projecto.

²⁰³ Ibid., *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 105.

²⁰⁴ Y. TURIN, *Femmes et religieuses...*, ibid., 146 “Femmes religieuses, religieuses et femmes, "pieuses femmes" observent, s'inquiètent et improvisent des réponses qui prouvent l'attention qu'elles portent au monde qui les entoure...C'est à cause de leur foi qu'elles regardent si fort le monde environnant.”

Teve a sorte de encontrar o Padre Russel, extremamente respeitador desta intuição feminina. Contrariamente a outros homens de Igreja, ele aceita que a mulher é tão apta como o homem para receber e acolher a inspiração do Espírito. Procura orientar, ajudar, lançando-a sempre para a frente, consciente de que o Espírito Santo é quem actua e dá vida: “É o único e o mesmo Espírito que opera distribuindo os seus dons, como entende.” (1 Cor 12,11)

O P. Russel foi suficientemente humilde para aceitar ficar na sombra; ajudou, mas não substituiu; animou, mas não usurpou para si qualquer título ou honra. Esta sua atitude é clara desde o primeiro momento. Aquando da primeira reunião, apresenta Teresa como a que recebeu uma inspiração de Deus; na despedida das duas primeiras vocacionadas, convida-a a dar a benção às suas filhas antes de partirem. À tímida recusa de Teresa, responde que ela tem autoridade e, olha comovido e mudo a cena: “As duas Irmãs ajoelharam aos pés da Teresa que, fixando nelas os olhos com ternura, poisou as mãos sobre as cabeças das duas fundadoras da Ordem Terceira de S. Domingos em Portugal.”²⁰⁵

Há ainda outros testemunhos da grandeza deste dominicano, que deixava à receptora do carisma, liberdade para seguir o seu impulso, em todas as resoluções importantes.²⁰⁶ É claro que Teresa, apesar de ter uma forte personalidade, de ter acolhido o carisma, confronta, dialoga com os que estão mais próximos, homens e mulheres. Procura discernir os passos a dar, para levar a cabo um plano tão arrojado e audaz.

Animada pelo Espírito, que continuamente actua no mundo de muitas e variadas formas, realiza uma obra ao serviço da pessoa humana, da cultura, da promoção e evangelização, fundando aos vinte e nove anos, com *parresia* criativa, a Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

²⁰⁵ MARQUESA DE RIO MAIOR, Fundação..., *ibid.*, 81.

²⁰⁶ T. SALDANHA, *Notas pessoais* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, M.T.S...., *ibid.*, 81.

Concretizou um sonho acalentado durante vários anos, enriquecendo deste modo a igreja e a sociedade ao implantar a árvore da vida religiosa dominicana.²⁰⁷

Vencidos os principais obstáculos, Teresa ingressa na Congregação em 1887. No mesmo ano, faz o noviciado, professa, e é eleita primeira Superiora Geral.

²⁰⁷ Cf. *Ibid.*, 80.

5 - Para perpetuar a solidariedade e a misericórdia.

Raymond Hostie no seu estudo sobre as Ordens Religiosas no século passado conclui que: “a partir do século dezanove, as novas fundações não hesitam em desenvolver toda a sua vida e todas as suas actividades sobre cultos ou devoções. (...) Os cultos e devoções diversificam-se segundo as preferências dos fundadores. Um grande número consagra-se ao culto do Sagrado Coração de Jesus, outros são mais orientados ao culto do Divino Salvador, do Verbo Divino, do SS.mo Sacramento, do Precioso Sangue, dos Estigmas ou da Santa Cruz. Alguns ligam-se ao culto da Trindade, do Espírito Santo ou da Providência. Outros preferem ainda a devoção à Virgem, ao Seu Sagrado Coração, à sua Imaculada Conceição, à sua Assunção ou às Sete Dores. Outros inspiram-se em S. José, em S. Miguel Arcanjo ou S. Paulo. Alguns acumulam diversas devoções: dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, a Sagrada Família., etc. (...)

A diferença dos Institutos opera-se cada vez mais através da devoção a que a Congregação se liga. (...) Para lhe dar maior poder, é elaborada uma Teologia do culto ou da devoção, que se propõe unificar um conjunto de práticas, pouco coerentes, muitas vezes.”²⁰⁸

Teresa de Saldanha, embora filha do seu tempo, ao fundar uma Congregação, não a vinculou a nenhuma dessas devoções, tão em moda, na época. Quis que ela se ocupasse a viver, a testemunhar e a irradiar a grande, a maior *devoção*, que Jesus nos propõe no Evangelho: a misericórdia. (cf. Mat 25,31-41) Esta será o corpo central do último exame, na vida de cada pessoa. Lacordaire faz o seguinte comentário a este texto: “ Jesus Cristo disse que quanto se fez ao mais insignificante pobre é a Ele mesmo que se faz. E, acrescenta, que no dia do Juízo pedir-se-nos-á contas de uma só coisa: se vestimos ao pobre, se demos pão, e que um copo de água dado ao ínfimo dos homens não ficará sem prémio diante de Deus. De modo que, dar todo o sangue por

²⁰⁸ R.HOSTIE, *Vie et mort des Ordres Religieux*, Desclée De Brouwer, Paris 1972, 266.

um príncipe da terra não é tanto no Reino de Jesus Cristo, como dar um pouco de água ao último dos pobres.”²⁰⁹

Teresa viveu e testemunhou, efectivamente, a mais sublime expressão de uma doação incondicional. Não se limitou a socorrer, a assistir, mas a promover, a dignificar a pessoa humana. Salvar a vida do próximo em todos os sentidos, é o que dá uma significação evangélica às tradicionais obras de misericórdia. É no amor ao irmão que todos nos encontramos com Jesus. “ Nisto reconhecemos que somos da verdade, se não amarmos por palavras, mas por acções.” (1 Jo 3,18)

Na verdade, o que dá alegria a Deus não são as devoções por mais piedosas que sejam, mas o dom, o seguimento dos passos de Jesus: “Quero misericórdia e não o sacrifício.” (Mt 12,7) É a pessoa humana o que mais interessa a Deus. Por ela, Jesus incarnou e entregou a sua vida: “ Vim para que tenham a vida e a tenham em abundância.” (Jo 10,10) É este o querer divino: a justiça, a solidariedade, o compromisso fraterno. A máxima de Stº Ireneu “A glória de Deus é que o homem viva”²¹⁰ é explicitada por D. Óscar Romero, bispo e mártir de El Salvador : “ A glória de Deus é que o pobre viva.”²¹¹

Assim entendeu Teresa o objectivo da sua obra: seguir Jesus, testemunhando o Seu amor, concretizado em acções de *ressurreição* daquelas camadas da sociedade que se encontravam mortas na sua dignidade, sem acesso aos mais elementares bens da vida, da cultura e do reconhecimento social. Demarca-se, portanto, dessa corrente devocional do seu tempo. Funda uma Congregação, não para divulgar, promover ou ancorar-se nalguma devoção particular, mas para realizar um grande sonho acalentado desde jovem: o serviço incondicional ao pobre, ao doente, ao necessitado. Há, pois, um claro objectivo pastoral que orienta e congrega todos os membros dessa família.

Ao escolher o nome da Congregação - Dominicanas de Santa Catarina de Sena - ela não está a promover nenhuma devoção, mas a apontar um caminho.

²⁰⁹ Cit. in: I. GONZALÉZ FAUS, *Vicarios de Cristo*, Trotta, Valladolid 1991, 298.

²¹⁰ *Adversus Haereses*, 4, 20, 70.

²¹¹ Cit. J. NICOLAS LAFUENTE, *Iniciación al compromiso en el Catecumenado Juvenil*, San Pio X, Madrid 1985, 56.

“Domingos dedicava o dia ao próximo e a noite, a Deus.”²¹² Catarina de Sena foi uma mulher vinculada à Família Dominicana, que realizou na sua vida a perfeita síntese de contemplação - totalmente imersa em Deus, até aos mais altos voos místicos, e de acção - totalmente votada ao próximo, numa vivência radical das obras de misericórdia.

“ Se a experiência de Domingos foi a de um homem à descoberta da miséria espiritual da heresia, as Congregações nascidas no século XIX são autenticamente dominicanas, porque nasceram de vidas centradas sobre o absoluto de Deus, reencontrando a miséria humana sob todas as formas: física e espiritual.

O fermento evangélico está verdadeiramente actuante nestas fundações, sensíveis aos apelos do sofrimento e respondendo-lhes pela exuberância das obras de misericórdia: Congregações dedicadas ao ensino, hospitaleiras (...) com uma preferência marcadamente pelos mais pobres (...) Esta acção apostólica, quer se tratasse do despertar e da educação da fé ou de actividades caritativas, enraíza-se fortemente na oração, tal como Domingos, que passava as noites a orar e tinha uma graça especial para os pobres, os pecadores e os aflitos.”²¹³

Ao seguir Jesus e ao criar uma nova família de seguidoras, Teresa bebe no evangelho um modelo de vida, um estilo de actuação, um espírito que a deve imbuir, animar e impulsionar a abrir caminhos novos, sempre e onde surjam feridas a necessitar de remédio e conforto. F. Martinez sustenta que nem o seguimento, nem a imitação são - nem podem ser - uma repetição mimética e material dos gestos e actuações do Jesus histórico, referidos nos evangelhos. Materialmente, o seguimento e a imitação de Jesus, exigem criatividade da parte do crente e da comunidade cristã. Mas há algo irrenunciável no seguimento cristão: o espírito que inspirou a prática de Jesus; os valores que definem a prática do Reino; as exigências que clarificam as condições do seguimento.²¹⁴ O evangelho apresenta-nos um Jesus que coloca a pessoa

²¹² J. SAXÓNIA, *Opúsculo sobre as origens da Ordem dos Pregadores*, Fontes Dominicanas 1, Fátima 1987, 53.

²¹³ AA.V., *Dominicains, L'Ordre des Prêcheurs présenté par quelques uns d'entre eux*, Cerf, Paris 1980, 166.

²¹⁴ Cf. MARTINEZ DÍEZ F., *Caminos de liberacion y de vida*, DDB, Bilbao 1989, 81.

humana acima de leis, costumes, tradições, práticas culturais, etc. (cf. Lc 10, 29-37) e tem uma predileção especial pelos pequenos, os pobres, os marginalizados, as mulheres, os pecadores (cf. Lc 15).

Teresa tem essa intuição evangélica. É importante, imprescindível, colocar-se ao lado dos predilectos de Cristo, dirigindo o seu projecto para os grandes marginalizados do século XIX: as mulheres, as crianças, os operários.

Em vez da fuga para o deserto que determinou tantas vidas em séculos passados, fez passar as suas primeiras irmãs pelo *deserto*, pelo encontro profundo e gratuito com Deus, num Convento de Contemplativas. Depois, manda-as para a cidade, para os bairros populosos. “Ergue-te, entra na cidade, aí te dirão o que deves fazer.” (Act 9,6) A formação contemplativa enriqueceu a sua actividade apostólica e firmou o carisma dominicano, tão bem sintetizado por Tomás de Aquino: *Contemplata allis tradere*.²¹⁵ A respeito desta expressão. Floristan atesta: “A afirmação tomista de que a acção deriva da plenitude da contemplação, ou que se reduz a levar aos demais o contemplado, manifesta a vinculação estreita que existe entre estas duas realidades. A vida contemplativa, se o é de verdade, é também activa e vice-versa, já que só possui a verdade e a contempla, quem a vive de facto, quem a realiza. Para que haja uma verdadeira síntese entre acção e contemplação é necessário ser-se contemplativo na acção.”²¹⁶ Assim também o entende e explica Gustavo Gutierrez: “A eficácia não elimina a gratuidade, mas exige-a. A gratuidade é o clima que rodeia toda a procura da eficácia. Logo, a acção caritativa na qual se compromete quem foi tocado pela graça, não é condição, mas sim consequência desta paixão pela humanidade (...) o acto contemplativo é o terreno mais propício donde pode surgir todo o empenhamento cristão junto de toda a miséria: os esfomeados, os oprimidos, os prisioneiros...”²¹⁷

As Irmãs, no pensar de Teresa, depois de longo tempo na gratuidade da contemplação viriam aptas para a acção pastoral concretizada numa disponibilidade e

²¹⁵ A frase completa é a seguinte: “Sicut enim est illuminare quam lucere solum, ita maius est contemplata allis tradere quam solum contemplari” (Com efeito, assim como iluminar é mais importante do que somente brilhar, assim também transmitir aos outros o que se contemplou é mais importante do que somente contemplar) *Summa Theologica, II-II. Q.188, VI,3 R.*

²¹⁶ C. FLORISTAN, *Teología Prática - Teoría y Praxis de la acción pastoral*, Sigueme, Salamanca 1991, 141.

²¹⁷ G. GUTIERREZ “*La liberation par la foi. Boire à son propre puits*, Cerf, Paris 1985, 261.

serviço efectivo junto de todos os necessitados. Contrariando a opinião do Mestre Geral da Ordem Dominicana, P. Jandel, que achava preferível as postulantes fazerem o noviciado numa Comunidade da Ordem Terceira, em Inglaterra, segue, determinada, a sua opção. Explica às Irmãs Contemplativas a razão da sua preferência: “Persistimos neste pedido por nos parecer que em qualquer outro lugar seria difícil encontrar o que encontramos na vossa Comunidade. A vossa casa é um mosteiro da segunda Ordem, bem o sabemos, mas tudo o que se refere ao espírito da Regra, as nossas queridas postulantes aprendê-lo-ão convosco na perfeição e para as iniciar nalguns trabalhos da vida activa, exterior, nos cuidados dos doentes, etc., depois do seu noviciado, as nossas postulantes poderão ir residir algum tempo com as Irmãs da Caridade Irlandesas, que são perfeitas em tudo o que diz respeito a hospitais e cuidados dos doentes... Não será a primeira vez que algumas postulantes, chamadas para uma nova fundação, irão colher o melhor grão para em seguida espalhar a boa semente.”²¹⁸

Esta escolha oferece-lhe autonomia total. Acabado o noviciado, voltariam para Lisboa, enquanto que no Convento de Stone, não lhes garantiam essa independência.

Depois da profissão das duas primeiras irmãs, em 25 de Fevereiro de 1868, expressa a sua alegria em carta ao Mestre Geral da Ordem:

“ Na minha primeira carta de 16 de Novembro de 1866, anunciava-vos a partida das nossas primeiras Irmãs para Drogheda. Partiram cheias de coragem (...) o ano do Noviciado passou-se rapidamente e como vós deveis saber, pela carta da boa Madre Priora, as nossas queridas Noviças fizeram a sua Profissão no dia 25 de Fevereiro. No mesmo dia uma jovem recebeu o hábito e uma irlandesa foi recebida como postulante.”²¹⁹

²¹⁸ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 86.

²¹⁹ *Ibid.*, 193.

Estava, efectivamente, fundada uma nova Congregação Dominicana com um objectivo pastoral concreto: o exercício da misericórdia evangélica, como bem o explicita:

“ Na minha primeira carta falei-vos de alguns colégios sustentados por uma Associação Protectora das Meninas Pobres, de que sou Presidente. É uma destas casas de caridade que espero entregar à direcção das nossas irmãs. Temos um externato aberto todos os dias para as criancinhas pobres, três vezes por semana, uma classe nocturna para operárias, que trabalham numa fábrica e aos domingos têm instrução religiosa no nosso colégio. É este o caminho aberto às nossas irmãs para fazerem o bem... Em projecto está também a abertura de um hospício para velhas doentes.”²²⁰

Nesta, como na anterior carta ao Mestre Geral da Ordem, mostra claramente o seu projecto fundacional.

A Congregação fundada por Teresa de Saldanha, nasceu à “sombra” da Associação Protectora das Meninas Pobres, que tinha já estatutos aprovados pelo Governo com uma finalidade: garantir a educação, alfabetização e a cultura às filhas do povo.

O seu projecto pastoral não se limita a um assistencialismo, não se desenvolve em torno a devoções religiosas, mas é um projecto de educação, promoção e dignificação humana das camadas sociais desprovidas do acesso aos bens da cultura. Ela foi pioneira, no seu tempo, por essa preocupação e investimento na formação e promoção das camadas pobres, sobretudo da mulher. E nisso viu longe, pois a partir da mulher, pretendia influenciar toda a sociedade. O seu projecto pastoral insere-se, pois, na tradição dominicana da busca da verdade que liberta e vivifica.

220 Ibid.

5.1. Um sonho concretizado

Ao chegarem a Lisboa, no dia 13 de Novembro de 1868 as primeiras Irmãs foram recebidas no edifício onde funcionava uma escola de meninas pobres, patrocinada pela Associação, às Portas da Cruz, num bairro muito populoso.²²¹ Teresa faz a narração:

"Passados os primeiros momentos fui à capelinha da casa com elas e com o Dr. Russel. Rezámos o *Te Deum*, a Ladainha de N^a Senhora, o *Spem Miram* a S. Domingos e depois de rezarmos, ficámos de joelhos. Tantos sentimentos me oprimiam que não os sei explicar: gratidão para com Deus em primeiro lugar que tanto nos tinha protegido; ver o princípio de uma obra que havia tantos anos preocupava todos os meus pensamentos; a responsabilidade que eu tenho em toda esta empresa. Ninguém via o que se passava em mim, Deus e só Deus sabia tudo."²²²

A pouco e pouco as irmãs foram dilatando a sua acção apostólica. Assumiram a direcção da Escola das Meninas Pobres, distribuíam esmolas da Associação no miserável bairro onde estavam inseridas. Sempre com o objectivo de abrir o caminho em Lisboa para os trabalhos dos filhos de São Domingos.²²³

Mais tarde, tiveram que deixar este bairro porque a casa foi vendida. Comprou-se um edifício em S. Domingos de Benfíca, Lisboa, onde se instalou a Casa Mãe da Congregação. Aí se abriu o noviciado, um colégio, e, mais tarde, uma aula pobre.

²²¹ Cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 341.

²²² M.R. THIAUCOURT, *ibid.*, 203.

²²³ Cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 216.

Porque não escolheu, Teresa, um dos antigos conventos Dominicanos para casa Mãe da Congregação? Dois motivos terão determinado a sua opção: por um lado, a muita desconfiança política. Estabelecer nalgum convento as primeiras irmãs, a casa de formação, a sede da congregação, era correr o risco de ser, imediatamente, suspeita, vigiada, perseguida. Por outro lado, achava que tinha de morrer tudo do passado, para começar de novo. Seria mais seguro, comprar uma casa própria em seu nome pessoal e aí instalar o berço da congregação.

As *circunstâncias* foram abrindo às irmãs novos caminhos. Os pedidos de gente abastada aumentavam e Teresa via nesse serviço, a *mão da Providência*, que lhe dava meios para manter as obras sociais e oportunidade para ensinar as filhas dos ricos a ocuparem-se dos pobres.

Conseguiu ?

É difícil a tantos anos de distância avaliar os frutos de tal *desvio* da opção fundacional. O P. Domingos Frutuoso, primeiro dominicano português depois da extinção de 1834 e grande amigo da congregação, dá este testemunho, numa carta de 22 de Novembro de 1904: “ Durante estes vinte e cinco anos quantas jovens saíram de Benfica com uma educação profundamente católica! Demos graças a Deus por se ter servido da nossa congregação para ser instrumento das Suas graças e das Suas misericórdias.”²²⁴

Contudo, Teresa sentia como um *espinho* na sua obra, essa cedência, como repete várias vezes a Madre Maria Rosa Thiaucourt: “ Fundada a sua Congregação, em 1866, o seu fim era confiar às suas filhas o cuidado dos pobres, dos doentes e a educação das crianças do povo. E então aquela que estas linhas escreve, muitas vezes, ouviu dizer à nossa Madre Geral: *Não era o meu fim, fundada a congregação, cuidar dos pobres, dos doentes e crianças da rua ?* ”²²⁵

Apesar de algum *desvio*, a congregação respondeu, de um modo geral, a esse sonho de Teresa de Saldanha, como ela própria o comprova, um ano antes da

²²⁴ M.R. THIAUCOURT, *ibid.*, 669.

²²⁵ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....ibid.*, 6.

Revolução Republicana de 1910, em carta ao Cardeal Protector da Congregação, em Roma:

“ O número de crianças, cegas e arrependidas debaixo da nossa direcção sobe a 50.617, como V. Em^a poderá ver no mapa que envio, esperando que esta prova bem exacta do bem que a nossa Congregação faz em Portugal, será para V. Em^a motivo de consolação.”²²⁶

A pequena semente lançada à terra, já estava a produzir abundantes frutos, não apenas através da acção social e pastoral das irmãs, mas também através do seu próprio ser, do seu carisma religioso, do seguimento radical de Jesus, vivido em comunidade, segundo o jeito de Domingos de Gusmão, sob a protecção de Catarina de Sena.

Estava plantada, de novo, em Portugal a árvore da vida religiosa dominicana, para perpetuar e dilatar a solidariedade e a misericórdia.

5.2. As fundações locais

Num país onde não havia religiosas dedicadas ao serviço dos pobres, a Congregação rapidamente se tornou conhecida e solicitada para preencher essa lacuna da Igreja Portuguesa. Muitos foram os pedidos endereçados à Superiora Geral para fundações locais. Era essa a sua missão: irradiar, servir, espalhar a boa semente do evangelho.

A essas solicitações vindas de Prelados, de Párcos, da Rainha de Portugal, D. Amélia de Orléans, juntou-se a preocupação de Teresa de readquirir alguns antigos conventos da Ordem Dominicana, em perigo de profanação e apropriação estatal. Esse seu desejo era corroborado pelos pedidos de monjas, oferecendo alguns desses

²²⁶ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S.,cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S.*..., *ibid.*, 685.

conventos.²²⁷ Conseguiu, efectivamente, ocupar alguns deles para aí instalar escolas, dispensários, asilos, etc. Grande parte das fundações locais foram em antigos conventos contemplativos, em vias de extinção.

Qualquer destas fundações tinha em vista a promoção humana e social dos mais desfavorecidos. Teresa não se importava apenas de *salvar* os conventos e apoiar as idosas e reduzidas religiosas. Queria, sobretudo, que eles fossem ocupados ao serviço do mesmo evangelho, para o qual tinham sido fundados.

Se nos séculos anteriores, as monjas se dedicavam ao louvor e glória de Deus pela oração contemplativa, agora, as religiosas do século XIX dedicavam-se ao louvor e glória de Deus através da vivência das Bem-aventuranças e nas obras de misericórdia: “ Parecia-lhe, e tinha razão, que, sem essa obra, o convento estaria sempre em perigo. Só estas questões de ensino, de educação, de assistência, pesavam na balança para as decisões.”²²⁸

A maioria das primeiras fundações são obras sociais ou de educação das mulheres mais desprotegidas. Destacamos três casos diferentes, que consideramos mais originais.

5.2.1. Fundação no Convento de Santa Teresa - Cardais - Lisboa, 1877

Neste antigo Convento de Carmelitas estabeleceu-se em 1877 a Associação Consoladora dos Aflitos, fundada em 1847, que tinha como objectivo principal socorrer a pobreza envergonhada. D. Isabel, a mãe de Teresa de Saldanha, foi a presidente desta Associação. Estabeleceu aí também um asilo para mulheres cegas, que aprendiam a fazer malhas, artesanato, a ler pelo método de Braille, tocar piano, etc. Lima Vidal descreve-nos o ambiente do convento: “ Hoje, em vez das carmelitas com

²²⁷ Cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, ibid., 349.

²²⁸ J.E.LI MA VIDAL, *Teresa de Saldanha*, ibid., 279.

os seus longos véus, com os seus rosários a chocalhar à cintura, vêem-se ceguinhas a caminhar a passos miúdos pelos corredores, a apalpar as paredes, a correr os dedos pelas esquinas, a procurar cautelosamente debaixo dos pés os degraus das escadas. Elas lá vivem alegremente, debaixo das asas dos seus anjos da guarda, que são as irmãs.”²²⁹

Em 1897, instituiu-se no mesmo asilo a Liga das Meninas Cristãs, para trabalharem para os pobres.

Esta fundação continua ainda sob a orientação das Irmãs Dominicanas que, além da obra social, têm também a animação cultural do antigo convento e exposições tácteis internacionais.

5.2.2. *Fundação no Convento da Imaculada Conceição, Braga, 1877*

A Casa do Abrigo, mais tarde, Colégio da Regeneração, foi fundado pelo Padre João Airosa em 1874, com o objectivo de reeducar jovens desencaminhadas.

A congregação tomou conta desta obra em 1877. O bem que aí se faz é descrito por Teresa, nestes termos: “ É uma obra que atrai as simpatias de todos, pelo beneficio imenso que faz, trazendo ao bom caminho almas que se acham em perigo de se perderem. Uma Associação de Caridade protege esta casa, cuja administração interna está ao cuidado das Irmãs Terceiras. A casa sustenta-se de esmolas e do trabalho das arrependidas. Pela grande falta de irmãs, a congregação só pode dispensar três, e as mesmas arrependidas ajudam no trabalho da casa.”²³⁰

As utentes dedicam-se a trabalhos de tecelagem, bordados, costura, etc. Muitas delas aprendem a ler, escrever, música, canto.

²²⁹ J.E. LIIMA VIDAL, *Teresa de Saldanha...*, *ibid.*, 208.

²³⁰ T. SALDANHA, *Notas pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 385.

Além do trabalho com as jovens internas, as *arrepentidas*, havia uma oficina de tecelagem para mulheres pobres, externas. Ao mesmo tempo que lhes ensinavam um ofício, davam-lhes formação humana e religiosa. Entravam de manhã e saíam à tarde. Recebiam uma condigna remuneração, não inferior a outras fábricas congêneres, guardando contudo, uma pequena percentagem, destinada à compra de um tear, que o colégio lhes entregava e que cada uma levava para sua casa, no fim da aprendizagem.

231

Há uma dupla finalidade nesta fundação: libertação das mulheres que já caíram e promoção humana e profissional de mulheres pobres de recursos. Com esta acção formativa, pretendia-se que pela aprendizagem duma profissão pudessem ganhar honestamente o seu pão, desenvolvessem a produção doméstica e estreitassem os laços familiares, congregando os membros da família à volta da pequena indústria caseira.

Têm sido inúmeros os bens alcançados através desta casa. As raparigas, pobres em todos os aspectos: de sentido para a vida, de afecto, de amor, de amizade, de família e de pão, encontram aqui o essencial. Também as externas conseguem uma estabilidade económica para fazer face à vida.

O jornal “Correio Nacional” publica um artigo de 13 de Abril de 1895:

“ Relativamente aos frutos deste Instituto, ao progresso e adiantamento das alunas, é edificante e para admirar a mudança que se tem operado naqueles corações e a sua dedicação pelo trabalho. É incalculável o bem que se faz. A experiência vem mostrar, exuberantemente, a alta importância e a oportunidade da criação das oficinas cristãs, tão sabiamente recomendadas pelo Sumo Pontífice Leão XIII.”²³²

O fundador desta obra, em carta em 28 de Dezembro de 1877, agradece a dedicada e abnegada acção das irmãs, refere as várias medalhas honoríficas recebidas pelos tecidos, bordados, etc. e termina com estas palavras: “ Deus recompense o bem que estão fazendo a estas pobres arrependidas e raparigas tão queridas de Jesus.”²³³

²³¹ Cf. M. R. THIAUCOURT, *M.T.S...., ibid.,*, 390.

²³² Cit. in: M. R. THIAUCOURT, *M.T.S...., ibid.,*, 392.

²³³ *Ibid.,*, 392.

Muitas gerações de jovens e mulheres têm e continuam a usufruir do apoio e dedicação das irmãs, nesta obra social.

5.2.3. Fundação no Convento do Sacramento, Lisboa -1885

Este Convento de Monjas Dominicanas existia desde o início do século XVII. Encontravam-se nele apenas duas religiosas idosas e oito pupilas. Com o receio de que o governo tomasse conta dele, pediram a Teresa de Saldanha que lhes mandasse uma comunidade. Como a sua vida estava tão ligada à história da Ordem em Portugal, Teresa anuiu a este pedido e abriu em Junho de 1885 uma aula externa para crianças pobres.

Mais tarde, em 1892, a Rainha D. Amélia de Orleans fundou no mesmo Convento um dispensário para crianças pobres, que ficou a cargo das Irmãs Dominicanas. Era sustentado pela própria rainha.

O relatório do ano de 1906 apresenta os benefícios desta obra:

“ São tratadas diariamente crianças pobres que vão à consulta. Aparecem crianças com as feridas mais repugnantes, com as mais graves doenças. São-lhes dados remédios e duas refeições por dia. É um trabalho custoso. A nossa virtuosa soberana vai muitas vezes ajudar e animar as irmãs com sua presença.”²³⁴

Mapa do movimento de 1906:

Curativos	55.807
Aplicações eléctricas.....	518

²³⁴ M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 483.

	Massagens.....	1.270
	Banhos.....	2.445
	Consultas	18.570
	R e f e i ç õ e s	
55.400	Vacinações	2.337

Foi grande a actividade desenvolvida pelas irmãs nesta fundação. Admitia desde recém nascidos até aos sete anos, para serem aí tratados pelos médicos.

Com a expulsão das congregações, em 1910, fechou-se esta casa.

5.3. *A perseguição abre novos rumos à missão*

*“ Desencadeou-se violenta perseguição (...) Aqueles que se haviam disperso anunciavam a Palavra da Boa Nova.”
Act 8,1-4*

Em 1910, a partir de 5 de Outubro, data da Implantação da República em Portugal, veio um novo e forte vendaval varrer todas as instituições religiosas. A maior parte das casas da congregação foram fechadas, compulsivamente.

As irmãs estrangeiras obrigadas a sair para as suas respectivas pátrias “expulsas vergonhosamente, como pessoas perigosas para a salvação da pátria”²³⁵, as

²³⁵ Cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*ibid., 688.

portuguesas refugiaram-se em casa de familiares ou amigos. Era-lhes permitido viver em grupos de três, mas sem qualquer distintivo religioso.

A saída das casas religiosas foi impregnada de dor e emoção: “Quem escreve estas linhas lembra-se bem o que foi aquele almoço, que para nós devia ser o último naquela casa! As lágrimas corriam-nos pelas faces e com razão, pois, à saída do refeitório, chegou a Madre Procuradora com um jornal na mão onde vinha o Decreto da expulsão das Ordens e Congregações Religiosas!”²³⁶

A aflição e a desolação habitavam todos os corações: “Exiladas na nossa própria pátria, o que seria de todas nós ?”²³⁷ Muitas irmãs não tinham para onde ir porque os seus familiares consideravam um perigo recebê-las em sua própria casa. Tal era o medo que se tinha dos padres e religiosas!

A fé, a confiança e a *parresia* foram maiores do que a apreensão dos primeiros momentos. Tal como os helenistas, perseguidos e dispersos, de que nos fala o capítulo oitavo dos Actos dos Apóstolos, anunciaram a Cristo, também as irmãs, passados os momentos dos humilhantes interrogatórios do Arsenal da Marinha, se expandiram continuando o seu apostolado em novos espaços de missão.

Após a dispersão, Teresa de Saldanha reuniu-se, clandestinamente, com algumas irmãs, para ver o modo como continuar a congregação. Esta reunião feita sob o signo da perseguição e da cruz, foi como um novo *Pentecostes* para a congregação. Era urgente fundar uma casa no estrangeiro. As solicitações não faltaram. A disponibilidade, o entusiasmo e a coragem das irmãs da *diáspora*, também não. Mais uma vez, as circunstâncias foram abrindo novos campos de acção e missão.

Das suas pátrias, onde se encontravam refugiadas, as irmãs partiram para novas fundações: Bélgica, Brasil, Estados Unidos da América.²³⁸

²³⁶ M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 692.

²³⁷ *Ibid.* 694.

²³⁸ M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.* 688.

Paradoxalmente, um pequeno grupo de irmãs, assumiu a assistência aos doentes do Hospital de Sant'Ana, Parede, no dia 21 de Dezembro desse ano, setenta e dois dias depois de decreto que as exterminava em todo o território nacional.

Como havia muitas jovens que, apesar dos imensos riscos, insistiam em seguir a vida religiosa, sentiu-se a necessidade de fundar um Noviciado. Foi assim que, no dia 15 de Agosto de 1913 se abriu em Salamanca, na vizinha Espanha, uma casa onde as Irmãs começaram o noviciado e um colégio. Ali estiveram até fins de 1928.

Já idosa e sem forças físicas, mas sempre lúcida e de fé esclarecida, Teresa continua, da sua pequena casa refúgio, na Rua Gomes Freire em Lisboa, a orientar e a governar a Congregação, que sonhara, fundara, por necessidade do seu povo, e que via, agora, espalhada pelo mundo, realizando o seu lema programático: *Fazer o bem sempre e onde seja possível.*

Em 21 de Fevereiro de 1911 escrevia ao Cardeal Vicente Vannutelli:

"Esmagada por desgostos, serviu-me esta carta de grande consolação, vendo que V.Em.^a não se esquece de nós e que compreende a nossa dolorosa situação. Estou com mais duas irmãs em Lisboa, onde vêm as irmãs renovar os seus votos. Tudo se faz como no tempo das perseguições religiosas, às escondidas. Junto envio uma folha, na qual indico as três fundações que se fizeram neste curto espaço de quatro meses."²³⁹

Além fronteiras, a congregação florescia. As notícias que chegavam eram animadoras. Aumentavam os pedidos de entradas e de abertura de novas obras apostólicas: escolas, hospitais, inserção, catequese, etc.

Grata a Deus pela Sua protecção, Teresa escreve, ao Mestre Geral da Ordem Dominicana, Fr. H. Cormier:

²³⁹ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, M.T.S...., ibid, 704.

“ Envio a lista das casas fundadas; devemos humilhar-nos vendo como Nosso Senhor protege a nossa congregação, permitindo tantas fundações em tão curto espaço de tempo.”²⁴⁰

Mais tarde, as irmãs tiveram de deixar a Bélgica, onde tantos serviços prestaram aos órfãos de guerra e no tratamento das vítimas da mesma, durante a primeira Guerra Mundial.

No Brasil, continuaram a prosperar. Abriram novas casas, surgiram novas vocações. Ainda hoje existe essa florescente Província de Santa Cruz, com doze comunidades.

No ano de 1952, as Irmãs dos Estados Unidos da América, devido a grandes diferenças culturais e linguísticas, formaram um ramo distinto. Continuam irmanadas no mesmo espírito, alicerçadas na mesma fundadora.

Passados anos, diminuída a sanha anti-religiosa, em Portugal, a congregação voltou a expandir-se no território nacional.

Em 1914, abriu-se no Porto uma escola para crianças pobres e um pensionato para senhoras.

Em 1928 a Casa do Noviciado e a Casa Mãe da Congregação instalaram-se em Braga.

Em Viseu, estiveram as irmãs quatro anos numa Clínica Operatória do Dr. Casimiro de Vasconcelos.

Muitas e variadas obras assumiu e desenvolveu, posteriormente.

A congregação nasceu com a vida contemplativa e dela nasce, em 1932, um novo ramo de contemplativas. Quatro religiosas sentiram o apelo a uma vida de clausura. Obtidas as licenças, partiram para França, Mosteiro de Prouille. Aí iniciaram o noviciado a 20 de Janeiro de 1930. Passado o tempo da formação regressaram a Portugal a 30 de Abril de 1932 fundaram o Convento da Divina Eucaristia, no norte do país.

²⁴⁰ T.SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, Ibid., 716.

Da Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena nasceram, portanto, dois ramos distintos de vida dominicana: a Vida Contemplativa em Portugal e a Congregação de Vida Apostólica, Dominicanas de Kenosha nos Estados Unidos da América.²⁴¹

²⁴¹ Cf. *Actas do Conselho Geral de 1952*, in: A.C.D.C.S.

CAPÍTULO IV

OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

" Se o caminho da pobreza e da perseguição
foi o de Cristo,
só a Igreja pobre e dos pobres,
responde a um imperativo
que nasce da sua mesma natureza."

D. António Marcelino ²⁴²

A expressão opção preferencial pelos pobres aparece em Medellín, América Latina, em 1968. Contudo, o Deus bíblico revela-se sempre ao lado dos pobres, dos pequenos, sendo o seu defensor e libertador. As viúvas, os órfãos, os estrangeiros são os preferidos de Deus.

São inúmeras as referências bíblicas a essa predileção, protecção e libertação dos pobres, por parte de Deus. Os Salmos e os Profetas, sobretudo, têm maravilhosas expressões, reveladoras da ternura e misericórdia, dispensadas pelo Deus do Antigo Testamento, a toda a sorte de desprotegidos.

Também Jesus, o rosto de Deus entre nós, quis incarnar de uma forma pobre (cf. Fil 2,3) ; foi acolhido e reconhecido, primeiramente, pelos pobres (cf. Lc 2). Ao iniciar a sua vida pública, demonstrou, por palavras e gestos, que tinha vindo para os pobres (cf. Lc 4,18), que só os de coração pobre O podiam acolher (cf. Lc 6,20).

O evangelho de Lucas, sobretudo, mostra-nos constantemente esse Jesus, acompanhado por pobres, pequenos, marginalizados e pecadores.

²⁴² A. MARCELINO, *O Concílio Vaticano II e a opção pelos pobres*, in: AA.V. *A Igreja e a opção pelos pobres*, Jornadas de Teologia, Gráfica de Coimbra, Coimbra 1988, 17.

Jon Sobrino assegura que em Jesus há uma opção pelos pobres, e, essa é fundamental tanto na sua visão de Deus, como na sua vida prática. A opção não foi inventada por Puebla ou Medellín, nem é só um problema pastoral do modo de actuar da Igreja. É sim um problema teologal. Quem crê no Deus de Jesus, tem de fazer, por essência, essa opção.²⁴³

As razões pastorais para a opção pelos pobres:

- Entram primeiro no Reino. (cf. Lc 6,20) Pertencem à Igreja por “direito evangélico” (Paulo VI). São como os cidadãos natos, ou estão pelo menos abertos de antemão à fé, por estarem no caminho de Jesus.
- O pobre constitui um terreno onde a Palavra frutifica mais e melhor. A fecundidade pastoral da Igreja é maior entre os pobres que entre os poderosos.
- A Igreja deve preferir aos pobres em função dos mesmos ricos. Só a pobreza pode anunciar o evangelho da libertação integral, tanto a pobres como a ricos.²⁴⁴

O mesmo autor conclui: “A Igreja também deve ajudar aos não pobres, no sentido da sua conversão e da sua associação ao caminho dos pequeninos. Mas os não pobres não poderão nunca reivindicar a preferência de atenções por parte da comunidade dos cristãos.”²⁴⁵

A partir da vida, da acção e dos escritos de Teresa de Saldanha depreendemos que ela fez uma insofismável e clara opção preferencial pelos pobres.

Desde a infância foi desperta para essa compaixão e solidariedade ao acompanhar a sua mãe aos becos da cidade, onde pululavam as crianças famintas, os pezinhos descalços, os doentes pobres. A sua mãe foi uma das fundadoras, em Lisboa, em 1847 da Associação de Nossa Senhora dos Aflitos, visando socorrer os pobres nos seus domicílios. Pobres envergonhados que não eram atendidos pela beneficência

²⁴³ J. SOBRINO J., *El seguimiento de Jesús*, in: AA.V., *La opción por los pobres*, Sal Terrae, Santander 1991, 43.

²⁴⁴ Cf. J. PIXLEY J., C. BOFF, *Opción por los pobres*, C. Cristianismo y Sociedad, Paulinas, Madrid 1986, 154.

²⁴⁵ *Ibid.*, 152.

pública.²⁴⁶ Foi assim que se habituou, desde cedo a partilhar o que tinha com aqueles que nada tinham. O contacto com a gente pobre despertou na jovem lisboeta a compaixão e o gosto de ajudar.

Segundo o teólogo dominicano, Albert Nolan, o primeiro grau de compromisso com os pobres está caracterizado pela compaixão. Mas é somente um princípio que necessita de crescer e desenvolver-se. A compaixão leva à acção. É o que chamamos comumente obras de caridade, ‘recolher e distribuir alimentos, mantas, roupa e dinheiro. A compaixão também nos pode levar a tornar a nossa vida mais simples, procurando viver sem luxos e dar o excedente aos pobres. Não há nada de extraordinário nisso. Faz parte da larga tradição dos cristãos: compaixão, dar esmolas, pobreza voluntária.’²⁴⁷

Teresa de Saldanha integra-se, pois, neste itinerário. Mulher de coração sensível, deixa-se comover com o que vê e ouve, como depreendemos das expressões que usa, nos seus escritos: “Pobres crianças! Que miséria! Que dó me faz olhar os rostos das raparigas da fábrica! Temos de salvar os filhos do nosso povo.”²⁴⁸

Albert Nolan considera o segundo grau do compromisso: a descoberta da pobreza como um problema de estruturas.²⁴⁹

Teresa, embora não use essa linguagem, sente o problema. E, para combater essas estruturas que geram pobreza, tem uma série de iniciativas que põe em marcha, com outras jovens de Lisboa. Primeiro, a fundação e a direcção da Associação Protectora das Meninas Pobres, destinada a alfabetizar, instruir e educar as crianças pobres, sobretudo do sexo feminino. Mais tarde, quando pensa fazer-se religiosa, é sempre o amor aos pobres, que a seduz. E, quando pensa fundar uma Congregação, é para intensificar e dilatar esse amor, concretizado em escolas, asilos, dispensários, etc. Conhecedora da condição dos ‘crucificados da sociedade’, opta por uma vida de

²⁴⁶ Cf. M^a A. LOPES, *Os pobres e a assistência social*, in: J. MATTOSO, *História de Portugal ...*, ibid., 508.

²⁴⁷ Cf. A. NOLAN, *Opción por los pobre y crecimiento espiritual*, in: AA.V., *La opción por los pobres...* ibid., 91.

²⁴⁸ T. SALDANHA, *Relatório da A. .P. M. P., 1898* in: A.C.D.C.S.

²⁴⁹ A. NOLAN, ibid., 91.

simplicidade e austeridade. Apesar de ter sido bafejada por toda a espécie de bens materiais e culturais, renuncia a tudo, para mais livremente se doar. Não se dá apenas a si e aos seus bens materiais, põe também a sua riqueza cultural ao serviço da alegria e do desabrochar dos outros.

Esta opção, consciente e livre, é um corolário da sua vivência cristã. Reconhece a pobreza como a primeira bem-aventurança, como o melhor caminho para Deus.

Segundo o Padre Lacordaire: “O pobre é um mistério. O pobre é um sacramento, que nos comunica a graça e nos dispõe para receber o fruto dos sacramentos propriamente ditos. Tal é o grande, o magnífico poder dos pobres. Se alguém pudesse viver matematicamente seguro da sua salvação, seria o cristão caritativo por quem se eleva cada dia a oração do pobre. Há que amar o pobre, porque na verdade é a Jesus Cristo a Quem amamos, oculto sob o sacramento do pobre. A Jesus Cristo a Quem não podemos ver na sua glória e que assim se entrega aos nossos abraços e à nossa ternura. Tendes olhos, olhai o pobre; tendes ouvidos, escutai o seu lamento; tendes boca, falai-lhe; tendes mãos, servi-o...; tendes pés, ide à sua morada; tendes coração amai-o.”²⁵⁰

O encontro com Jesus, conduziu Teresa ao encontro com o pobre a quem amou, a quem se dedicou, com quem se sentia bem, para quem fundou uma família de servidoras. Esta preocupação e opção preferencial aparece clara e repetidamente através das páginas dos primeiros escritos da Congregação: crónicas, actas, relatórios, cartas, etc. A palavra *pobre* salta à vista como que a substantivar e a adjectivar toda a missão das Irmãs:

“As Irmãs exercem todas as obras de misericórdia, visitando os pobres doentes nos seus domicílios, ajudando os moribundos, ensinando gratuitamente as crianças pobres.”²⁵¹

²⁵⁰ LACORDAIRE in: G.FAUS, *Vicários de Cristo*, Trotta, Valladolid 1991, 301-302.

²⁵¹ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 407.

E nas notas pessoais acerca da fundação escreve:

“ que se ocupassem da educação da mocidade, de tratarem os doentes pobres, visitá-los nos seus domicílios, numa palavra, que substituisse entre nós as Irmãs da Caridade.”²⁵²

É a urgência sentida aquando da saída das Filhas da Caridade que se dedicavam inteiramente ao serviço dos pobres, quer em hospitais, quer em asilos. Este Instituto tem uma flexibilidade estrutural que propicia a aceitação do novo, tendo “ordinariamente por mosteiro, as casas dos doentes, por clausura, as ruas das cidades ou as salas dos hospitais,” como está expresso na sua Regra.²⁵³

Teresa desejava uma Congregação Dominicana, ao serviço da misericórdia, voltada para a promoção e desenvolvimento dos mais desfavorecidos: “Desde o começo as Irmãs cuidaram dos doentes, dos diminuídos, dos marginalizados e ofereceram educação e instrução a numerosas gerações de poucos haveres. E, mesmo quando a Fundadora decidiu abrir os seus colégios a alunas mais abastadas, fê-lo a pensar nos pobres, pressentindo justamente, que não é possível promover os mais desfavorecidos, sem converter os ricos, sem formar mulheres e homens novos, de coração aberto aos clamores da pobreza e da miséria moral e material.”²⁵⁴

A Madre Maria Rosa Thiaucourt, a sua mais fiel biógrafa, comprova esta opção em três lugares distintos da sua obra:

1. “ Fundada a Congregação em 1866, o seu fim era confiar às suas filhas o cuidado dos pobres, dos doentes e a educação das crianças do povo. E então, aquela que estas

²⁵² T. SALDANHA, *Notas Pessoais*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 79.

²⁵³ Cit. in: F. CIARDI, *Experiencia Comunitaria de los Fundadores*, in: V.R. 1º Enero 1993, 47.

²⁵⁴ A. RIBEIRO, *Os três amores...*, in: AA.V. *Evocação...*, ibid., 17.

linhas escreve muitas vezes ouviu dizer à nossa Madre Geral: Não era meu fim, fundando a Congregação, *cuidar dos pobres, dos doentes e crianças da rua ?* ”²⁵⁵

2. “ Ouvimos, com efeito, a nossa querida Madre Fundadora dizer que não tinha intenção de abrir colégios para meninas abastadas; o seu fito era *acudir aos pobres por todas as formas.*”²⁵⁶

3. “ Como já disse, não era intenção da Fundadora o dedicarem-se as Irmãs à educação de meninas que mais tarde, pela sua posição social, deveriam ocupar um lugar na sociedade. *Pensava só em crianças pobres.*”²⁵⁷

Está, pois, claramente explícita a sua opção preferencial, e, poderíamos dizer mesmo exclusiva, pelos pobres.

Foram diversas as formas como a concretizou.

1. ABERTURA DE ESCOLAS PARA RAPARIGAS POBRES

O amor pelos pobres, como nos lembra, mais uma vez, Albert Nolan, não se limita à compaixão. Exige uma passagem do “romantismo à solidariedade real.”²⁵⁸ Efectivamente, Teresa era filha do seu tempo, tempo esse marcado pela corrente romântica. Apesar disso, não se deixou emaranhar demasiado nesses laços, assinalados por superficialidades. Ao contrário de outras mulheres da sua época, teve o privilégio de se cultivar, quer pelo ensino administrado por sua mãe, quer por mestres especializados.

²⁵⁵ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 6.

²⁵⁶ *Ibid.*, 245.

²⁵⁷ *Ibid.*, 325.

²⁵⁸ A. NOLAN, *Opción por los pobres y crecimiento espiritual*, in: AA.V., *La opción...*, *ibid.*, 96.

Conhece, por contacto directo, o mundo dessa grande parte da sociedade, ainda submergida nas trevas da ignorância porque as poucas escolas estatais existentes eram destinadas prioritariamente aos rapazes. A maior parte das mulheres limitavam-se a aprender os elementos básicos de cozinha, costura, para serem boas donas de casa, boas mães e esposas submissas.

Uma das maneiras de se solidarizar com essa gente, de estar a seu lado, é lutar contra a discriminação e a pobreza: “Não se está com os pobres se não se luta contra a pobreza injusta.”²⁵⁹ Teresa conclui que só através de acções educativas e formativas se pode sair dessa situação. Para tal, desenvolve e ampara, com entusiasmo, a Associação Protectora das Meninas Pobres, em 1859, com o objectivo de instruir as filhas do povo, as raparigas pobres. Esta Associação foi legalmente instituída com Estatutos aprovados em 27 de Fevereiro de 1860. Era destinada “a ensinar as primeiras letras, doutrina e labores às raparigas desprotegidas da sorte. Chegou a ter seis colégios e subsidiava muitos mais.”²⁶⁰

Explica o objectivo dessa obra, em carta dirigida ao Rei, pedindo a aprovação dos Estatutos: “ Uma Associação que tem por fim fornecer às crianças pobres, que frequentam os colégios externos gratuitos, os meios de poderem aproveitar dos seus estudos, não é por certo, nociva ao bem estar do Estado, antes contribui para a sua moralização. A Associação propõe-se proteger o ensino daquelas que, hoje meninas, amanhã, porventura, mães de família, deverão ser as primeiras a inocular nas futuras gerações, princípios, que na sociedade antiga se resumiam na coragem cívica, e que na sociedade católica se conservam na prática dos deveres morais e religiosos.”²⁶¹ Estava convicta de que a partir da mulher se faria a *regeneração* da sociedade. Visa a formação integral da criança e, através desta, de toda a sociedade. O seu objectivo não é apenas académico. Quer melhorar a sociedade através dos mais pequenos, visto que:

²⁵⁹ P. RICOEUR cit. in: J. LOIS, *Identidad Cristiana y Compromiso socio-político*, HOAC, Madrid 1989, 97.

²⁶⁰ M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 22.

²⁶¹ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S.

“ a criança é o género humano, é a humanidade inteira, é o homem.”²⁶²

Nos relatórios aparecem frequentemente sancionados os princípios orientadores da Associação: tem um objectivo de promoção humana: “ fundar e sustentar Asilos de educação para crianças pobres. Procurando educar e formar os corações das crianças desde pequeninas até à idade da adolescência, em que, saindo dos nossos Asilos, podem ir exercer no mundo a benéfica influência da educação, que receberam.”²⁶³ Pretende colaborar na moralização da sociedade e na regeneração da condição feminina, mediante o acesso da mulher às luzes, para que esta pudesse atingir a liberdade, a emancipação.²⁶⁴ Conhece os debates, acerca do direito da mulher à instrução. Não concorda com os princípios machistas e por isso avança com iniciativas concretas.

Procura não só instruir, ensinando a ler e a escrever, mas incutir uma formação integral, que passa pelo ensino religioso e moral: ‘devemos ter em vista, dar uma educação verdadeiramente religiosa às nossas crianças. Devemos considerar que saber ler, sem saber ao mesmo tempo, quais são os deveres que temos para com Deus, para com os nossos pais e para com o nosso próximo, é um perigo para a moralidade pública, e é somente facilitar às crianças os meios de se perverterem, habilitando-as a poderem ler esses péssimos jornais e romances.’²⁶⁵

A educação integral da pessoa, não se limita a saber ler, escrever e contar, deve imprimir uma formação moral e religiosa, que leve a criança a ter um bom relacionamento com Deus, com a família e com o próximo. Sem essa formação global, a criança fica habilitada a ler revistas e jornais sem juízo crítico, o que pode prejudicar a “moralidade pública”.

Um dos seus objectivo é também atingir a família, colaborando assim na moralização e renovação da sociedade. A criança é um meio excelente para essa

²⁶² Ibid. *Relatório A. P. M. P., 1908*, in: A.C.D.C.S.

²⁶³ T. SALDANHA, *Relatório A.P.M.P.*, in: A.C.D.C.S.

²⁶⁴ No século XIX havia uma grande polémica, em Portugal, acerca dos direitos da mulher à educação. (cf. Joel SERRÃO, *Da situação da mulher portuguesa no século XIX*, Livros Horizonte, Lisboa 1987, 19.

²⁶⁵ T. SALDANHA, *Relatório A..P.M. P., 1881* in: A.C.D.C.S.

missão, porque “cada criança que voltava para casa, era uma família que ficava alegre e contente. Se alguma de nós, Senhoras, pudesse seguir os passos infantis das nossas protegidas, penetrasse, invisível, no interior da pobre casa aonde a criança entra alegremente depois de ter passado o dia todo na aula, veria como, sentada entre o pai, cansado do trabalho, e a mãe sempre solícita em cuidar dos seus filhos, a nossa pobre aluna repete, à família reunida, as lições e as explicações de doutrina que recebeu de suas mestras, conseguindo impressionar os pais pelas suas frases inocentes e singelas, e excitá-los ao fiel cumprimento dos seus deveres! A inocente menina torna-se, por assim dizer, o missionário da família.”²⁶⁶

O desenvolvimento da indústria em Portugal, embora não fosse tão grande como noutros países, criou situações alarmantes, sobretudo às crianças, que eram a mão de obra mais barata. Assumiram duros trabalhos, com baixas remunerações. Esta exploração preocupa Teresa. Assim, a Associação Protectora das Meninas Pobres propõe-se dar às suas educandas instrução que as habilite a ganhar a vida, não descurando a “instrução literária e o ensino das prendas femininas, de que mais tarde podem precisar.”²⁶⁷

Além disso, deve continuar a prever o bem estar das crianças que já saíram dos Colégios, procurando-lhes trabalhos dignos. Para tal, foram criadas aulas de labor, como a que se estabeleceu no Colégio de Santa Marta, logo no início da Associação, onde se dava, simultaneamente, instrução literária, religiosa e formação profissional. O relatório de 1861 atesta que esse foi o primeiro e único estabelecimento do género, em Lisboa.²⁶⁸

Era uma maneira prática de ajudar os pais, pois se lhes pagava o trabalho das filhas e convencia-os a deixarem-nas continuar os estudos:

²⁶⁶ T. SALDANHA, *Relatório A. P. M. P., 1872*, in: A.C.D.C.S.

²⁶⁷ *Ibid. Relatório ... 1908*, in: A.C.D.C.S.

²⁶⁸ Cf. *Ibid. Relatório ... 1861*, in: A.C.D.C.S.

“Aprendem a coser, ganham, porque se lhes paga a obra que fazem e ao mesmo tempo são vigiadas e cuida-se em dar-lhes uma educação religiosa.”²⁶⁹

Em todas estas acções, sobressai uma vontade de contribuir para a educação e o feliz futuro das crianças pobres, dando-lhes uma formação humana, profissional e religiosa.

A Associação vê o todo da criança: “Não há ânimo de instar com uma criança que estude, quando olhando para ela vê-se no seu exterior os sinais visíveis da miséria.”²⁷⁰ Por isso, preocupa-se em dar-lhe de comer, vestir e calçar. Os relatórios da Associação descrevem muitas acções desenvolvidas no sentido de satisfazer as necessidades primárias, não só das crianças, como também das suas famílias:

“ A muitas das nossas alunas demos fato e a outras uma comida diária conforme a sua necessidade (...) também protegemos muitas das nossas pequenas nos seus domicílios por motivo de doença, e nas contas vereis, Senhoras, a quantia gasta com remédios e dietas. Apenas adoece uma das nossas alunas, a família manda avisar o Asilo, o nosso bom facultativo vai visitar a doente, e as mestras vão também, com frequência, levar-lhes alguns socorros, para ajuda do seu tratamento.”²⁷¹

Esta acção domiciliária leva a benemérita Associação a acompanhar as crianças nos últimos momentos daquelas que, atingidas por graves doenças, acabavam por falecer: “expiram em excelentes sentimentos de devoção e pronunciando os nomes daquelas que, no Asilo lhe tinham servido de mães carinhosas e dedicadas.”²⁷²

A ternura e o amor são a marca distintiva das escolas e asilos das crianças pobres:

²⁶⁹ T. SALDANHA, *Relatório...* 1861, in: A.C.D.C.S.

²⁷⁰ T. SALDANHA, *Relatório...*, Ibid.

²⁷¹ Ibid. *Relatório...*, 1872 in: A.C.D.C.S.

²⁷² Ibid. *Relatório...*, 1876 in: A.C.D.C.S.

“ Procuramos, Senhoras, tratar a todas com a maior caridade e carinho e tornar o nosso Asilo querido e popular entre os pobres.”²⁷³

2. VISITAS AOS POBRES

Uma das formas mais correntes de estar com os pobres, no século passado, era através da esmola e visita domiciliária. Por isso, desde o início, as Irmãs da Congregação empenham-se em realizar essa obra de misericórdia, distribuindo as esmolas da Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos:

“ Sendo também o fim do Instituto ou das Irmãs visitar os pobres, foram as Irmãs encarregadas de ir levar a casa dos pobres algumas das esmolas que esta Associação dava ao Bairro de S. Vicente. Era isto muito bom para as Irmãs, pois levando uma esmola podiam entrar em casa dos pobres. Iam contentíssimas.”²⁷⁴

Pormenor importante, é a expressão “podiam entrar.” Isto significa inserir-se no mundo dos pobres, entrar em comunhão com a própria família. Não se limitavam a levar uma esmola, a dar algo, mas entravam, sentavam-se, conversavam, escutavam, animavam, estavam com as pessoas. O dar exige uma capacidade de ternura e simpatia, para que a esmola dada não seja um ultraje ao pobre, como assegura Ozanam: “ A assistência honra quando acrescenta ao pão que alimenta, a visita que consola, o conselho que esclarece, o aperto de mãos que levanta o ânimo abatido;

²⁷³ Ibid. *Relatório...*, 1870 in: A.C.D.C.S.

²⁷⁴ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 211.

quando trata o pobre com respeito, não só como igual, mas sim, como superior (...) ele está entre nós como um enviado de Deus.”²⁷⁵

As Irmãs tinham disso consciência e dedicavam-se, com alegria e entusiasmo, a essa missão: “Naquele dia, a boa condessa D. Maria mandou uma carta contendo 1.000 reis para ser entregue imediatamente a uma pobre mulher, que encontrara na rua. As Irmãs foram logo levar-lha. Na 4ª feira seguinte, foram dar esmola a uma pobre infeliz família: uma mulher nova com cinco crianças sem pão e sem possuir coisa alguma com que comprasse alimentos, estavam sofrendo fome e, além disso, o marido estava preso.”²⁷⁶

Estas visitas aos pobres eram sempre um meio de evangelização, catequização e sacramentalização: “As Irmãs saíram para distribuir esmolas e decidiram os arranjos para o baptismo de uma criança, filha de uma pobre família.”²⁷⁷

É nota constante e insistentemente sublinhada, esta aproximação aos pobres. Estes eram a grande ocupação e preocupação das Irmãs, como narra a cronista: “Nada de extraordinário ocorreu durante o mês, continuando as Irmãs a visitar os pobres e socorrendo-os em todas as suas necessidades espirituais e temporais.”²⁷⁸ Igual importância é dada ao final da crónica do ano de 1872:

“Forçoso é não relatar por completo, apesar de ser muito interessante, especialmente nos pontos em que conta as visitas aos doentes, aos pobres, quadros de miséria espiritual e material, às vezes bastante edificantes.”²⁷⁹

²⁷⁵ Cit. in: GONZALEZ FAUS, *Vicarios de Cristo...* ibid., 284.

²⁷⁶ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 270.

²⁷⁷ Ibid., 274.

²⁷⁸ Ibid., 282.

²⁷⁹ Ibid., 290.

3. "ESTAVA DOENTE E VISITASTE-ME " (Mt 25,36)

Pobres são também os doentes, sobretudo no século passado, em que o serviço de saúde estava deficientemente organizado. Os hospitais eram, sobretudo, para os pobres, que ficavam completamente dependentes da caridade alheia.

Por isso, a Fundadora dá tanta importância a essas visitas, como refere em carta ao Mestre Geral da Ordem:

“ Não quero deixar de falar nas visitas ao Hospital de S. José e do Desterro, uma das obras mais importantes e mais belas. Consegui licença para que uma Irmã conseguisse visitar os Hospitais do Governo, podendo entrar sem nenhuma dificuldade (...) vai às salas onde estão os doentes, fala com eles, senta-se à cabeceira de cada um, procura consolá-los. Faz-lhes uma instrução religiosa (...) Só Deus sabe o bem que as nossas Irmãs fazem.”²⁸⁰

Essas visitas são citadas em inúmeras páginas: “ As Irmãs Maria Madalena e Maria Rosa foram visitar uma pobre rapariga doente, que há algum tempo já estavam tratando; deixaram-na e foram dar esmolas da Associação a uma outra rapariga pobre, vivendo na vizinhança. Souberam depois que estas duas pobres raparigas trabalhavam na mesma casa e sendo ambas muito novinhas e de constituição delicada, a tuberculose apressou-se a levá-las para a sepultura. Morreram tendo recebido os sacramentos na mais santa disposição.”²⁸¹ Nas visitas aos doentes quer nos hospitais, quer em suas casas, havia uma preocupação de alívio, cura, consolo e instrução religiosa.

A solicitude pelos doentes, levou as Irmãs a criarem a Associação de Santa Catarina de Sena, com o fim principal de consolar os doentes pobres, procurando sensibilizar as pessoas mais ricas para os socorrerem, angariando fundos para tal.

²⁸⁰ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 222.

²⁸¹ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 273.

Outro dos objectivos da Associação era: “ excitar a devoção à grande santa, sob cujo patrocínio a Obra se instalara.”²⁸²

Muito bem se fez com as somas da Associação, sendo o primeiro donativo para uma pobre mulher, que era visitada pelas Irmãs.²⁸³

O P. Russel, nomeado superior-visitador da Congregação pelo Patriarca de Lisboa, dá um grande relevo a esta obra de misericórdia: “ Aprovo as visitas aos doentes e outras obras exteriores de caridade; estas porém, devem ser ordenadas de tal sorte que não interrompam a regularidade das obrigações. Havendo algum caso urgente, deve haver uma dispensa especial. Aprovo o privilégio de rezarem o Ofício Divino, contanto que não impeça a atenção devida aos enfermos.”²⁸⁴

Estava, portanto, na intenção fundacional de Teresa de Saldanha a visita aos doentes, que nesse tempo lutavam com imensas dificuldades, devido à escassez de apoios estatais. O P. Russel acentua, nesta sua observação, que a misericórdia, a atenção devida aos enfermos, está acima de qualquer devoção. (cf. Lc 10,29-37)

4. COMUNIDADES DE INSERÇÃO

Nesta opção pelos pobres, cabe uma referência às comunidades de inserção. A expressão não é usada por Teresa de Saldanha, como não o era, aliás, no século XIX. Contudo, refere-se à esta realidade e às suas vantagens em vários documentos.

Em resposta a um Arcipreste que lhe pede Irmãs, explica:

²⁸² Ibid., 283.

²⁸³ Cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 283.

²⁸⁴ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 307.

“ Este Instituto tem por Regra das Irmãs Dominicanas, faculdades para socorrer toda a sorte de miséria, ou seja, para a infância, para enfermos e velhos. *Fazer o bem sempre e onde seja possível*, é a sua máxima. Aí para o norte há mais espírito religioso; então, estou certíssima que Vossa Rv.^a poderá realizar os seus piedosos desejos. Isto mesmo do projecto das Paróquias, creia Vossa Rv.^a é o meu desejo relativamente à organização da nossa querida Obra e seu desenvolvimento. Desejaria muito uma casa com duas ou três Terceiras, boas, zelosas e aptas para trabalhar. Que uma se ocupasse do ensino, outra, da visita aos pobres e assim, fossem espalhando a boa semente! E concordo seguramente quanto é desnecessário, em pequenas aldeias, numerosas comunidades que dariam logo tanto nas vistas.”²⁸⁵

O seu projecto está aqui delineado: inserção no meio dos pobres, integração nas paróquias, abertura de pequenas comunidades.

A Fundadora viu as conveniências do pluralismo comunitário. O elemento numérico não é o mais importante, mas o zelo e a qualidade de vida evangélica. A Comunidade existe para ser sal, luz, ou na sua expressão, espalhar a boa semente.

Um século mais tarde, o Documento de Puebla também o reafirma: “Há diversos estilos de vida comunitária. Também surgem pequenas comunidades que nascem geralmente do desejo de inserir-se em bairros modestos ou no campo. A experiência mostra que, para terem êxito, essas pequenas comunidades devem preencher certas condições: motivação evangélica, comunicação pessoal, oração comunitária, avaliações, integração no Instituto e na Diocese.”²⁸⁶

A inserção está, pois, integrada na opção preferencial pelos pobres que vivem nos bairros degradados das cidades ou no esquecido campo. É uma forma concreta de seguimento de Jesus, como o confirma o Documento de Puebla : “ Ao aproximar-nos

²⁸⁵ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, ibid., 299.

²⁸⁶ *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*, Conclusão da III C.G.E.A.L., Puebla 1979, nº 731.

do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, fazemos o que Cristo nos ensinou quando se fez nosso irmão, pobre como nós. Por isso, o serviço dos pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, do nosso seguimento de Cristo.”²⁸⁷

São muitas as referências a esta opção, no projecto pastoral da Congregação. Quando anda à procura de uma casa para acolher as primeiras irmãs, escreve com regozijo: “A casa era boa, num bairro cheio de pobres.”²⁸⁸ Noutra circunstância, repete e reforça a mesma ideia: “A casa é situada num bairro muito populoso, mas muito miserável, contudo, óptimo para os nossos trabalhos.”²⁸⁹ Nas dificuldades acerca do lugar, insiste, apelando à Providência de Deus: “Deus trouxe-nos para aqui, é que aqui, neste imenso bairro de pobres, há muito que fazer.”²⁹⁰

Em carta, ao Mestre Geral da Ordem, aponta o seu projecto:

“O meu desejo é introduzir as Irmãs nestes estabelecimentos onde poderão fazer um bem imenso, ocupando-se da educação destas crianças pobres. A visita aos pobres nos seus domicílios entra também nos nossos planos, porque o contacto com os pobres é um dos melhores meios de fazer o bem e contribuir para a salvação de muitas almas.”²⁹¹

Ao defender a inserção nos meios pobres, está a efectivar o primeiro momento dessa opção, que é, segundo o teólogo Julio Lois: “incarnar-se no meio dos pobres, com a finalidade de viver com eles e como eles.”²⁹² Por isso, considera providencial o lugar onde são chamadas a trabalhar.

O mesmo é afirmado por um dos grandes protectores dos pobres, o fundador das Conferências de S. Vicente de Paulo, F. Ozanam: “A miséria não pode ser

²⁸⁷ Ibid. nº 1145.

²⁸⁸ T. SALDANHA, *Cartas* in : A.C.D.C.S.

²⁸⁹ Ibid.

²⁹⁰ Ibid.

²⁹¹ T.SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

²⁹² J. LOIS, *La opción por los pobres en la Teología de la liberación*, Tesis doctoral, IEPALA, Madrid 1985, 96.

combatida só desde um Parlamento ou de um escritório: é preciso ir a esses bairros aonde ninguém vai, entrar naquelas casas que não conhecem, subir aquelas escadas que ameaçam cair quando as pisamos, sentir o frio que ali faz, ver as lágrimas nos olhos daquelas mães, ouvir e falar com aquelas crianças mal nutridas e mal educadas.”²⁹³ Teresa tem esta inquietação. Quer que a sua obra se consagre prioritariamente a tal missão, dedicando-se à educação das crianças pobres. Sente, porém, como é difícil educar, ensinar crianças que vivem mergulhadas na miséria:

“É uma grande caridade contribuir para a educação dos pobres, mas há ocasiões em que o coração ainda pede que se socorram outras necessidades mais urgentes.”²⁹⁴

5. PASTORAL NO MUNDO OPERÁRIO

A revolução industrial, no século XIX, veio encontrar os trabalhadores desprevenidos, isto é, sem organizações, nem associações.

O liberalismo económico com os seus quatro princípios fundamentais: amoralismo no campo da economia, livre concorrência, absentismo estatal e individualismo, fez nascer uma nova forma de pobreza: o proletariado.

²⁹³ Cit. in GONZALEZ-FAUS, *Vicários ...* ibid., 275.

²⁹⁴ T. SALDANHA, *Relatório A.P. M. P. 1851*, in: A.C.D.C.S.

O trabalho desenvolve-se em condições verdadeiramente desumanas. Os horários chegam a satisfazer dezassete horas ininterruptas, sete dias por semana. As crianças, muitas delas com horários semelhantes, sem acesso à escolaridade básica, nem qualquer tipo de segurança social e de protecção perante a doença ou acidentes de trabalho. Os salários são de miséria e estão dependentes da oferta: maior oferta, menores salários. A sub-alimentação é corrente em todas as casas de operários, que também não dispunham de habitação condigna.

A este proletariado industrial e agrícola, as classes dirigentes não ofereciam outra solução, senão a paciência e a resignação. A própria Igreja olhava esta nova situação, sem a audácia evangélica exigida. Leão XIII chega a afirmar na *Auspicatum Concessum*, escrita no centenário de S. Francisco de Assis, em 1884: “O pobre deve ganhar o céu com a paciência, o rico com a liberalidade”²⁹⁵ E Gregório XVI na encíclica *Mirari vos*, condena o liberalismo em todas as suas formas, excepto uma que não designou: o liberalismo económico que entregava os trabalhadores indefesos ao excesso do poder do capital.

Assim se viram os pobres, na generalidade dos casos, entregues à sua injusta condição. Alguns uniram-se e tomaram consciência das arbitrariedades de que eram alvo e dos seus direitos espezinhados, bem como da necessidade de lutar por eles.²⁹⁶

Em Portugal, muita gente da Igreja olha a desigualdade e as injustiças gritantes com indiferença ou ignorância.

Teresa, atenta à miséria do seu povo, conhece a exploração de jovens operárias de uma fábrica, na Calçada do Cascão, Lisboa, perto de um dos colégios da Associação. Vai à fábrica para ver, contactar com essa realidade. O retrato que nos apresenta, da situação desoladora das jovens, é patético: “vestidas de farrapos fazendo girar máquinas e com um ar de miséria e de cansaço incrível, parecendo algumas não terem mais de oito anos.”²⁹⁷

²⁹⁵ Cf. A.J. RAMOS, *A Igreja perante a pobreza nos dois últimos séculos*, in: AA.V. *A Igreja e a opção...*, *ibid.*, 83-86.

²⁹⁶ Cf. GONZALEZ-FAUS, *Vicários de Cristo...*, *ibid.*, 271-278.

²⁹⁷ M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 128.

Eram as mais débeis, as mais ameaçadas social, económica e espiritualmente naquela sociedade lisboeta. Cerca de duzentas raparigas dos doze aos vinte anos trabalhavam em fazer botões catorze horas por dia, dedicando-se somente a essa tarefa, sendo de uma ignorância total.²⁹⁸

Sensibilizadas pelo que vêem, Teresa e as suas colaboradoras, dialogam com os donos da fábrica e decidem abrir uma aula nocturna, das oito às nove da noite para essas jovens. De início, vinham poucas, mas, depois, foram aumentando: “Três vezes por semana, temos uma classe nocturna para operárias que trabalham numa fábrica e ao domingo têm instrução religiosa.”²⁹⁹

Mais tarde, partilha, com alegria, os frutos dessa iniciativa:

“ A Dona Mariana ensina o catecismo aos domingos às pequenas das fábricas; outro dia vi o ranchinho e confesso que fazia consolação vê-lo. Tem aumentado muito o número das raparigas da aula nocturna. Temos tido grandes consolações com esta aula. Apresentou-se uma mulher casada que nem o sinal da cruz sabe fazer e não sabe o Padre Nosso! Como poderia ela educar os filhos ? Nosso Senhor nos ajude nesta missão e que bem poderão as nossas Irmãs fazer àquelas raparigas! ”³⁰⁰

No relatório da Associação Protectora das Meninas Pobres, do ano de 1868, elogia o esforço das operárias:

“ Faz gosto ver o desejo que as pobres raparigas têm de aprender, o que é tanto mais de louvar, tendo elas passado todo o dia em trabalhos cansados.”

³⁰¹

²⁹⁸ Cf. *Ibid.*, 127.

²⁹⁹ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 193.

³⁰⁰ *Ibid.*, 345.

³⁰¹ T. SALDANHA, *Relatório A..P. M. P. de 1868* in: A.C.D.C.S.

Inédito nesta acção foi a sua abertura a jovens do sexo masculino: “Quantos pais e mães de família abençoam por terem sido educados nas aulas nocturnas para rapazes das muitas fábricas da vizinhança.”³⁰²

Esta mulher viu longe e viu bem. Sabia que a verdadeira libertação da pessoa humana se realiza através da abertura ao mundo da cultura, como o atesta Ozanam: “Não creiamos ter-nos reconciliado com o povo, enquanto não o tivermos ensinado a ler, a escrever e a calcular.”³⁰³

Ciente de que um projecto pastoral só será completo na abertura aos valores do evangelho de Jesus Cristo, o único e verdadeiro Libertador, acompanha a alfabetização com a formação religiosa, como refere:

“ Temos uma classe externa para crianças pobres e uma classe nocturna para raparigas que trabalham nas fábricas próximas da nossa casa. Estas raparigas são muito ignorantes. Vêm algumas com vinte e dois anos sem saberem fazer o sinal da cruz e sem nunca se terem confessado! São estas almas que agora estão confiadas às Irmãs, e como é consolador o bem que se lhes faz ! A Irmã portuguesa, Maria José de Barros e Castro, está encarregada de toda a instrução religiosa das crianças e nos domingos faz uma instrução a todas as pessoas que aparecem. Vêm crianças, raparigas, velhas e até alguns rapazinhos. Vê-la rodeada desta gente, é um espectáculo bem comovedor!”³⁰⁴

Esta carta, dos primeiros tempos da Congregação, expressa todo o entusiasmo e alegria pelo trabalho pastoral realizado directamente junto dos operários. Algo inovador para o tempo. Não havia outras religiosas dedicadas a esta actividade em Portugal. A ignorância religiosa a que se refere a carta também não é de estranhar,

³⁰² M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 245.

³⁰³ Cit in: I. GONZALEZ-FAUS, *Vicarios ...*, *ibid.*, 283.

³⁰⁴ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 214.

visto que o clero de Lisboa era idoso, mal preparado e encontrava-se, de um modo geral, desmotivado.

Teresa, como filha de Domingos, comove-se ao ver aquelas pessoas sedentas de escutar a Palavra da Boa Nova: “ Tivemos a consolação de vermos fazer a sua primeira comunhão vinte e duas rapariga, tendo uma vinte anos! Foi uma festa muito comovente, um dia de felicidade para mim e para as Irmãs.”³⁰⁵

Nesta acção há um claro objectivo: a libertação de mulheres, que se encontravam oprimidas e esmagadas pelo excesso de trabalho fabril e sem acesso à cultura e ao evangelho. Ao empreendê-la, Teresa de Saldanha está a cumprir a missão da Igreja, que segundo a *Evangelii Nuntiandi*: “ tem o dever de anunciar a libertação a milhões de seres humanos, entre os quais se encontram muitos dos seus filhos; o dever de ajudar a nascer esta libertação; de dar testemunho da mesma, de fazer que seja total. Tudo isto não é estranho à evangelização.”³⁰⁶

O facto de a primeira casa da Congregação estar numa zona fabril, foi considerado uma Providência de Deus: “Dá-me muita consolação. Espero, há-de atrair as bênçãos de Deus sobre nós.”³⁰⁷

Esta mulher carismática aproveitou todas as oportunidades para fazer o bem, promovendo a pessoa humana, através da alfabetização, da abertura ao mundo dos valores, de actividades que despertam a pessoa para a consciência de si própria, como tão bem nos diz o Documento de Puebla: “A promoção humana implica actividades que ajudam a despertar a consciência do homem em todas as suas dimensões e a lutar por si mesmo como protagonista do seu próprio desenvolvimento humano e cristão. Educa para a convivência, dá impulso à organização, fomenta a comunicação cristã dos bens, ajuda de modo eficaz a comunhão e a participação.”³⁰⁸

³⁰⁵ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S.

³⁰⁶ E.N. , nº. 30.

³⁰⁷ T. SALDANHA, *Cartas* in: A.C.D.C.S., cf. M.R.THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 684.

³⁰⁸ *Evangelização no presente e no futuro*, *ibid.*, nº 477.

A libertação que Teresa empreende assenta em três pilares: a verdade sobre Jesus Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem.³⁰⁹

Há, segundo um actual historiador, uma explícita preocupação pastoral:

“ Teresa aparece-nos então entre aquelas mulheres cristãs que se sentiram chamadas a um maior empenhamento na Igreja e na sociedade, dada a falta e proibição das religiosas. Esteve aqui uma das principais causas do arranque do moderno apostolado dos leigos em Portugal. E não foi Teresa de Saldanha a única que veio a concluir na vida religiosa esse empenhamento cristão, embora tenha sido um dos seus exemplos mais eloquentes.”³¹⁰

6. INOVAÇÃO E LIMITES DESSA OPÇÃO

Hoje, tornou-se um lugar comum falar de opção preferencial pelos pobres. No século passado, porém, não se falava dessa opção. Gonzalez Faus considera que: “os pobres constituem o grande esquecimento da Igreja no século XIX, ou mais matizadamente, na segunda metade deste século. Enquanto uns foram lutar pela democracia, outros pelo papado, a causa dos pobres emergia fora destes âmbitos.”³¹¹ Não apenas esquecimento. As diferenças sociais eram consideradas normais nesse tempo. Existiam os muito ricos e os muito pobres. Era a mentalidade comum da sociedade e da igreja em geral.

Ao fazer uma clara e preferencial opção pelos pobres, e, poderíamos quase afirmar, exclusiva, a julgar pela primeira acta da fundação: “ Pessoas que se dediquem exclusivamente ao tratamento dos pobres enfermos e à prática de todas as obras de

³⁰⁹ Cf. *Ibid.*, n.º 484.

³¹⁰ M. CLEMENTE, *Teresa de Saldanha e a renovação...* in: M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, x.

³¹¹ I. GONZALEZ-FAUS, *Vicarios...* *ibid.*, 303.

misericórdia,”³¹² Teresa adiantou-se nalguns aspectos à sua época, mas não deixou de ter as limitações das circunstâncias sócio-culturais e eclesiais do tempo que lhe foi dado viver e actuar.

Escutou o clamor dos pobres, sobretudo, das crianças, mulheres e operários e reagiu com compaixão e misericórdia, comprometendo-se, decididamente, na sua libertação, pela educação e alfabetização. O trabalho de promoção cultural e a pastoral directa no mundo operário, tanto feminino como masculino, foi uma das suas notas mais inovadoras.

Teresa era de uma classe social elevada. Apesar da sua categoria familiar, desde a mais tenra idade, acompanhou a sua mãe aos albergues, aos lares mais miseráveis, onde entre lágrimas se aninham a dor, a fome, as enfermidades física e moral, a falta de higiene e toda sorte de ignorância. Esse contacto directo com as camadas sociais da miséria, agudou-lhe a sensibilidade. Procurou ver o mundo dos pobres a partir da perspectiva dos pobres, dos débeis e dos explorados. Tanto quanto lhe foi possível, reconheceu as *estruturas de pecado* de que fala João Paulo II na *Solicitudo Rei Socialis*, quer dizer, os mecanismos sociais, económicos e políticos injustos.³¹³

Apesar disso, temos de reconhecer, que o seu empenho em prol da libertação dos “filhos do nosso povo”, foi uma acção limitada, devido a muitos factores tais como: a situação eclesial, social, histórico-política da época.

Se agregou outras pessoas que dilataram os seus passos de misericórdia, não conseguiu que a Igreja e a sociedade em geral, mudassem de mentalidade, assumindo essa opção, vista como libertação integral.

Não teve, como se tem hoje, uma cosmovisão de países ricos e exploradores e povos pobres e explorados.

³¹² M. R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, *ibid.*, 53

³¹³ Cf. *S.R.S.*, 39.

Não falou de Direitos Humanos, de igualdades fundamentais entre as pessoas, pelo simples facto de serem pessoas, contudo, lutou arduamente pela instauração desses valores.

CAPITULO V

ACTUALIDADE DO PROJECTO DE TERESA DE SALDANHA

“A vida consagrada não pode temer o futuro. Contudo, só sobreviverão as formas institucionais que ofereçam aos homens razões para viver e para esperar.”

Sinodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada.³¹⁴

Falar de actualidade de um projecto de Vida Consagrada, inaugurado há mais de um século, supõe uma análise das primeiras Constituições de 1887 e das actuais, reformuladas após o Concílio Vaticano II.

³¹⁴ C. AMIGO VALLEJO, *El Sínodo...*, ibid., 239.

1. AS CONSTITUIÇÕES ONTEM E HOJE

Todas as sociedades humanas precisam, para que haja boa ordem e harmonia, de certos princípios regulamentares. Teresa de Saldanha também dotou a sua Congregação de umas Constituições que assegurassem a identidade e unidade das irmãs. Escreveu-as, a exemplo de S. Domingos, abertas, para se poderem adaptar aos tempos e lugares.

1.1. O projecto pastoral nas Constituições de 1887

As primeiras Constituições afirmam que a Congregação tem por fim: a santificação dos seus membros, a educação religiosa e civil da mocidade e todas as obras de caridade. Estes dois fins estão conformes com o espírito dominicano. Cada irmã deve esforçar-se por adquirir as virtudes que a tornem aptas para praticar todas as obras de santidade e zelo, a exemplo dos filhos de São Domingos. Enquanto trabalham na sua própria santidade, deverão exercer este apostolado.

Os temas da santificação pessoal e da procura da perfeição estão universalmente presentes. Esta santificação pode e deve realizar-se, não paralelamente à acção apostólica, mas nela. Toda a dicotomia deve ser evitada. Hoje redescobriu-se o valor santificador da acção realizada pelo evangelho. Servindo a pessoa *in caritate* entra-se numa comunhão existencial com Cristo Jesus.³¹⁵

³¹⁵ Cf. J.M.R. TILLARD, *La Vida Religiosa, Vida carismática*, Claretianas, Madrid 1977, 30.

Teresa de Saldanha estava ciente dessa unidade existencial entre o ser e o fazer. Não ser e fazer de qualquer modo, mas associadas de uma maneira activa ao fim apostólico da Ordem. (VIII).

As irmãs devem dedicar-se, muito particularmente: à educação da mocidade, a socorrer os pobres e os doentes. Toda esta acção sócio-caritativa feita para glorificação de Deus e a salvação das almas à imitação do Bem-aventurado Domingos.

Nas localidades onde as irmãs residem devem procurar *fazer o bem* estabelecendo: asilos, pensionatos, aulas externas, asilos de cegas, asilos de idosos, casas de arrependidas, asilos de crianças e inválidos. Estas obras têm como objectivo: uma intensa formação religiosa e sólida educação transmitida às crianças. Assim moralizam o povo, devido ao contacto das crianças com as suas famílias. As irmãs podem sair para levar socorro aos pobres e doentes, tratando-os com uma grande caridade. (X,I)

A Priora Geral terá sempre em vista que as irmãs se dediquem a este fim com o maior zelo possível.

As crianças deverão ser instruídas na nossa santa religião, ensinadas à prática dos seus deveres e exortadas à modéstia e simplicidade no vestuário. Para tal, procurarão infundir nas educandas um espírito sólido e dirigi-las nos deveres de verdadeiras cristãs. (X,II)

Numa linguagem da época, há um fim pastoral definido. Pretende-se que em todas as obras orientadas pelas irmãs, as pessoas sejam educadas solidamente, catequizadas e evangelizadas para serem o fermento da renovação da família e da sociedade. Só na abertura a Jesus Cristo e à Sua acção salvífica se dará a conversão de uma sociedade desleixada, amorfa e indiferente, numa onde reine a justiça, a solidariedade, o bem e a paz.

1.2. O projecto pastoral nas actuais Constituições

"O futuro da vida consagrada depende da sua renovação, do seu ardor missionário, da resposta aos desafios do mundo moderno e da fidelidade ao próprio carisma institucional."

Sinodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada ³¹⁶

O Concílio Vaticano II convidou todas as congregações a encetarem uma séria renovação. Respondendo a esse apelo, a Congregação ensaiou durante vários anos um processo que a levou a elaborar as actuais Constituições em 1984, aprovadas a 4 de Setembro de 1987.

A Constituição Fundamental afirma que 'como Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, constituímos uma congregação de vida apostólica'. Menciona o objectivo da mesma: ' Como fim específico a educação e promoção da infância e juventude, não esquecendo *fazer o bem sempre e onde seja possível*, nomeadamente em obras de misericórdia e evangelização dos mais pobres e abandonados.'

Recorda aos seus membros que têm de ser fiéis ao 'nosso património e atentas às urgências de cada época e lugar' e que são chamados a viver segundo o espírito comunitário e apostólico de S. Domingos.' (V)

Enumera os tipos de acção apostólica a que a congregação se dedica: Obras de Serviço Social; Missões, Lares Académicos, Escolas.³¹⁷

O Capítulo III intitulado 'Apostolado da Congregação' afirma que 'A Congregação realiza o Apostolado através de actividades diversas, fundamentalmente de educação e promoção.' (C III, art. II)

O testemunho de vida consagrada é a fundamentação de toda a actividade apostólica, realça o Artigo III. O mesmo refere, contudo, que a congregação não existe

³¹⁶ C. AMIGO VALLEJA, *El Sinodo...*, ibid., 44.

³¹⁷ Cf. *Constituições da Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena*, Constituição Fundamental, 27-31.

para si mesma, mas em benefício da comunidade humana. : ‘o sentido apostólico tornar-nos-á disponíveis para anunciarmos a Palavra de Deus, onde for necessário e possível’.

(110 C) O mesmo apostolado brotará da ‘oração e há-de desenvolver-se de tal modo que nos disponha a orar melhor’. (111 C)

As Dominicanas, contudo, não buscarão prioritariamente uma colheita apostólica, mas sendo apostolicamente audazes, vivendo não só as alegrias e as esperanças, como também as tristezas e as angústias do nosso tempo, procurarão semear, na fidelidade ao Espírito.’ (111,II)

Neste capítulo dedicado ao apostolado aparecem referidos os princípios gerais do apostolado (A), os princípios gerais da educação (B), frisando que a acção educativa ‘terá como finalidade o crescimento total da pessoa, na dimensão humana e cristã.’ (112 C,I)

A alínea C ‘Obras de Apostolado’ especifica as diferentes áreas da acção:

Artigo I - Serviço Social

Começa por uma teologização da acção social: ‘Cristo foi enviado pelo Pai a evangelizar os pobres, a sarar os contritos de coração, a procurar e salvar o que estava perdido. De igual modo, a Igreja reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do Seu Fundador e procura aliviá-los vendo neles o próprio Cristo.’ (117 C) Do mesmo modo, a Congregação ‘fiel ao espírito da Igreja e ao pensamento da nossa fundadora pode dedicar-se a qualquer obra de caridade que responda às necessidades do tempo e lugar.’ (118 C)

Depois de apontar alguns princípios que regem essa actividade, as Constituições transcrevem um extracto dos escritos da fundadora, relevantes da opção

pelos pobres: ‘ A visita aos pobres nos seus domicílios entra também nos nossos planos, porque o contacto com os pobres é um dos melhores meios de fazer o bem e contribui para a salvação de muitas almas.’ (122 C)

Artigo II - Hospitais

A caridade e a formação humana e religiosa é fundamental nesta acção. A preocupação pelos estudos está também contemplada: ‘ quer iniciando-os, quer dando continuidade aos seus estudos, muitas vezes interrompidos pela doença’, para facilitar a inserção na sociedade. (124 C)

Artigo III - Comunidades de Inserção

São importantes como ‘resposta às exigências de evangelização do momento presente’ numa sociedade ‘em mudança’ de acordo com os apelos da Igreja e aos desejos da Madre Fundadora. Estas devem situar-se ‘em meios menos favorecidos e menos cristianizados.’ (125, I, D) Exigência deste modelo de vida religiosa é ‘o verdadeiro testemunho de pobreza em todo o seu modo de viver.’ (125,D,III)

Artigo IV - Missões

Depois de uma alusão à Igreja como ‘Sacramento de Salvação’ e à Sua missão evangelizadora, faz a memória missionária: ‘ Tendo a Congregação uma consciência viva desta responsabilidade missionária e seguindo o desejo da Madre Fundadora, estende as suas actividades em ordem à propagação do Reino de Deus.’ (126, II)

Há um assumir, de facto, da actividade missionária ao empenhar ‘ todos os seus membros.’ E, como nem todos podem partir, deve ‘enviar directamente alguns a evangelizar os povos mais carenciados.’ (126,III)

Há exigências impostas à irmã que é enviada a anunciar a Boa Nova: a capacidade de renunciar a si mesma, de fazer-se tudo para todos, de mostrar que o jugo do Senhor é suave e a Sua carga leve (Mt 11,29), de adaptar-se generosamente às condições dos povos, de respeitar o seu espírito, a sua língua e costumes, de partilhar as suas necessidades, alegrias e sofrimentos, de dar testemunho do Senhor, até à efusão de sangue.

O perfil da Irmã missionária: ‘ Perseverante nas dificuldades, paciente e corajosa em suportar a solidão, a fadiga e o trabalho estéril, reconhecendo que a abundância da alegria está na experiência intensa da tribulação e da absoluta pobreza.’ (128 C)

A Congregação assume-se, portanto, com uma forte e exigente dimensão missionária na qual todos os seus membros se devem sentir empenhados e não apenas aqueles que são enviados.

Artigo V - Colaboração na Pastoral Diocesana

Respondendo aos pedidos e desejos dos bispos e párocos, a Congregação colabora na grande e nobre tarefa da evangelização da humanidade.

Artigo VI - Pastoral Vocacional

Atesta-se que ‘ A melhor forma de atrair as jovens ao seguimento radical de Jesus Cristo será o entusiasmo com que vivermos a nossa própria consagração, pois só a vida gera a vida. Seguras da nossa identidade e fiéis ao nosso carisma, servindo a Deus e ao próximo com vigor e alegria, seremos comunidades renovadas, lugares de apoio e de estímulo a quem o Senhor queira chamar.’ (135, C)

Artigo VII - Lares

Recorda-se que Teresa de Saldanha queria que a Congregação se dedicasse ‘muito particularmente à educação da mocidade’ (137 C) de tal modo que leve a ‘juventude a buscar incessantemente a Verdade, para serem fermento na massa do mundo.’ (138,I)

Artigo VIII - Colégios

Afirma-se que os colégios são ‘um espaço privilegiado para a formação integral da pessoa humana, orientada para o seu fim último e o bem comum da sociedade.’ (140 c, I) Dá grande importância à comunidade educativa e à colaboração que deve existir entre educandos, educadores, professores e pais.

Na Comunidade educativa ‘cada educando deve sentir-se acolhido em clima de amor.’ Se assim for, continua o texto: ‘As crianças e jovens descobrirão a beleza do ideal cristão e conseguirão à força do testemunho realizar a síntese entre a cultura e a fé, entre a fé e a vida e descobrirão que a felicidade depende muito da capacidade de doação.’ (142, 2º) O aprofundamento da fé é o elemento principal da acção educativa, visto que levará os educandos a ‘uma opção consciente dos valores cristãos’ e assim se tornarão evangelizadores do seu ambiente.’ (148 D,I)

No seu conjunto, as actuais Constituições, aprovadas precisamente cem anos após as originais, contêm o essencial da intenção fundacional da congregação.

Há aspectos que, devido ao Vaticano II e ao grande desenvolvimento da Teologia da Vida Religiosa, aparecem mais evidenciados, como as Comunidades de Inserção e as Missões. Contudo, Teresa tanto quis uma coisa como outra. Aliás, ela dá sempre abertura a novas iniciativas pastorais ao reafirmar ‘*devemos fazer o bem sempre e onde seja possível.*

2. UM CARISMA ACTUAL

A Perfecta Caritatis exorta a uma adequada renovação, que comporta não só um regresso constante às fontes e à inspiração primitiva dos institutos, mas também uma adaptação dos mesmos às mutáveis condições dos tempos, o que supõe um duplo movimento: voltar à inspiração original e adaptação às condições móveis deste tempo. Segundo o P. Chenu: “ Esta fórmula banal contém em si mesma muita força, se se observa que, sob a palavra latina *simul* é, em verdade, de uma dialéctica rigorosa que se trata, não de uma justaposição nem restauração arqueológica: a presença ao seu tempo emana do sonho da inspiração primitiva e é simultaneamente a sua condição.”

318

Neste mesmo sentido, acrescenta ainda J. B. Metz “a fidelidade ao Fundador deve ser atenção aos sinais dos tempos. As Ordens devem ser *conservadoras* à lei vital do seguimento radical; devem ser *progressistas* enquanto que submetem à prova uma e outra vez as suas formas de vida e as suas recordações, contrastando-as com esta lei do seguimento. Isso exige, em relação ao exterior: atenta escuta e capacidade de aprendizagem face às novas experiências e exigências em relação ao interior, exige capacidade de revisão e de integração.”³¹⁹

Teresa de Saldanha viveu numa atenção e tensão aos sinais do seu tempo. Foi através desses sinais que se desenvolveu a grande *paixão* da sua vida, *Deus e os pobres*, que a levaria a realizar, com audácia, o que para muitos parecia um sonho: a fundação de uma Congregação Religiosa Dominicana de vida apostólica, ao serviço da misericórdia.

Trata-se, portanto, de um carisma de vida consagrada, entendido como um seguimento radical de Jesus, realizado numa Ordem já existente na Igreja: a Ordem

³¹⁸ M.D. CHENU, *L'Ordre de St. Dominique a-t-il enconre sa chance ?* in: V. S., 139, Jan/Fev., nº 663, 1985, 31.

³¹⁹ J.B. METZ, *Las Ordenes...*, *ibid.*, 29-30.

Dominicana, dedicada à pregação da Verdade, “ um jardim agradabilíssimo, alegre, perfumado”³²⁰, no dizer de Catarina de Sena, com grande capacidade de renovação porque fundada: “ à imagem da Igreja Universal a fim de que a sua disciplina pudesse adaptar-se aos tempos e lugares,” segundo Lacordaire.³²¹

O serviço da Verdade pela pregação da Palavra, no ministério da evangelização e na vocação missionária é a finalidade desta Ordem Religiosa, a primeira fundada explicitamente para a missão. Toda esta acção vivida numa forte experiência de fraternidade, em comunidade. Esta é, já por si, uma realidade evangélica.

Se a missão da Ordem dos Pregadores é o serviço do evangelho, particularmente pela Palavra, o estudo e a difusão da Verdade, a missão da Congregação fundada por Teresa de Saldanha é o serviço do evangelho concretizado no amor incondicional à pessoa humana desfigurada pela ignorância, pela pobreza e miséria. Teresa, tal como Domingos, soube olhar e soube amar. Ao olhar, viu, sobretudo, a parte da humanidade desde sempre ignorada, desprezada, marginalizada, que é a mulher. E, nesta preocupação por educar, ensinar, alfabetizar, promover a mulher, foi pioneira, adiantou-se ao seu tempo.

Com audácia e criatividade, respondeu a essa carência da sociedade, abrindo a mulher às luzes do saber. Primeiro, através da Associação Protectora de Meninas Pobres e, mais tarde, através da fundação da Congregação com o objectivo de educar, desenvolver, promover, socorrer.

³²⁰ SANTA CATARINA DE SENA, *O Diálogo...*, ibid., 369.

³²¹ Cit. in: M.R. THIAUCOURT, *M.T.S...*, ibid., 55.

Hoje, as seguidoras do projecto fundacional de Teresa de Saldanha, para manterem vivo e actual o seu carisma, têm de olhar o mundo e os seus desafios respondendo-lhes com a mesma audácia evangélica, visto que: “a vocação de pregadores do evangelho é tão urgente e necessária hoje, como sempre. Podemos responder a estes desafios se formos gente de coragem, que ousa abandonar velhos compromissos para, livremente, assumir novas iniciativas que ousa experimentar e arriscar o fracasso. Nunca poderemos responder, a menos que possamos oferecer uns aos outros confiança e coragem,”³²² afirma Fr. Timothy Radcliffe, actual Mestre Geral da Ordem. Estas palavras do sucessor de S. Domingos também são dirigidas à Congregação. A sua vocação e missão é hoje, tão urgente e necessária, como no século passado. Mas, naturalmente, em novos espaços, em novas modalidades.

Como adverte Fr. Timothy Radcliffe, a Congregação, se quer manter a sua actualidade, precisa da coragem, da parresía que manifestou a sua Fundadora, para abandonar velhos compromissos, muitos deles nem necessários, nem urgentes, e assumir novos campos de missão, mais urgentes e evangélicos. Isso depende da capacidade de abertura ao Espírito que continua a soprar, a falar, a interpelar.

A palavra mais recente do Espírito, às Congregações, foi dirigida pelo Sínodo sobre a Vida Consagrada, de 1994. Da leitura das várias intervenções, concluímos que os vocábulos mais pronunciadas durante a Assembleia Sinodal, foram: desafio e audácia.³²³ Um apelo e um convite à Vida Consagrada a que perscrute os desafios do mundo actual e lhes responda com a audácia evangélica, dom do Espírito Santo.

³²² T. RADCLIFFE, *Votados à Missão, uma carta à Ordem*, Monjas Dominicanas, Mosteiro de S^a Maria, Lisboa 1994, 2

³²³ Cf. O.R. Ano XXV, 22 Outubro 1994, 5 -16.

3. DESAFIOS À CONGREGAÇÃO, HOJE

" O primeiro grande desafio que se apresenta à vida consagrada, refere-se à espiritualidade precisamente porque é o coração da vida consagrada."

Sinodo dos Bispos sobre a Vida Consagrada ³²⁴

Cabe, hoje, à Congregação, “repensar em profundidade a forma de configuração institucional que corresponde às actuais circunstâncias da Igreja e do mundo”, afirma Martin Velasco dirigindo-se às Congregações em geral. O mesmo teólogo opina que a resposta à crise não será superada pelo “retorno às formas estereotipadas da organização da vida,” porque surgiram em condições sócio-culturais muito distintas e muitas delas contêm ‘escasso valor evangélico.’ O importante é que a Congregação, hoje, com audácia confiante, *parressía*, criatividade, fidelidade ao Espírito e paciência, descubra novas formas da vivência da consagração e missão. É certo que, aquilo que os Fundadores e, neste caso, Teresa de Saldanha, conseguiram, remando contra a corrente, no seu tempo, continua a ser possível hoje.³²⁵

³²⁴ O.R., Ano XXV, 8 de Outubro de 1994, 9.

³²⁵ Cf. J. MARTIN VELASCO, *Lo sagrado y lo profano en la experiencia del hombre de hoy*, in: V. R., 1 Septiembre 1994, 335.

3.1. IDENTIDADE

“ Toda a Ordem se identifica a si mesma
através da sua própria história.”

*J.B. Metz*³²⁶

Passados mais de cem anos do nascimento desta família religiosa, torna-se imprescindível redefinir a sua identidade. Muito tempo passou, muitas gerações apostaram aqui a sua vida, muitos ventos sopraram. A erosão apagou alguns dos seus traços originais. Há muita gente que se pergunta pela identidade desta família, já diversa étnica e culturalmente, mas que quer ser unida no seu carisma e missão, na fidelidade ao seguimento de Jesus, que continua a exortar: Que todos sejam um... para que o mundo creia. (Jo 17,21)

A unidade e identidade criar-se-ão na redescoberta do carisma e da sua vivência original, não só na pessoa da Fundadora, mas também das pessoas símbolos na história da Congregação. O voltar às fontes e à descoberta do autêntico património da Congregação criará uma unidade dinâmica, que conduzirá a uma profunda espiritualidade e a iniciativas apostólicas mais arriscadas. O testemunho de quem já viveu e se entregou oblativamente na Congregação é a prova de que é possível o seguimento e a santificação neste Instituto.³²⁷

Para ser fiel ao carisma original, é imprescindível a memória do passado, o conhecimento da história da salvação operada por Deus através de todas as que, anteriormente, viveram, de modo excepcional, a sua vocação de consagradas, a sua radical doação, de tal modo que se tornaram um paradigma. A este respeito citamos, mais uma vez, J.B. Metz “É indubitável que toda a Ordem se identifica a si mesma através da

³²⁶ J. B. METZ, *Las Ordenes...*, *ibid.*, 27.

³²⁷ Cf. J. CRISTO REY PAREDES, *Um novo amanhecer simbólico*, in: *V. R.*, Nov. 1993, 450.

narração da sua própria história. É também indubitável, que a história da fundação alcança uma especial categoria normativa. Mas a história concreta da fundação das Ordens é, e continua a ser, em si mesma, uma história aberta.”³²⁸ Na fidelidade à sua Fundadora, e aos apelos de Deus, a Congregação continua a escrever novos capítulos da sua história, nos três continentes onde se encontra. A expansão dos seus membros impõem-lhe o compromisso evangélico da unidade e a redescoberta da verdadeira identidade.

3.1.1. Identidade e novos contextos culturais

Os diferentes contextos sócio-culturais, em que se encontra, exigem uma grande abertura ao pluralismo cultural, que não é, de modo nenhum, incompatível com a identidade e a unidade da Congregação. É, pelo contrário, uma riqueza e uma oportunidade de renovação e actualização do próprio carisma.

A variedade cultural abriu a Congregação a novas etnias e matizes, a novas tradições e valores, ensinando o valor da diferença, da tolerância, do diálogo e o mútuo enriquecimento. Exige de cada membro uma conversão, porque em Cristo “já não há judeu, nem grego, circunciso ou incircunciso, nem homem, nem mulher, todos são um.” (Gal 3,28) Esta exige uma autêntica fraternidade e pressupõe o diálogo, a partilha. Escutar, dialogar: duas palavras-chave para a convivência intercultural.

Requisito deste pluralismo cultural é o aprofundamento das ciências humanas, como a história, a etnologia, a antropologia cultural, a sociologia para auxiliarem na compreensão da diversidade do ser e do fazer. A graça supõe a natureza. Sem um prévio conhecimento da cultura dos membros do mesmo corpo, torna-se difícil a vida, a compreensão, a partilha.

³²⁸ J. B. METZ, *Las Ordenes...*, *ibid.*, 27.

A este respeito exorta o ex-Mestre Geral da Ordem Dominicana, Fr. Damian Byrne: “A escuta séria das alegrias, penas, esperanças e preocupações da família humana, exige estudo sério e análise social. Requer a aprendizagem de novas linguagens, bem como sensibilidade às diferenças culturais, se se pretende que o Evangelho tome forma em culturas novas. Mais do que tudo, requer ainda tempo e presença entre aqueles a quem e com quem pregamos, porque verdadeiramente é da sua experiência, que ouviremos o evangelho de novas maneiras.”³²⁹

3.1.2. *Identidade e inculturação*

" Uma formação inculturada
não pode mitigar nem diminuir
o radicalismo próprio da vida consagrada."

D. Pedro Luís Scarpa ³³⁰

A inculturação é o grande desafio que a Igreja lança, hoje. A este respeito adverte Kenneth Cragg: “o nosso primeiro cuidado quando nos aproximamos de outro povo, de outra cultura, de outra religião, é deixarmos as sandálias porque o sítio que pisamos é santo. Poderíamos encontrar-nos pisando o ideal de um povo. Mais grave ainda, poderíamos esquecer que Deus esteve ali, antes de nós chegarmos.”³³¹ Este é também um dos grandes e importantes reptos lançados a uma Congregação que se encontra em diferentes e distintas culturas. Deixar as sandálias a grande urgência que é

³²⁹ D. BYRNE, *O Ministério da Pregação*, Documentos do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, nº 3, Setembro 1990.

³³⁰ P. L. SCARPA, in: *O.R.*, Ano XXV, 22 de Outubro de 1994, 7.

³³¹ Cit in: *Missão e Inculturação*, I.D.I., Octub. 1988, 5.

imposta, para não deturpar as outras culturas! Exige-se uma aproximação com reverência, com atenta auscultação.

O Sínodo sobre a Vida Consagrada comprova que: “ Não se trata de uma adaptação, quase folclórica, de usos, costumes e valores de outros povos, de outras formas de viver, mas sim de empapar de evangelho a realidade cultural na qual vivem os homens, transformando mentalidades e comportamentos.”³³²

Não é, portanto, algo superficial e acomodatório, mas supõe assumir a profundidade do amor universal de Deus, pela humanidade inteira. Tão pouco, pode limitar-se a um aspecto determinado. Tem de chegar à própria vida, aos fundamentos da consagração, ao sentido da missão. É um processo de verdadeira encarnação.

A boa vontade, atestava o Arcebispo de Kisuma, Kénia, não é suficiente. Deve-se buscar uma expressão adequada dos próprios carismas, no contexto africano. Faz falta uma identificação com Cristo, Verbo Incarnado na natureza humana: o conhecimento da história, língua, tradições e costumes de cada povo, acolhendo com respeito os valores autóctones.³³³

Dom Pedro Luís Scarpa, Bispo de Ndalatando, Angola, insiste na necessidade de dar prioridade à formação integral. Mas, para tal, tem de ser exigente e inculturada. Refere-se à provocação evangélica dos religiosos no processo evangelizador dos povos e no contributo original aos desafios da inculturação. Uma formação inculturada, deve educar os consagrados a viverem o radicalismo evangélico e não pode mitigar ou abrandar o radicalismo próprio da vida consagrada. Ao contrário, em qualquer ambiente cultural, a consagração, para se manter fiel a si mesma, deve mostrar com evidência um seguimento radical de Cristo, a escolha de um caminho mais estreito, deve mostrar transparência na sua nota de exemplaridade, devida ao seu carácter de interpelação.³³⁴ A inculturação é a proposta aos Institutos Religiosos: “Qualquer forma de vida consagrada, enquanto que é evangelizadora, deve

³³² C. AMIGO VALLEJO, *El Sínodo...*, *ibid.*, 162.

³³³ Cf. *Ibid.*, 162.

³³⁴ Cf. *O.R.*, Ano XXV, 22 de Outubro de 1994, 7.

submeter-se a um processo de inculturação e fazer seu o compromisso real em favor da evangelização das culturas.”³³⁵

A identidade da Congregação passa, necessariamente, pelo respeito e abertura às outras culturas, procurando incarnar tão intensamente, quanto possível, o carisma fundacional, mantendo a unidade, na diversidade das formas.

3.1.3. Identidade no pluralismo

Uma Congregação religiosa é, tem de ser, um espaço de realização humana, onde todos e cada um dos seus membros, se sintam alegres e felizes. Uma das maneiras de alcançar esse objectivo é a “capacidade do instituto e da comunidade para abrir-se à legítima diversidade cultural dos seus membros e de cada um destes para entender e aceitar a diversidade da linguagem cultural em que pode expressar-se a identidade cristã, religiosa e congregacional.”³³⁶

A consagração religiosa não mata o que há de mais humano nos seus membros. Deve, antes, potenciá-lo fazendo que cada um se sinta respeitado e amado na sua originalidade, vivendo com a liberdade dos filhos de Deus, a sua vocação e missão.

A Ordem Dominicana é um jardim agradabilíssimo³³⁷ onde cada flor de diferente colorido, tamanho e feitio, perfuma a comunidade com distintas fragrâncias.

³³⁵ Ibid. 163.

³³⁶ Ibid., 163.

³³⁷ SANTA CATARINA DE SENA, O *Diálogo...*, ibid., 369.

A opção pelo pluralismo pessoal e comunitário é fundamental para a unidade e integração da Congregação. Unidade, que não é uniformidade, mas a harmonia das diferenças. Por isso, a unidade e identidade exigem a abertura e o reconhecimento das diversas formas de ser e de exercer a missão.

Trabalhar num internato com crianças pobres ou num bairro da periferia, numa missão no interior do mato, ou numa grande cidade cosmopolita é, sem dúvida, muito diferente. A identidade restringe-se a um único modelo de acção e inserção ?

Hoje, mais do que nunca, o pluralismo é indispensável. A comunidade dominicana não nasce da homogeneidade das pessoas: “o verdadeiro ponto de partida é a aceitação pessoal e mútua entre pessoas de diversa índole e carácter, que se abraçam como membros de um mesmo corpo no qual a diversidade significa complementaridade e enriquecimento.”³³⁸ Da convicção de que cada irmã, cada comunidade, cada província é diferente, tem a sua graça particular, brotará um novo olhar, cheio de ternura, cheio de amor e de esperança, que levará a viver a riqueza, que é a diversidade de dons, na unidade de um único carisma. Visto que “ há certamente diversidade de dons espirituais, diversidade de ministérios, diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum.” (2 Cor 12,4-7)

³³⁸ AA.V., *Los Derechos Humanos en la Iglesia*, San Esteban, Salamanca 1986, 71.

3.2. ELEMENTOS DA IDENTIDADE

“ O que mais vale na vida:
Jesus Cristo, o Evangelho, a Igreja,
a verdade e a bondade...”
João XXIII ³³⁹

Se toda a Congregação se identifica a si mesma através da sua história e das suas Constituições, há, contudo, elementos que moldam a sua identidade, para os novos tempos.

3.2.1. *Aggiornamento*

Esta palavra surgida no Vaticano II mantém hoje a sua actualidade, visto que reflecte o desejo de renovação o qual não se operou, de uma vez por todas, nas constituições pos-conciliares, mas é uma exigência contínua de fidelidade, porque a fidelidade é criativa.

Para se manter fiel, unida, idêntica, a Congregação surgida do sonho de Teresa de Saldanha precisa de “capacidade de escuta e de aprendizagem face às novas exigências e experiências, como também capacidade de revisão e de integração, sobretudo quando e onde as comunidades religiosas se converteram, com o passar do tempo, em instituições supra-complexas e acentuam facilmente, como critério de identidade, o peso específico e as leis por que se regem as suas formas de organização” certifica J.B. Metz.³⁴⁰

A revisão levará, com certeza, a novos percursos, numa abertura ao mundo, à Igreja Universal, não tentando permanecer fechada nas próprias obras, porque, como

³³⁹ JOÃO XXIII, *Diário Intimo*, Moraes, Lisboa 1994, 392.

³⁴⁰ J. B. METZ, *Las Ordenes...*, *ibid.*, 30.

assegura o teólogo alemão: “ a resposta não é a fidelidade literal às formulações primitivas de uma forma de vida. Esta fidelidade deve ter sempre em conta as mudanças das situações e as exigências, não deve perder de vista os *sinais dos tempos*.³⁴¹

À mesma urgência se refere o Documento de Medellin: “As mudanças provocadas no mundo exigem uma revisão séria e metódica da vida religiosa e da estrutura da comunidade. Esta é uma condição indispensável para que os religiosos sejam um sinal inteligível e eficaz dentro do mundo actual.”³⁴²

A Congregação nasceu num determinado contexto sócio político e religioso, para responder a urgências e desafios. Hoje, para ser fiel, mantendo a própria identidade, terá de se abrir a novos percursos como uma família de fronteiras abertas, sob a exigência de um seguimento radical de Jesus Cristo.

Se entende a sua história, como *biografia colectiva*, como uma crónica de família de uma comunidade de seguimento, terá de escrever novos capítulos na abertura ao mundo que a rodeia, escutando os seus apelos ³⁴³ para, como refere o Documento de Medellin, irradiar a caridade, que tem como efeito a flexibilidade de espírito para adaptar-se a toda a classe de circunstâncias. Todo o religioso, toda a família religiosa tem de ter a perfeita disponibilidade para seguir o ritmo da Igreja e do mundo actual: “Deve adaptar-se às condições culturais, sociais e económicas, ainda que isto suponha a reforma de costumes e constituições, ou a supressão de obras que hoje perderam a sua eficácia.” ³⁴⁴

A Congregação, no seu conjunto, levou a cabo a tarefa da renovação radical, e daqui para o futuro basta observar fielmente o estabelecido? Levou às últimas consequências as inspirações, os avisos do Espírito Santo ?

³⁴¹ J. B. METZ, *Las Ordenes...*, ibid., 29.

³⁴² *La Iglesia en la actual transformación de America Latina a la luz del Concilio*, Segunda Conferencia General del Episcopado Latinoamericano, Medellin 1968, 183.

³⁴³ Cf. J.B. METZ, *Las Ordenes...*, ibid., 30.

³⁴⁴ Cf. *La Iglesia en la actual transformación...*, ibid., 183.

O teólogo dominicano, P. Tillard afiança que: “ para sobreviver e, por conseguinte, dar forma sempre actual à sua opção evangélica, as comunidades religiosas deverão modificar ainda as suas maneiras de actuar, indo mais além dos já realizados progressos. É necessário mudar a sua prospectiva. Sem isso, as comunidades religiosas acabarão por desaparecer. Por outro lado, não deixa de ser idealismo, esperar um súbito crescimento vocacional. A pirâmide de idades, o envelhecimento do pessoal, sem dúvida, obrigará progressivamente as congregações a não serem mais que modestos grupos, que não poderão aspirar a ter nas obras da Igreja, a influência que tiveram no passado.”³⁴⁵

Esta mensagem do teólogo dominicano não poderão fazer surgir na Congregação, uma séria busca de carácter prospectivo ? Não a poderá levar a um novo estilo, peculiar, evangélico e actual de vida religiosa ?

A este respeito citamos, mais uma vez, Martín Velasco: “ Quando a crise sacudiu os alicerces de edifícios, que hoje se nos mostram menos gloriosos do que as aparências nos faziam crer, começamos a perceber que não é hora de proceder a limpeza de fachada ou a superficiais restaurações. A atenção aos sinais dos tempos, quer dizer aos chamamentos que Deus nos dirige através dos acontecimentos do nosso mundo, nos dirá se valerá a pena gastar energias na construção de grandes edifícios institucionais, ou se somos convidados a viver o cristianismo em regime de diáspora, à intempérie, semeados neste mundo, que estamos chamados a orientar para o Reino de Deus.”³⁴⁶

O que este teólogo escreve do Cristianismo em geral, não se aplicará com muito mais pertinência à vida religiosa ? A Congregação que Teresa de Saldanha quis dominicana está chamada a viver o aforismo de Domingos de Gusmão: *O trigo amontoado apodrece, mas se for espalhado frutifica.*³⁴⁷

³⁴⁵ J.M.R. TILLARD, *Religiosos un camino de evangelio*, Claretianas, Madrid 1977, 57.

³⁴⁶ J. MARTIN VELASCO, *Lo Sagrado y lo profano en la experiencia del hombre de hoy*, in: V.R., Madrid, 1 Septiembre 1994, 335.

³⁴⁷ Cit in: GALMES Y GOMES, *Santo Domingo de Gusman - Fuentes para su conocimiento*, BAC, Madrid 1987, 38.

Schillebeeckx na entrevista que saiu a público, com o nome *Sou um Teólogo feliz* responde acerca da crise e da abertura aos novos tempos: “ Esta crise anuncia tempos novos. Não tanto a necessidade de novas Ordens, Congregações, Institutos, mas sobretudo, uma nova orientação destes, que comporta, obviamente, uma mudança das próprias estruturas. Trata-se de uma crise de *aggiornamento* da vida religiosa.”³⁴⁸ Efectivamente, o desafio que é lançado, hoje, continua a ser o mesmo que João XXIII lançou a toda a Igreja, há mais de três décadas: *aggiornamento*, como exigência de fidelidade a Cristo e ao Evangelho, à Igreja e à sua missão no mundo, à vida consagrada e ao próprio carisma, à pessoa humana e ao nosso tempo.³⁴⁹

Na medida em que a congregação viver esta fidelidade, realiza hoje, o que Teresa de Saldanha realizou no seu tempo, actualiza o seu carisma, numa fidelidade dinâmica como exortou o Sínodo sobre a Vida Consagrada: “ Os religiosos têm que viver e actuar em conformidade ao seu carisma específico. Mas não se trata de repetir os comportamentos do tempo do fundador, mas exige-se uma *fidelidade dinâmica*, atenta às inspirações do Espírito, que fala através das distintas necessidades e situações históricas.”³⁵⁰

3.2.2. Opção pelos pobres

“ A causa do século: completar a libertação dos escravos sem nome e que são hoje dois terços da Humanidade... O que há de apaixonante é que desta vez, o esforço tem de ser de todos por todos e para todos.”

D. Hélder da Câmara³⁵¹

³⁴⁸ E. SCHILLEBEECKX, *Soy un Teólogo feliz*, Dehoniano, Bologna 1993, 120.

³⁴⁹ Cf. *Religiosos y Promoción Humana*, II,13 in: V.R., *Documentos conciliares y posconciliares*, Claretianas, Madrid 1987, 236.

³⁵⁰ C. AMIGO VALLEJO, *El Sínodo...*, *ibid.*, 58.

³⁵¹ H. CÂMARA, *O Deserto é Fértil*, Centro do Livro Brasileiro, R. de Janeiro 1976, 47.

Em 1987, a Congregação celebrava os cento e cinquenta anos do nascimento de Teresa de Saldanha e proclamava “aproveitar a efeméride para renovar o seu empenhamento e acção preferencial em relação aos pobres.”³⁵² Esta é, efectivamente, uma excelente forma de testemunhar a sua fidelidade ao projecto inicial da sua Fundadora.

Hoje, mais do que no seu tempo, o clamor dos pobres, as imagens da miséria de grande parte da humanidade entram, diariamente, em todas as casas. A única forma de responder ao grito desses irmãos é uma conversão ao evangelho, um regresso à pobreza, pois esta continua a ser um sinal dos tempos para a vida religiosa neste momento. Esse foi um sinal dos tempos, sobretudo nos momentos de crise, em todas as noites escuras. As renovações sérias da Igreja e da vida religiosa começaram com o retorno à pobreza evangélica ou apostólica, confirma o teólogo dominicano Felicísimo Martínez.³⁵³

Este desafio evangélico chega até nós, pelo conhecimento de um mundo onde se acentuam, cada vez mais, flagrantes injustiças: uma minoria possui e consome a maior parte dos recursos da natureza e a maior parte da humanidade subsiste, dificilmente, com uma minoria de bens.

A Igreja que, com João XXIII e no Concílio Vaticano II, se auto proclamou a *Igreja dos pobres*: “Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se tal qual é e deve ser a Igreja de todos, particularmente, a Igreja dos pobres”³⁵⁴ tem alertado a sociedade, os cristãos e sobretudo a vida religiosa, para a dramática situação da humanidade.

São muitos os documentos em que os religiosos são chamados a “escutar o grito dos pobres desde o fundo da sua indigência pessoal e da sua miséria colectiva. Num mundo em pleno desenvolvimento, esta permanência de massas e de indivíduos

³⁵² A.M. VIEIRA, *Entrevista ao Diário de Notícias*, 3 de Setembro 1987, 4.

³⁵³ Cf. F. MARTINEZ DIEZ, *Refundar la Vida religiosa - Vida carismática y misión profética*, S.Pablo, Madrid 1994, 135.

³⁵⁴ JOÃO XXIII, *Radiomensagem de 11 de Setembro de 1962* cit. in: RENARD, Cardeal, *O Concílio e as Religiosas*, Paulinas., 1968, 35.

miseráveis é um chamamento insistente a uma conversão de mentalidade e dos comportamentos, em particular para vós, que seguís mais de perto Cristo.”³⁵⁵

Estas palavras de Paulo VI continuam a ser um apelo, que não pode ter como resposta uma estéril compaixão, mas tem de levar a uma exigente transformação dos corações, mentalidades e prioridades. O mesmo papa exorta a Vida Consagrada a despertar as consciências frente ao drama da miséria e às exigências da justiça social e convida alguns Institutos a “mudar, pondo algumas obras próprias ao serviço dos pobres.”³⁵⁶ Não poderá a Congregação escutar este apelo, com mais radicalidade? Não seria um sinal de *conversão* interpelador no nosso mundo, deixar, vender alguns dos seus imóveis, para partilhar com os mais pobres?

Acrescentamos ainda duas questões pertinentes, formuladas pelo P. Tillard e que consideramos importantes para o momento que vive a congregação: “Vamos esgotar as religiosas que são cada vez menos numerosas e com menos força, para manter as ‘nossas obras’, quando a própria sociedade pode prover, no essencial, às suas necessidades?”

São estas ‘obras’ ainda o melhor meio de que podemos dispor, para servir ao Evangelho, como o foram na época da fundação e durante vários séculos? ³⁵⁷

O importante, o urgente, hoje, é investir onde ninguém investe, em chave evangélica, evidentemente. Os religiosos são chamados a *missões de risco* e de *fronteira*, como repetidas vezes têm dito os Mestres Gerais da Ordem.³⁵⁸ Comprometer-se e arriscar-se enquanto ainda há irmãs jovens entusiasmadas por entregar a sua vida a grandes causas.

Deus é o fundamento da opção pelos pobres. Deus ama apaixonadamente ao pobre como mediação privilegiada para experimentá-lo a Ele mesmo. Os famintos e

³⁵⁵ PAULO VI, E. T., nº 17.

Além deste documento, a Igreja fala-nos desta opção no Vaticano II, (G.S.4;); *Mutuae Relationes*, I,23; II,V, nº 27; *Religiosos e Promoção Humana*; *Medellin*; *Puebla* entre outros.

³⁵⁶ PAULO VI, E.T., nº 18.

³⁵⁷ J.M.R. TILLARD, *Religiosos...*, *ibid.*, 155.

³⁵⁸ Cf. *Documentos do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, 1990-1994*.

sedentos, os presos, os forasteiros, os nus, os doentes revelam-nos a privilegiada presença de Deus. Tomar em consideração estas presenças é experimentar a Deus.³⁵⁹

Há zonas geográficas da Congregação que permitem adivinhar a impossibilidade de manter a maioria das grandes obras. Por isso, esta não se pode contentar em aguardar, de braços cruzados e esperança no coração, que cheguem os acontecimentos. O simples facto do decréscimo vocacional e o envelhecimento das pessoas é um factor de peso. Sem uma perspectiva séria correr-se-á, hoje, o grande risco de se deixar devorar pela lei irreversível da evolução sociológica. " A vida religiosa é infinitamente mais eloquente que as 'obras' religiosas. Por isso, não se deve deixar encerrar no seu círculo, quando estas ameaçam com asfixia, adverte o P. Tillard.

"³⁶⁰

O voto de pobreza não se limita a um prestar contas. Exige tomar a sério as palavras do Senhor: "*Vende o que tens e dá-o aos pobres*" (Lc 18,22) Dar aos pobres, hoje, não apenas em esmolas individuais, mas investindo em grandes projectos de desenvolvimento, de luta contra a miséria e injustiça imposta em países onde se vivem verdadeiras situações de penúria.

Agindo assim, a Congregação realizará os *sinais* do Reino: curar os doentes, dar de comer aos famintos, ensinar e educar os sem acesso, libertar os oprimidos (cf. Lc 4,18). Viverá a pobreza fazendo, com arrojadas iniciativas, uma clara e concreta opção pelos pobres, porque, a intenção última do voto de pobreza não é simplesmente renunciar a tudo ou *vender tudo*, mas partilhá-lo com os pobres. Viver a pobreza é ser solidário com os pobres que o não são por opção, mas por imposição.

O Sínodo sobre a Vida Consagrada insiste na importância desta opção que, segundo D. António Francisco Marques deve ser feita a partir da formação: " Neste mundo de contradições sociais, marcado pelo factor económico, a formação dos consagrados deve sensibilizá-los para as graves situações de injustiça e para uma

³⁵⁹ Cf. J.L. LIBÂNIO, *Vida Religiosa y compromiso con la liberación de los pobres* - Cuadernos pedagógicos de Vida Consagrada, Claretianas, Madrid 1995, 32.

³⁶⁰ Cf. J.M.R. TILLARD, *Religiosos...*, *ibid.*, 162.

decidida opção pelos pobres.”³⁶¹ Numa outra intervenção afirma-se: “A opção evangélica pelos pobres está inspirada no exemplo e palavras de Cristo. É como o grande desafio ante o grito dos pobres e as causas da pobreza. Opção evangélica que supõe uma teologia e uma espiritualidade. É a consequência de termos escolhido a Cristo como único e definitivo caminho.”³⁶² Sór Juana Elizondo dava este testemunho na aula sinodal: “Não seria evangélico servir os pobres à distância. Podemos criar distâncias com as nossas atitudes, as nossas estruturas, os nossos modos de vida. É importante que nos despojemos para viver e para servir.”³⁶³

Este foi um dos temas mais acentuados e com maiores interpelações: “A opção evangélica pelos pobres, inspirada no exemplo e nas palavras de Cristo, colocasse, como um desafio, ante o clamor dos pobres e as causas da pobreza, como são as injustiças, a corrupção e o mal. Esta opção que interpela a vida consagrada, não deve descuidar a solução dos problemas geradores da pobreza.”³⁶⁴ Eis os apelos que nos são feitos: viver a pobreza, optar pelos pobres, procurar solucionar as causas da pobreza.

Todo um programa exigente, comprometedor para a vida religiosa, que é, em si mesma, uma opção radical por Cristo pobre. A opção pelos pobres, longe de nos empobrecer, é uma fonte de riqueza. Os pobres evangelizam-nos porque incarnam o evangelho da esperança, da gratuidade. Eles ensinam-nos que o caminho da felicidade não se encontra no muito ter, mas está na simplicidade de vida, na hospitalidade, na partilha. O mesmo testemunha o Documento de Puebla: “O compromisso com os pobres e os oprimidos têm ajudado a Igreja a descobrir o potencial evangelizador dos pobres, enquanto que a interpelam constantemente, chamando-a à conversão e, enquanto muitos deles realizam na sua vida os valores evangélicos da solidariedade, serviço, simplicidade e disponibilidade para acolher o dom de Deus.”³⁶⁵

³⁶¹ A.F. MARQUES, cit. in: *V. R.*, 1 Noviembre 1994, 488.

³⁶² C.AMIGO VALLEJO, *El Sínodo...*, *ibid.*, 132.

³⁶³ Cit. *Ibid.*

³⁶⁴ *Ibid.* 51.

³⁶⁵ *Evangelização no presente e no futuro da América Latina...* *ibid.*, nº 1147.

O protagonista do livro *A Cidade da Alegria* comprova o mesmo: “Somente um pobre pode conhecer a riqueza que é a pobreza. E, se Cristo escolheu nascer entre os pobres, foi porque quis que fossem os pobres a ensinar ao mundo a boa notícia da sua mensagem, a boa notícia do seu amor pelos homens.”³⁶⁶

De Maria que, no seu canto do Magnificat, proclama a libertação dos oprimidos, parte também o compromisso autêntico com os pobres e a necessidade de transformação da sociedade.

3.2.3. A educação

“A fome de instrução não é menos deprimente
que a fome de alimentos: um analfabeto
é um espírito subalimentado”
Paulo VI³⁶⁷

A Congregação, desde o início, procurou suprir uma lacuna da sociedade, sobretudo no campo educacional. A criança, a jovem, a mulher foram o objecto preferencial das suas atenções. Deste modo, Teresa e as suas colaboradoras, pensavam dotá-las de capacidades para enfrentar a vida, em condições melhores e, paulatinamente, influenciar toda a sociedade.

As actuais Constituições da Congregação seguem esse projecto inicial ao afirmarem, na Constituição Fundamental, que o seu fim específico é a educação, ao dedicarem cinco números aos "Princípios Gerais da Educação" e ao reconhecerem diversos tipos de obras educacionais.³⁶⁸ A Congregação está, portanto, vocacionada para a educação.

³⁶⁶ D. LAPIERRE, *A cidade da alegria*, Record, Rio de Janeiro 1987, 325.

³⁶⁷ P.P., nº 35.

³⁶⁸ Cf. *Constituições, Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena*, 27, 80-81, 91-96.

Hoje, como século passado, há vastas zonas da humanidade subjugadas ao peso da ignorância, do analfabetismo. A maior fatia desse estrato humano é constituída por mulheres. Estas continuam a ser, em muitos lugares do globo, excluídas da alfabetização, marginalizadas e manipuladas, pelo simples facto de serem mulheres.

Na mensagem do dia 1 de Janeiro de 1995, o Papa João Paulo II lembrava que a mulher é a principal educadora para a paz, dirigindo-lhe especialmente a sua mensagem, e: “pedindo-lhes que sejam educadoras para a paz com todo o seu ser e em todas as suas actuações. Este chamamento dirigido particularmente à mulher para que seja educadora de paz, baseia-se na consideração de que Deus lhe confia de modo especial o homem, quer dizer, o ser humano.”³⁶⁹

O repto está lançado: para fazer hoje o que fez Teresa de Saldanha, no seu tempo, as mulheres dos países subdesenvolvidos serão as primeiras a beneficiar da acção educativa da Congregação. Na mesma mensagem o Papa refere que a educação é o melhor investimento porque decide o futuro da pessoa e, conseqüentemente, da família e da sociedade inteira.³⁷⁰

O conhecimento dessas multidões sem acesso aos bens da cultura, não será um desafio lançado hoje, à Congregação ?

A fidelidade ao seu projecto carismático, não passará por essa urgência do nosso tempo ?

As energias investidas em pessoas e bens não perpetuará um ensino, que beneficia, sobretudo, as classes abastadas da sociedade?

Muitos dos alunos das suas escolas não procurarão apenas melhor formação académica, para poderem competir no mercado profissional ?

A formação e instrução das imensas massas humanas, analfabetas, de países da África, da América Latina ou da Ásia, não seria um investimento preferível ?

³⁶⁹ JOÃO PAULO II, *Mulher, educadora de paz*, Mensagem para o XXVIII dia mundial da paz, 1 de Janeiro de 1995, Folha da Paróquia de S. Domingos de Benfica, Lisboa 1995, 2.

³⁷⁰ Ibid., 1.

Questões lançadas a partir da *praxis* de Teresa de Saldanha de instruir os filhos do povo, vista nas novas circunstâncias sociais, onde a Congregação está implantada.

A que urgências responderia, hoje, Teresa de Saldanha ?

Talvez empreendesse uma rede de escolas nesses Continentes onde há multidões de mulheres ávidas de aprender, de sair da escuridão.

Talvez se ocupasse dos emigrantes, dos deslocados, dos refugiados, dos desempregados, das crianças da rua, dos marginalizados das grandes cidades. E inovava, com a mesma audácia com que no seu tempo inovou, ao criar essas escolas para os mais pobres.

A mensagem de João Paulo II para a Quaresma de 1995 centra-se no problema do analfabetismo. O Papa afirma que: “Esta terrível praga contribui para manter imensas multidões em condições de subdesenvolvimento, com tudo o que isso comporta de escandalosa miséria.” Visto que, continua a mensagem: “onde existe o analfabetismo reinam mais que em outras partes do mundo a fome, as doenças, a mortalidade infantil e também a humilhação, a exploração e os sofrimentos de todo o tipo.”³⁷¹

Para ser fiel à intuição carismática de Teresa de Saldanha, a Congregação há-de ter a coragem, que teve a sua Fundadora: há-de ser capaz de tomar atitudes decisivas em relação às obras, pouco frutíferas hoje, para melhor irradiar pequenos focos de luz, capazes de incendiar, pouco a pouco, por meio da educação e alfabetização, essas sociedades ainda nas trevas.

A Congregação já responde, nalgumas regiões, a este desafio. Contudo, não poderia dilatar mais a sua acção, investindo, com entusiasmo e generosidade, o melhor que tem em pessoas e meios para promover uma acção educativa, tão ao gosto da sua Fundadora ?

³⁷¹ JOÃO PAULO II, *Mensaje para la Cuaresma de 1995* in: Manos Unidas, Boletín nº 118, Enero / Marzo 1995, 7.

3.2.4. Comunidades de inserção

Já tivemos ocasião de demonstrar que Teresa de Saldanha considerava uma graça a inserção nos bairros populosos ou nas pequenas aldeias, onde tanto bem se pode fazer,“ porque o contacto com os pobres é um dos melhores meios de fazer o bem.”³⁷²

O Papa João Paulo II convida os Institutos Religiosos a fazerem hoje, o que fizeram os fundadores no seu tempo: “A criatividade das suas iniciativas pastorais, o seu amor pelos pobres, a mesma generosidade.”³⁷³ A Congregação ao querer escutar a voz da Igreja, ao assegurar a continuidade com as suas origens, aposta neste estilo de comunidades. Actuando assim, está a viver hoje, na história do nosso tempo, o carisma fundacional.

Os documentos da Igreja, desde Medellín em 1968, até hoje, falam-nos desta prioridade: “ Recordamos aos religiosos a necessidade de atender, educar, evangelizar e promover sobretudo, as classes marginalizadas. Com um espírito eminentemente missionário, preocupem-se pelos numerosos grupos indígenas do Continente, ainda que para isto seja necessário abandonar, às vezes, certas obras para atender outras que se consideram mais urgentes e necessárias.”³⁷⁴ Este documento, saído do Episcopado da América Latina, assumido pela Igreja universal, é concretizável nos vários lugares onde a Congregação se encontra.

Puebla, alguns anos mais tarde, continua a alertar para a mesma necessidade. No documento “Religiosos e Promoção Humana”, a Igreja convida, novamente, os religiosos a abrirem-se aos sinais dos tempos, buscando e promovendo uma nova modalidade de presença, que responda à criatividade dos seus Fundadores. Exorta a uma “renovada capacidade de inserção, pois os contextos sociais actuais exigem novas

³⁷² M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 119.

³⁷³ JOÃO PAULO II, *Carta aos Religiosos...* in: *Confer*, nº 113 Enero / Marzo 1991, 60.

³⁷⁴ *La Iglesia en la actual transformación...*, *ibid.*, 12, II, 11.

formas de solidariedade e de participação e inserção no mundo do trabalho.”³⁷⁵ Agindo assim, a Congregação está a voltar ao seu centro teológico, ao lugar espiritual e eclesial que lhe corresponde, ao seu lugar profético: “A vida religiosa situa-se sempre na margem, na periferia, no deserto, na fronteira. E, quando se colocou no centro do poder, do prestígio, foi, no fundo, infiel ao seu carisma original e à sua radicalidade.”

376

3.2.5. Nova evangelização e missão “ad gentes”

“A missão ‘ad gentes’ não é algo opcional.
É um imperativo que brota da configuração com Cristo.”
Mensagem final do Sínodo sobre a Vida Consagrada. ³⁷⁷

Teresa de Saldanha teve o cuidado de dizer que queria uma Congregação Dominicana. Fez essa opção com discernimento evangélico, sabendo que a missão da Ordem é a evangelização. Paulo VI recordava-o em 1970, ao declarar que a Ordem Dominicana se traiçoeira a si mesma se se afastasse do dever missionário. Não menos comprometedora é a conclusão dum grande historiador da Ordem, o P. Vicaire, ao comprovar que a Ordem foi o primeiro Instituto realmente missionário na História da Igreja. ³⁷⁸

Apesar da ideia fundacional de Teresa ter nascido em vista da miséria espiritual e material, em que se encontrava o seu povo, o seu País, nunca pôs de lado a

³⁷⁵ *Religiosos e Promoção Humana* ..., *ibid.*, I,4, 6 ss.

³⁷⁶ V. CODINA, *Opción por los pobres y vida religiosa*, in: AA.V., *La opción por los pobres*, Sal Terrae, Santander 1991,102.

³⁷⁷ C. AMIGO VALLEJO, *El Sínodo*..., *ibid.*, 226.

³⁷⁸ Cf. *O desafio da evangelização nos nossos dias*, Documentos do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, 1988, 1.

ideia de, um dia, a Congregação partir para as missões. Conhecemos escritos em que lamenta não ter irmãs para enviar para a Índia e S. Tomé e Príncipe. Ela própria manifesta o entusiasmo missionário como se lê neste extracto de carta: “ Que alegria, se eu pudesse partir já e ir trabalhar para Goa, trabalhar para a glória de Deus e a salvação das almas.”³⁷⁹

A História da Congregação está marcada por circunstâncias em que Deus vai agindo e abrindo novos percursos, encaminhando-a para a realização dos seus planos. Foi assim que, ainda em vida da Fundadora, através de dolorosos e crucificantes acontecimentos, a Revolução de 1910, o Espírito impulsionou a Congregação à missão além fronteiras.

Teresa de Saldanha, já gasta pelos anos e trabalhos, não pôde acompanhar as irmãs que partiram. Contudo, animou-as e entusiasmou-as pela palavra, e a exortação, olhando, serenamente, o “vendaval”, a crise, a dilataram o seu sonho de *fazer o bem sempre e onde seja possível*, para novos campos, novas culturas.

Muitos anos passaram sem revoluções, nem perseguições. A Congregação foi-se alicerçando em Portugal e no Brasil. Só em 1959, sentiu de novo, a urgência de partir além mar. Abre-se então à África: Angola e Moçambique.

Em 1975, as difíceis situações vividas e sofridas nestes territórios, obrigaram a maioria das missionárias a abandonar as terras do envio. Em Angola permaneceu um “pequeno resto” que, apesar das intempéries e conflitos, resistiu.

Passadas as grandes e impetuosos tempestades, outras se lhes juntaram. E, hoje, vemos com alegria e esperança, o reflorir da congregação, assumindo um rosto africano, em Angola. Em 1993, partem de Angola para Moçambique. Aí se encontram ainda à maneira de pequena semente. Alguns passos, se deram neste terreno *sagrado* da missão.

O Capítulo Geral de 1990 convida e exorta a Congregação a enviar os seus membros para novos campos de missão.³⁸⁰ Este é um grande desafio de hoje: abrir-se

³⁷⁹ T. SALDANHA, *Cartas*, in: A.C.D.C.S., cf. M.R. THIAUCOURT, *M.T.S....*, *ibid.*, 405.

³⁸⁰ Cf. *Actas do Capítulo Geral de 1990*, C.D.C.S. in: A.C.D.C.S.

ao mundo dos outros, deixar-se revolver pelo Espírito, porque é Ele que a anima e impulsiona a dar novos e arrojados passos. A fidelidade ao Espírito, a fidelidade ao carisma fundacional exercita-se na capacidade de atenção aos *sinais dos tempos*, à voz da Igreja que, insistentemente, convoca a um renovado empenho missionário, que é sempre revigorante da fé e da identidade da Igreja e da Congregação, porque é dando a fé, que ela se fortalece.³⁸¹

Ao apostar no desafio missionário, também se fortalecerá a sua fé, a sua fidelidade, unidade e identidade.

Onde se encontram, hoje, os que a Fundadora chamava "crucificados da história"? Não se encontrarão no hemisfério sul, no Terceiro Mundo ?

Hoje, a exigência não é apenas aos *sinais dos tempos*, mas também aos *sinais dos lugares*: África, América Latina, Ásia são lugares que interpelam com especial intensidade!

A palavra evangélica continua a iluminar estes apelos "Quem perde ganha" (Lc 17,33); Quem aceita perder, ir, deixar... partir, encontrará o cêntuplo. (cf. Mc 10,30) Somente a semente que aceita morrer debaixo do solo, produzirá fruto. (cf. Jo 12,24) Aquele que quer conservar a sua vida, a sua obra, perde. Aquele que aceita perder, entregar, mudar, gratuitamente, na fé, receberá. A parábola do talento é palavra de vida: se se pretende guardar o talento, perde-se tudo. Se se põe a render... realiza-se a vontade de Deus. (cf. Mt 24,14-30)

A este respeito, citamos D. Bosco Merino: " As distintas formas de vida consagrada hão-de deixar de contemplar-se a si mesmas e abrir-se, com abnegada e generosa entrega, à missão da Igreja, que vive um dos momentos mais decisivos da história da evangelização. A cena evangélica repete-se: Jesus compadece-se das multidões que O seguiam e os apóstolos não têm mais que sete pães e uns poucos peixes. (Mt 15,32-37) Entreguemos cada um o pouco que temos, para que o Senhor faça o grande milagre de multiplicar o fruto dos nossos esforços. É preciso entrar num processo sério de revisão para colaborar num projecto mais global e ágil de

³⁸¹ Cf. R.M., 1.

evangelização, o qual, às vezes, é uma instância crítica às formas de pensar e às atitudes pessoais, pois entra em jogo o êxodo, a itinerância, o desprendimento, a inculturação.”³⁸²

A vida religiosa é mistério de fé. Só na fé e pela fé se pode actuar em fidelidade, que é o mesmo que na fé. A fé ou fidelidade ao Espírito leva a gestos arrojados. A audácia criativa *parresia* é um dos frutos do Espírito que Teresa recebeu, acolheu e pôs a render. O que se pede hoje à Congregação, é a mesma capacidade de resposta, secundando, com a pequenez e impotência humana, a acção do Espírito, que actua e vivifica.

Só o cultivo de uma grande confiança no Senhor a levará a viver com intrepidez a aventura missionária. Para tal, é urgente escutar para onde o Espírito a conduz, discernindo as prioridades reais, aceitando o risco do fracasso, renunciando com coragem a tarefas que não têm tanta força evangelizadora.

Na *Redemptoris Missio* afirma-se que “A actividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio. A missão *ad gentes* ainda está no seu começo. Temos de dirigir a atenção missionária para aquelas áreas geográficas e para aqueles ambientes culturais que permaneceram à margem do influxo evangélico.”³⁸³ A consagração na missão é sempre manancial de alegria, e o grande sinal evangélico, sobretudo nos países pobres. Papel importante é desempenhado pela mulher consagrada, como “ indispensável sinal evangélico, naqueles povos e culturas onde a mulher deve ainda percorrer um longo caminho em ordem à sua promoção humana e libertação.”³⁸⁴

João Paulo II exprime votos de “que muitas jovens cristãs sintam a sedução de se entregarem a Cristo com generosidade, extraindo da sua consagração a força e a alegria para O testemunharem entre os povos que O ignoram.”³⁸⁵

³⁸² A. BOSCO MERINO, *Validez y futuro do proceso de renovación de la vida consagrada* in: V.R., 1 Enero 1995, 33.

³⁸³ R.M., 40.

³⁸⁴ R.M., 70.

³⁸⁵ Ibid.

Teresa de Saldanha confessava, frequentemente, que o contacto com os pobres é um dos melhores meios de fazer o bem. Só esse contacto, essa inserção, é capaz de transformações profundas. Os pobres contagiam com a força do Evangelho da Esperança.

“ A missão é parte essencial da vida consagrada” é a mais recente palavra que o Espírito disse aos religiosos, no Sínodo da Vida Consagrada. Entre os desafios que no momento actual se apresentam, há a destacar a missão ad gentes, num mundo em que dois terços da humanidade não conhece a mensagem salvadora de Cristo. As próprias Igrejas jovens, devem transformar-se de evangelizadas em evangelizadoras. É prioritário o anúncio de Cristo, unido ao testemunho, ao diálogo, à promoção humana, à inculturação.”³⁸⁶

3.2.6. Estudo e contemplação

A Congregação está alicerçada na Ordem Dominicana, vivendo os seus elementos constitutivos: oração, estudo, vida fraterna, apostolado.

Do apostolado já tivemos ocasião de falar. A vida fraterna é o fim principal da reunião em comunidade, como escreveu Santo Agostinho, na Regra: "O fim principal que vos levou a reunir-vos em comunidade foi viverdes em santa concórdia e com tanta união de caridade, que não tenhais mais que um só coração e uma só alma em Deus." ³⁸⁷

Do estudo e da contemplação, dimensões essenciais na fidelidade criativa, para fomentar a identidade da Congregação, falaremos agora.

³⁸⁶ C. AMIGO VALLEJA, *El Sínodo...*, *ibid.*, 50.

³⁸⁷ SANTO AGOSTINHO, *Regra*, in: *Constituições C:D.C.S.*, 7.

3.2.6.1. Estudo

"Como dominicanas educadoras,
somos chamadas a uma
busca incessante da Verdade:
contemplada, vivida, comunicada."

Constituições ³⁸⁸

A Congregação nasceu, essencialmente, com uma missão educativa. As actuais Constituições, atestam essa vocação ao dedicarem ao tema da formação permanente e do estudo alguns dos seus capítulos. Essas páginas são ricas de conteúdos: “Um dos temas fundamentais, na formação das irmãs, é a análise do espírito e intenções da Madre Fundadora, no seu contexto histórico e na sua projecção ao longo dos tempos.” (nº230) Sem deixar de apelar aos órgãos de governo para que sejam motores da formação, responsabilizam a própria Irmã pela autoformação. O “estudo é um elemento essencial na procura da Verdade. É um meio eficaz para nos motivar a um empenhamento cada vez mais sério e feliz na nossa vocação.” (234, II)

Está, claramente, atestada essa necessidade fundamental, como exigência da vocação dominicana: “ é uma benéfica forma de ascese, uma excelente observância: ele fecunda a nossa acção e contemplação, ilumina e fortalece a nossa fidelidade aos conselhos evangélicos.” (237) Se o campo profissional é extremamente importante, para dar resposta às urgências actuais, mais importante, como dominicanas, é o estudo da Verdade.

O ex-Mestre Geral, Fr. Damian Byrne, recomenda, inúmeras vezes, a exigência do estudo dominicano para acção de pregação conjunta de Irmãos e Irmãs. Ora, só na medida em que as Irmãs se equiparem com uma bagagem teológica, poderão responder a esse apelo, com eficácia. Lembra que os Capítulos de Wallberg de 1980 e de Roma, 1983, “ pede aos frades que se unam em equipas de pregação com

³⁸⁸ C.D.C.S., *Constituições*, X, 234, II.

as Irmãs. Desta forma a nossa pregação chegará com mais facilidade e mais eficácia à totalidade da pessoa.”³⁸⁹

Mas, como pregar com equiparação, se não se dedicarem mais ao estudo da Teologia, nos seus diversos ramos ?

Só na medida em que o fizerem contribuirão para que o “trabalho conjunto de Irmãos e Irmãs constitui por si mesmo um testemunho, uma pregação. S. Domingos queria que os seus pregadores fossem estudiosos e competentes.”³⁹⁰

As filhas de S. Domingos têm de fazer esse percurso, têm de se abrir à ascética que exige uma vida dedicada ao estudo. Assim poderão pregar, como dominicanas, a partir da sua experiência de mulheres. Continua o mesmo documento: “Podemos falar da dignidade da mulher, mas as nossas palavras não terão valor enquanto não formos vistos como uma Ordem na qual homens e mulheres trabalham juntos, com mútuo respeito e sem temor. Isso seria, na verdade, uma palavra feita carne, encarnação da Teologia.”³⁹¹

A Congregação está aberta a este desafio ? Quer tornar possível esta encarnação da Teologia ?

O excesso de activismo, é, por vezes, sufocante. Contudo, a fidelidade a Domingos, o homem sereno, estudioso, orante e fraterno, convida, novamente, as dominicanas a seguir Jesus no seu jeito alegre e contemplativo.

A Fundadora, além de escolher a Ordem Dominicana, quis que ela vivesse sob o patrocínio da primeira doutora da Igreja: Catarina de Sena. Os seus escritos são reveladores de uma mulher apaixonada pela Verdade estudada e contemplada.

“É significativo que os primeiros frades tomaram como padroeiras da Ordem: Santa Maria Madalena, apóstola dos apóstolos e Catarina de Alexandria, estudiosa e professora de Filosofia. Há exemplos incontáveis de pregadoras na nossa história: Catarina de Sena, Rosa de Lima, Margaret Hallahan, assim como muitas fundadoras

³⁸⁹ D. BYRNE, *Juntos em Missão*, Carta do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, C.D.M.G.O.P., nº 5, 6.

³⁹⁰ Ibid.

³⁹¹ Ibid., nº 7.

de Congregações femininas." ³⁹² afirma o P. Damian Byrne O.P. no documento citado anteriormente.

Dentre as fundadoras, podemos destacar Teresa de Saldanha que se cultivou, não só nas ciências humanas, mas também em tudo o que dizia respeito à espiritualidade e à Ordem.

É, efectivamente, um elemento da identidade Dominicana a *paixão* por viver e ensinar a Verdade, que liberta.

O Sínodo sobre a Vida Consagrada ao propor que a mulher, sobretudo a religiosa, acceda a postos directivos dentro da Igreja, está a desafiar-la para uma exigente preparação, que requer entusiasmo e empenho no estudo.³⁹³

3.2.6.2. A Contemplação

“O Amor segue o conhecimento
e quanto mais se conhece, mais se ama”

S^a Catarina de Sena. ³⁹⁴

A identidade e a missão da Congregação, o compromisso apostólico e a opção pelos pobres, a inserção e os desafios da inculturação estão ligados ao sonho original de Teresa de Saldanha e à vivência dessa audácia com uma idêntica experiência de fé, que é sempre *experiência de Deus*.

O problema da vida religiosa, hoje, não é um questão de acção, mas sobretudo, de experiência de Deus. A vida consagrada é, pois, uma caminhada na fé

³⁹² D. BYRNE, *Juntos em Missão*, Carta do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, C.D.M.G.O.P., 6.

³⁹³ Cf. *O.R.*, Ano XXV, 29 de Outubro de 1994, 13.

³⁹⁴ SANTA CATARINA DE SENA, *O Diálogo...*, *ibid.*, 85.

que tem de crescer cada dia em “comprimento, altura, largura e profundidade” (cf. Ef 3,18) e de ser fundamentada não apenas no estudo, mas acima de tudo, no amor.

A actualidade do projecto de Teresa de Saldanha exige uma redescoberta do sentido da vida religiosa como uma adesão pessoal e radical a Jesus Cristo, como o Tudo de cada vida consagrada. Sem esta fé viva, facilmente se pode cair no desencanto, na desilusão, na fadiga, no desinteresse, na desmotivação, na falta de alegria e de esperança.

Para fazer barreira a estas invasões perniciosas é imprescindível a volta ao silêncio, à oração contemplativa, enfim, à intensificação da amizade pessoal com Jesus Cristo. Amizade que se alimenta na Palavra escutada, meditada, rezada, contemplada, pregada e celebrada, não só comunitariamente, mas também no silêncio e na solidão. A Palavra é, para as dominicanas, a exemplo de São Domingos que sabia de cor, isto é, de coração, o Evangelho de Mateus e as Cartas Paulinas, o seu principal alimento espiritual.³⁹⁵

Domingos, Catarina de Sena e Teresa de Saldanha viveram uma idêntica experiência de Deus, uma espiritualidade incarnada, sem dicotomias nem subterfúgios, em contacto com a humanidade. Estes irmãos mais velhos continuam a testemunhar que é possível ser contemplativos, isto é, viver mergulhados em Deus, e, sem deixar de *permanecer n'Ele*, (Jo 15,7) simultaneamente activos, numa atenção permanente ao mundo, olhando-o com olhos de ternura, compaixão e misericórdia.

A espiritualidade dominicana é uma espiritualidade de olhos abertos: integra a contemplação e a acção, a paixão por Deus e a compaixão pelo mundo. A experiência de Deus não é assunto exclusivo de momentos fortes de retiro, de oração e celebração, Vive-se no compromisso em favor dos mais débeis, em contacto com as dores da humanidade.³⁹⁶

A contemplação passa pela atenção, a perplexidade, o espanto e a admiração: à História pessoal, apreciando as maravilhas que Deus nela opera; à História da

³⁹⁵ Cf. cit. in: *Constituições*, C.D.C.S., 140.

³⁹⁶ Cf. F. MARTINEZ DIEZ, *Cien años de apostolado*, Boletín Misioneras de Santo Domingo, Año IV, Nov. Madrid 1994, 8.

Congregação, descobrindo aí a acção do Espírito e o convite a novos e audazes percursos; à História do tempo presente, respondendo aos seus desafios e interpelações.

Exercitando esta contemplação, reza-se a vida e promove-se a identidade da Congregação. A experiência de Deus partilhada, a fé comum no mesmo Senhor é a base teologal para construir a comunidade religiosa, a Congregação. Sem esta referência teologal, não é fácil manter a identidade fundacional. É este o desafio, a intensificação da experiência de Deus, vivenciando o carisma dominicano: a contemplação.

S. Tomás de Aquino sintetizou a vida dominicana na divulgada expressão: *Contemplata allis tradere.*"³⁹⁷ Não se trata de separar contemplação e acção, mas de unificar toda a vida no Amor. A vida espiritual consiste na união amorosa ao Espírito de Jesus que nos introduz na obediência ao Pai, pela participação na vida da Família Divina.

Uma Congregação dada à educação e à missão tem de realizar uma acção, que se apoia na contemplação, transcendendo a distinção: vida activa e vida contemplativa. Contemplar e dar aos outros o contemplado não se pode realizar sem o amor d'Aquele de quem se fala e também daqueles a quem se fala. Só o amor, a caridade medem os actos da contemplação de Deus. Para S. Tomás, não há maior sinal de amor do que a contemplação, porque no interior da contemplação há Amor, e não ideias, a Deus e ao próximo. Aquele que anuncia a Palavra de Deus deve primeiro escutá-la e meditá-la em si."³⁹⁸

São Domingos realiza plenamente a sua unidade na vida apostólica, que certamente não é uma justaposição de contemplação e acção, mas a Verdade da Vida, de que fala S. João. (1 Jo 3,19)

Este é o grande desafio que se coloca à Congregação: fazer a verdade da vida e na vida.

³⁹⁷ Cf. Nota 218.

³⁹⁸ Cf. M. J. NICOLAS, *La Contemplation et la Theologie* in: V.S., 707, Nov./Dez. 1993, Madrid 1994, 668-700.

Anunciar o Evangelho exige de a sua vivência.

Anunciar a Cristo pobre e a opção preferencial pelos pobres, exige a austeridade, a sobriedade e a simplicidade de vida.

Anunciar a justiça exige a sua busca em todas as relações *ad intra* e *ad extra*, com misericórdia e fraternidade.

Anunciar o perdão exige a capacidade de perdoar setenta vezes sete.

(Mt 18,22)

Anunciar o amor gratuito de Deus exige a disponibilidade, a gratuidade e a generosidade na missão apostólica.

Anunciar o Absoluto de Deus exige um testemunho contagiante de alegria, serenidade, paz, bondade e fraternidade. (Gal 5,22)

Só na medida em que se vive e partilha a mesma e única experiência de Deus, na interioridade e profundidade de uma entrega radical, no silêncio da oração pessoal e comunitária e na acção de libertação da humanidade sofredora, no *coração das massas*, é que se testemunha que a Verdade liberta e o Amor dá sentido à vida, porque *só quem ama conhece a Deus*. (1 Jo 4,8)

CONCLUSÃO

Esta viagem ao século passado levou-nos a descobrir um Portugal marcado por lutas, divisões, contendas e algum desleixo e uma Igreja apática e desmotivada no anúncio do Evangelho e na dedicação à causa da pessoa humana e da sua dignificação.

Nesse espaço sombrio, uma mulher, Teresa de Saldanha, nasceu, cresceu numa atitude de abertura ao Transcendente, numa atitude de permanente resposta às carências desse povo, que a viu nascer, que a viu inovar e criar estruturas ao serviço da vida, da cultura, da fraternidade. Rica de talentos e bens materiais e culturais, renuncia a um determinado estilo de ser e estar, para se consagrar, sem medida, à obra da promoção e educação daqueles que mais se identificam com Jesus de Nazaré: os pobres, os doentes, os deserdados.

Uma conclusão se impõe: a abertura a Deus e a escuta da Sua vontade é sempre fonte de alegria, de felicidade, de criatividade, que se concretiza em acções ou projectos de promoção de dignificação e evangelização.

Para realizar e dilatar, com mais consistência, essa acção pastoral funda, sob a inspiração do Espírito, uma Congregação Dominicana, com um objectivo claro e definido: cuidar os pobres de todas as formas. Adiantou-se em relação ao seu tempo, na preocupação pela educação da mulher.

A Congregação nasce, portanto, de uma intervenção de Deus na história humana, surge das entranhas da própria história. Nela se conjuga a acção do Espírito e a resposta fiel da Fundadora.

Numa Igreja marcada pela apatia e inércia, a Congregação surge como uma resposta concreta e urgente do Espírito, à crise que a submergia, no intento de a renovar.

Ao fundar, organizar e dirigir uma Congregação, manifestou que a mulher é tão apta como o homem, para acolher os dons do Espírito. Revelou capacidade para

escutar os apelos da História, os apelos de Deus. Projectou, organizou, dirigiu, dilatou, com enorme audácia, uma empresa, tão difícil, como necessária: uma Comunidade de seguidoras que, rapidamente, se espalharam a semear, *nas boas obras e no silêncio*, o Reino.

A história do passado ilumina o presente e dá-lhe sentido. A Congregação nasceu na Igreja, como parte do ramo da grande árvore Dominicana para responder a necessidades históricas e eclesiais concretas.

A sua renovação supõe, necessariamente, a actualização e a revitalização do carisma fundacional. A memória da Fundadora é sempre fonte de inspiração e ponto de referência obrigatório para interpretar a espiritualidade da Congregação e a busca de novos percursos, que manterão a vigência desta família. A sua identidade e unidade convivem com o necessário pluralismo étnico e com a inculturação do carisma.

Os desafios continuam a ser, hoje, os mesmos do seu tempo, avolumados, contudo, pela rápida e incessante evolução do mundo actual: a identidade da própria Congregação, nos novos contextos culturais, com uma forte exigência de inculturação e a consequente abertura ao pluralismo, em todos os aspectos, designadamente: teológico, cultural, político.

Elementos fundamentais da identidade são: a necessária renovação, *aggiornamento*, que exige de todos membros a aberta disponibilidade às moções do Espírito; a atenta escuta do clamor dos pobres da Terra, a quem a Congregação é enviada, numa atitude de solidariedade e de serviço disponível, para partilhar a sua sorte; a educação, sobretudo da mulher dos países pobres, vítima da prepotência e domínio do homem; a abertura de novas comunidades de inserção, pequenos faróis a iluminar, pelo ser e pelo estar, os que navegam, no mar da miséria, do desemprego, da marginalização; a nova evangelização e a missão *ad gentes* como "possibilidades de expansão e de doação tipicamente femininas"³⁹⁹ e como corolário da própria filiação Dominicana, ao serviço da Verdade que liberta, pelo anúncio da Boa Nova, que é sempre Palavra de Esperança.

³⁹⁹ J.TOMKO, *Dimensão missionária da Vida Consagrada*, in: O.R., Ano XXV, 22 de Outubro de 1994, 7.

Na medida em que a Congregação estiver atenta aos desafios de hoje e lhe responder com uma audácia idêntica à da sua Fundadora, será um projecto de vida religiosa actual na Igreja e na sociedade, contribuindo para a sua renovação.

A actualização do carisma é um processo exigente e contínuo. Requer não só lucidez, profundidade e autenticidade, mas também grande dose de fé e de esperança em Deus e uma atenção, escuta e sensibilidade ao povo ao quem serve. Contemplando o mundo e todos os seus acontecimentos como *sacramentos de Deus*, como *lugares teológicos* nos quais Deus fala, responderá adequadamente aos constantes desafios do presente e do futuro.

Exigência desta memória e percurso é a capacidade de deserto, como espaço de encontro e de escuta humilde da Palavra, da oração silenciosa, da meditação e adoração, deixando-se conduzir pelo Espírito.

Saboreando a Palavra que liberta, através do estudo e da oração contemplativa, as Dominicanas viverão e irradiarão a alegria e a paz, tal como Domingos de Gusmão, o homem sereno e equilibrado, que irradiava no seu rosto a manifestação da sua bondade.⁴⁰⁰

⁴⁰⁰ Cf. GALMES y GOMES, *Santo Domingo de Gusman - Fuentes para su conocimiento*, BAC, Madrid 1987, 118.

BIBLIOGRAFIA

FONTES

SALDANHA, Teresa: *Actas, Cartas, Crónicas, Exortações, Relatórios*, in: Arquivo da Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena, Casa de S. José, Quinta do Ramalhão, Sintra, Portugal, 1844-1916.

- *Constituições das Irmãs da Congregação de Santa Catarina de Sena, da Ordem Terceira Regular de S. Domingos em Portugal*, Lisboa 1887.

DOMINICANAS, *Constituições da Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena*, Gráfica Telles da Silva, Lisboa 1987.

THIAUCOURT, Maria Rosa O.P., *Madre Teresa de Saldanha, vida e obra*, Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena, Lisboa 1987².

DOCUMENTOS DA IGREJA

LEONIS PP. XIII, *Quod Apostolici muneris*, 1878.

- *Auspicatum Concessum*, 1884.

- *Rerum Novarum*, 1891.

Conc. VATICANUS II:

Ad Gentes

Gaudium et Spes

Lumen Gentium

Perfecta Caritatis

La Iglesia en la actual transformación de America Latina a la luz del Concilio - Segunda Conferencia General del Episcopado Latinoamericano, Medellin 1968, Secretariado General del CELAM, Bogotá 1968.

Evangelização no presente e no futuro da América Latina - Conclusão da III Conferência Geral do Episcopado da América Latina, Paulinas, S. Paulo 1979.

PAULUS, PP. VI, *Evangelica Testificatio*, 1962.

- *Populorum Progressio*, 1967.

- *Evangelii Nuntiandi*, 1975.

IOHANES PAULUS, PP. II, *Redemptoris Missio*, 1990.

- *Sollicitudo Rei Socialis*, 1987.

SCRIS, *Religiosos y Promoción Humana*, Roma 1980 in: *La Vida Religiosa*, Documentos Conciliares y posconciliares, Claretianas, Madrid 1987.

L'Osservatore Romano - Edição Semanal em Português.

Carta Pastoral sobre os Religiosos em Portugal - Conferência Episcopal Portuguesa, Secretariado Geral do Episcopado, 1980.

OBRAS DE APOIO

AGOSTINHO Stº, *Regra*, in: DOMINICANAS, *Constituições da Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena*, Gráfica Telles da Silva, Lisboa 1987.

ALEIXANDRE, D., *La voluntad de Dios: a un paso del juego y del riesgo*, in: *Sal Terrae* - Revista de Teología Pastoral, Octubre de 1993.

ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, III, Civilização, Lisboa 1970.

AMEAL, João, *História de Portugal*, T. Martins, Porto 1940.

AMIGO VALLEJO, C., *El Sínodo de los obispos y la Vida Consagrada*, Claretianas, Madrid, 1994.

ARANGO ELKIN Y Equipo, *Un Camino de formación. Un Cam inicial en la Vida Religiosa para una nueva evangelizacion*, Verbo Divino, Estella 1992.

ARANTES. H., *D. Theresa Rio Maior*, L. Ferreira , Lisboa 1916.

AUBERT, Jean Marie, *L'exil féminin, Antifeminisme et cristianisme*, Cerf, Paris 1988.

AUBERT, Marie Joséphe, *Les Religieuses sont-elles des femmes ?* Centurion, Paris 1976.

AUBERT, Roger, *Nouvelle Histoire de l'Eglise, IV, V*, Seuil, Paris 1975.

BALTHASAR, Hans Urs von, *Teresa de Lisieux - História de una Misión*, Herder, Barcelona 1989.

BEDOUELLE, G. *Dominique ou la grâce de la predication*, in: *La Vie Spirituelle*, 139, Jan./Fev. nº 663 1985.

BERTEN, Ignace, *Christ pour les pauvres, Dieu à marge de l'histoire*, Cerf, Paris 1989.

BOFF, Leonardo, *Jesus Cristo Libertador*, Vozes, Petrópolis 1976.

BOSCO MERINO, A., *Validez y futuro do processo de renovación de la vida consagrada* in: *Vida Religiosa*, 1 Enero, Madrid 1995.

BYRNE, Damian, *O ministério da Pregação*, Documentos do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, nº 3, Setembro, Lisboa 1990.

CÂMARA, Helder, *O deserto é fértil*, Centro do Livro Brasileiro, Rio de Janeiro 1976.

CARVALHO R., *História do ensino em Portugal*, Fundação C. Gulbenkian, Lisboa 1986.

CATARINA DE SENA S^ª, *O Diálogo*, Paulinas, S.Paulo 1984.

CHAREIRE, Isabella, *Contemplation et option pour les pauvre* in: *Lumière et Vie*, Mai, nº 207, (1992).

CHENU, M.D., *L'Ordre de Saint Dominique a-t-il encore sa chance ?* in: *La Vie Spirituelle*, 139, Janv. / Fev. nº 663 (1985)

CIARDI, Fabio, *Los Fundadores, Hombres del Espíritu - Para una Teología del Carisma de Fundador*, Paulinas, Madrid 1983.

- *Experiencia Comunitaria de los Fundadores*, in: *Vida Religiosa*, 1 Enero, Madrid 1993.

CLEMENTE, Manuel, *A Igreja e o liberalismo. Um desafio e uma primeira resposta*, Communio, Revista Internacional Católica, nº 6, Lisboa 1992.

- *Clericalismo e anticlericalismo na cultura portuguesa*, Reflexão Cristã, nº 53, Fev./ Março, Lisboa 1987.

- *Laicização da sociedade e afirmação do laicado em Portugal (1820-1840)*, Lusitania Sacra, 2ª série, 3 (1991) 548-.

- *Nas Origens do Apostolado contemporâneo em Portugal - A "Sociedade Católica" (1843-1853)*, Universidade Católica Portuguesa, Braga 1993.

- *Os Católicos Portugueses e os princípios de 89* in: Communio Revista Internacional Católica nº 1, Lisboa 1989.
- *Teresa de Saldanha e a renovação Católica em Portugal*, prefácio à obra de Thiaucourt M.R., *Madre Teresa de Saldanha, vida e obra*, Congregação Dominicanas de Santa Catarina de Sena, Lisboa 1987 ².
- CONGAR, Y., *L'Ordre des Frères Prêcheurs dans le monde de ce temps*, La Vie Spirituelle, 139 - Janv. / Fev. nº 663 (1985).
- CORDEIRO, A. da Costa, *Oração fúnebre proferida nas exéquias da Ex.ma Sr^a Condessa de Rio Maior*, I. N., Lisboa 1890.
- COUESNONGLE, Vincent, *Le courage du futur - Messages aux Dominicains*, Cerf Paris 1980.
- CRISTO REY PAREDES, J., *Un nuevo amanecer simbolico*, in: *Vida Religiosa*, 15 Nov., Madrid 1993.
- CRISTÓVÃO, Maria do Céu, *A questão das Irmãs da Caridade - Estudo de opinião pública 1858-1862*, mimeografado: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa 1977.
- DOMINGUES, Bento, *Uma Congregação bem portuguesa - ambiguidades de um nome - Obstáculos ou desafios à inculturação em novos países*, Conferência proferida na Fundação C. Gulbenkian, C.D.C.S., Lisboa 1988.
- ESTEVÃO, José, *Discursos Parlamentares*, Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro 1983.
- FERREIRA, A. Matos, *La revolution Française et le developpement du Catholicisme au Portugal, quelques questions et perspectives*, (Perspectives de l'impact révolutionnaire et de l'emergence du libéralisme dans le Catholicisme portugais) F.C.Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris 1990.
- *Perspectivas sobre o Catolicismo no Portugal Contemporâneo(1820-1858)*, Universidade C. Portuguesa, Lisboa 1988.
- FILIPPE Nuno, *Teresa de Saldanha. Uma vida para os outros*, C.D.S.C.S., Lisboa 1990.
- FLORISTAN, Casiano, *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, Sígueme, Madrid 1983.
- *Teología Práctica - Teoría y Praxis de la Accion Pastoral*, Sígueme Madrid 1991.

FOUCAULT Michel, *O que é um autor ?* C. Passagens, Vega 1992.

GALMES L. Y GOMES V., *Santo Domingo de Gusman - Fuentes para su conocimiento*, BAC, Madrid 1987.

GARCÍA J.A., *Hogar y taller - seguimiento de Jesús y comunidad religiosa* in: *Sal Terrae*, 1985.

- "Yo tengo otro alimento que vosotros no conoceis" Jesús y la voluntad de Dios su Padre in *Sal Terrae*, revista de Teología Pastoral, Diciembre 1993.

GASPAR João Gonçalves, *A Diocese de Aveiro - subsídios para a sua história* Cúria Diocesana de Aveiro, Aveiro 1964.

GIORDANI Bruno, *La mujer en edad adulta - Aspectos psicológicos* in: *Vida Religiosa* - Boletín, nº 7, 15 Mayo, Madrid 1994.

GOMEZ J. ALVAREZ, *Historia de la Vida Religiosa*, III Vol., Claretianas, Madrid 1990.

GONZALÉZ FAUS Ignacio, *Vicarios de Cristo*, Trotta, Valladolid 1991.

GRANDI - GALLI, *Historia da Igreja*, Paulinas 1963.

GUERRA Paulo, *Comunidade Nova , Vida Religiosa hoje*, Apostolado da Oração Braga 1979.

GUTIERREZ Gustavo, *La liberación par la foi, boire à son propre puits*, Cerf, Paris 1985.

HOSTIE Raymond, *Vie et mort des Ordres Religieux*, Desclée De Brouwer, Paris 1972.

JOÃO XXIII, *Diário Intimo*, Moraes, Lisboa 1964.

- *Radiomensaje de 11 de Setiembre de 1962*, cit. Losada " *La Iglesia española y los pobres a los veinte años del Concilio*" in: *Corintios XIII*, Out. / Dec. 1985.

JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes no Congresso de Vida Consagrada de 7 de Novembro de 1993*, *L'Osservatore Romano*, 3 de Dezembro de 1993.

- *Carta Apostólica a los Religiosos y Religiosas de America Latina con motivo del V Centenario de la evangelización del nuevo mundo*, in: CONFER, revista de Vida Religiosa, nº 113, Enero/ Marzo 1991.

- *Mensaje para la Cuaresma de 1995* in: Manos Unidas - Boletín nº 118, Enero/Marzo, Madrid 1995.

Mulher, educadora de paz, Mensagem para o XXVIII Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 1995, in: Folha da Paróquia de S. Domingos de Benfica, Lisboa 1995.

LACORDAIRE, *Santo Domingo y su Orden*, San Esteban , Salamanca 1989.

LANGLOIS Claude, *Le Catholicisme au féminin, Les Congregations françaises à superieure generale au XIX^{ème} siècle*, Cerf, Paris 1984.

LAPIERRRE Claude, *A Cidade da Alegria*, Record, Rio de Janeiro 1987.

LATOURELLE René, *A Jesús el Cristo por los evangelios*, Sígueme, Salamanca 1982.

LIBANIO J.L., *Vida religiosa y compromiso con la liberación de los pobres*, Cuadernos pedagógicos de Vida Consagrada, Claretianas, Madrid 1995.

LOIS Júlio, *Identidad Cristiana y Compromiso socio-político*, HOAC, Madrid 1989.

- *La opción por los pobres en la Teología de la libertacion*, Tesis doctoral, IEPALA, Madrid 1985.

LOZANO Juan Manuel, *Los Fundadores Profetas de la Historia*, Claretianas, Madrid 1978.

MACEDO J. Borges de., *O anticlericalismo em Portugal no século XIX*, in: Communio, Revista Internacional Católica, nº 5 Set./Out. , Lisboa 1985.

MARQUESA DE RIO MAIOR, *Fundação da Ordem das Terceiras de S. Domingos em Portugal*, C.D.C.S., Lisboa 1987².

MARTIN VELASCO Juan, *Increencia y Evangelización - Del Dialogo al testimonio* in Sal Terrae, Santander 1988.

- *Lo Sagrado y lo profano en la experiencia del hombre de hoy*, in: *Vida Religiosa*, 1 Septiembre, Madrid 1994.

- *Secularización*, Diccionario Teológico de la Vida Consagrada, Claretianas, Madrid 1989.

MARTINEZ DíEZ Felicísimo, *Caminos de liberación y de vida*, DDB, Bilbao 1989.

- *La nueva evangelización, Restauración o alternativa*, Paulinas Madrid 1992.

- *Refundar la Vida Religiosa - Vida carismática y mision profetica*, S. Pablo, Madrid 1994.

- *Santo Domingo, Evangelio Viviente*, San Esteban, Salamanca 1991.

- *Santo Domingo, Evangelio Viviente - La Orden de Predicadores, I,II*, CIDAL - Dominicos de America Latina, Bogotá 1987.

MARQUES Oliveira, *História de Portugal II Vol*, Pallas, Lisboa 1973.

MATTOSO José, *História de Portugal, o Liberalismo V Vol.*, Círculo de Leitores Lisboa 1993.

METZ Johan Baptist, *Mas allá de la religión burguesa*, Sígueme, Salamanca 1982.

- *Las Ordenes Religiosas - su misión en un futuro próximo como testimonio vivo del seguimiento de Cristo*, Herder, Barcelona 1976.

- *Pasión de Dios, La existencia de Órdenes Religiosas hoy*, Herder Barcelona 1992.

- *Teología como biografía*, Concilium 115, 1976

MOURA Rosa Mendes, *Padre Raimundo Beirão - onde houver bem a fazer*, São Salvador , Bahia 1989.

MOURÃO J. A., *Teresa de Saldanha, cedências: o amor, a circunstância, o aforismo*, C.D.C.S. Lisboa 1988.

NICOLAS Marie Joseph, *La Contemplation et la Theologie in: La Vie Spirituelle*, 707, Nov./ Dic. (1993)

MONGE, J. A. GARCIA *Cuando el tiempo es oportunidad* in *Sal Terrae*, revista de T. Pastoral, Diciembre, Santander 1993.

OLIVEIRA Martins, *Portugal Contemporâneo*, Guimarães 1976.

- OLIVEIRA Miguel, *História de Igreja*, União Gráfica , Lisboa 1959.
- PHILIPPE Paul, *Contemplation au XIII Siécle* in *Diccionaire de Spiritualité*, II Tome, 2 P., Beauchesne, Paris 1953.
- PIRONIO E. Card., *Alegres na Esperança*, Paulistas, Lisboa 1979.
- PIKAZA Xabier, *Tratado de la Vida Religiosa*, Claretianas, Madrid 1990.
- PIXLEY Jorge - C. BOFF, *Opción por los pobres*, C. Cristianismo y Sociedad, Paulinas, Madrid 1986.
- RADCLIFFE Timothy, *Votados à Missão - uma carta à Ordem*, Monjas Dominicanas - Mosteiro de Santa Maria, Lisboa 1994.
- RAMBLA J.M. *Escoger la Vida* in: *Sal Terrae*, revista T. Pastoral, Octubre, Santander 1993.
- RENARD C., *O Concílio e as Religiosas*, Paulinas, S. Paulo 1968.
- RIBEIRO Abílio Pina, *Vida Consagrada: Sinal e Serviço*, Paulistas, Lisboa 1980.
- ROLO Raul, *Teresa de Saldanha, mulher da Igreja*, C.D.C.S., Lisboa 1988.
- SÁ V., *Lisboa no Liberalismo*, Livros Horizonte, Lisboa 1992.
- SAXÓNIA Jordão O.P., *Opúsculo sobre as origens da Ordem dos Pregadores*, Fontes Dominicanas 1, Secretariado Provincial - Dominicanos, Fátima 1987.
- SCHILLEBEECKX E., *Soy un Teólogo Feliz*, Dehoniano, Bologna 1993.
- SERRÃO Joel, *Da situação da mulher portuguesa no século XIX*, Livros Horizonte, Lisboa 1987.
- TELLO INGELMO Nicolás, *Discusiones en el Aula Sinodal* in: *Vida Religiosa*, 1 Noviembre, Madrid 1994.
- TILLARD J.M.R., *Religiosos un camino de evangelio*, Claretianas, Madrid 1977.
- *La Vida Religiosa, Vida Carismática*, Claretianas, Madrid 1977.
- THOMAS Aq. Stº, *Summa Theologica*, II, II, A. BLOT, Porto Alegre 1981.
- TORRES QUEIRUGA, *Creo en Dios Padre, El Dios de Jesús como afirmación plena del hombre*, *Sal Terrae*, Santander 1986.

TRINDADE M. *Portugallo, V., 1834 -*, in: *Dizionario degli Instituti di Perfezione*, Vol. VII Pio II Rzadka, Paoline, Roma 1983.

TURIN Yvonne, *Femmes et religieuses au XIX^{ème} siècle, le féminisme "en religion"*, Nouvelle Cité, Paris 1989.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1832-1851) VIII Vol.* Verbo Lisboa 1986.

VIDAL J.E. Lima, *Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas*, Tip. Seminário das Missões, Cucujães 1938.

VIEIRA Ana Maria, *Teresa de Saldanha, singularidade de um projecto*, in: *Reflexão Cristã* n° 66/67 (Out./Dez.), Lisboa 1989.

AA.V., *A Igreja e a opção pelos pobres*, Jornadas de Teologia, Gráfica de Coimbra Coimbra 1988.

AA.V., *Evocação de Teresa de Saldanha - 150 anos do seu nascimento, 1987-1988*, C.D.C.S., Lisboa 1988.

AA.V., *Iniciación al compromiso en el Catecumenado Juvenil*, San Pio X, Madrid 1985.

AA.V., *Carismas en la Iglesia para el mundo - La Vida Religiosa hoy*, U.S.Generales, San Pablo, Madrid 1994.

AA., *De cara al Tercer milenio, lecciones y desafios*, Sal Terrae, Santander 1991.

AA.V., *Dominicains, L'Ordre des Prêcheurs présenté par quelques uns d'entre eux*, Cerf, Paris 1980.

AA.V., *Los Derechos Humanos en la Iglesia*, San Esteban, Salamanca 1986.

AA.V., *La opción por los pobres*, Sal Terrae, Santander 1991.

AA.V., *"Lo viejo pasó... Ha comenzado lo nuevo" Refundación, lenguaje y creatividad en la Vida Consagrada*, Claretianas, Madrid 1994.

ZELLER Renée, *Les Congregations Dominicaines du Tiers Ordre Régulier - Les Ordres Religieux*, Letouzey et année, Paris 1924.

Documentos da Ordem Dominicana:

- Coleção *Documentos do Mestre Geral da Ordem dos Pregadores*, 1988 - 1994.

- *I.D.I. Informaciones Dominicanas Internacionales*, Oct. 1988; Nov. 1994.

ÍNDICE

The table of contents is empty because none of the paragraph styles selected in the Document Inspector are used in the document.

BIBLIOGRAFIA.....	
..	164